

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA E SOCIEDADE  
LINHA DE MEDIAÇÕES E CULTURAS**

**JULIO TEODORO DA COSTA**

**QUAL É O BABADO?  
O DESIGN GRÁFICO COMO TECNOLOGIA DE GÊNERO EM  
UM PERIÓDICO LGBTQIA+ DE CAMPINAS (1996-1998)**

**CURITIBA  
2021**

**JULIO TEODORO DA COSTA**

**QUAL É O BABADO?  
O DESIGN GRÁFICO COMO TECNOLOGIA DE GÊNERO EM  
UM PERIÓDICO LGBTQIA+ DE CAMPINAS (1996-1998)**

**"Qual é o Babado?" Graphic Design as Gender Technology In a LGBTQIA+  
Journal In Campinas (1996-1998)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Tecnologia e Sociedade, na área de Concentração: Mediações e Culturas, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Marilda Lopes Pinheiro Queluz

**CURITIBA  
2021**



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Esta licença permite compartilhamento, remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es).  
Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.



**Ministério da Educação  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Câmpus Curitiba**



JULIO TEODORO DA COSTA

**QUAL É O BABADO? O DESIGN GRÁFICO COMO TECNOLOGIA DE GÊNERO EM UM PERIÓDICO  
LGBTQIA+ DE CAMPINAS (1996-1998)**

Trabalho de pesquisa de mestrado apresentado como requisito para obtenção do título de Mestre Em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).  
Área de concentração: Tecnologia E Sociedade.

Data de aprovação: 30 de Abril de 2021

Prof.a Marilda Lopes Pinheiro Queluz, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof.a Marines Ribeiro Dos Santos, Doutorado - Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof Paulo Roberto Souto Maior Junior, Doutorado - Universidade Federal da Paraíba (Ufpb)

Documento gerado pelo Sistema Acadêmico da UTFPR a partir dos dados da Ata de Defesa em 30/04/2021.

## AGRADECIMENTOS

Mesmo sendo considerada solitária, a escrita não é um trabalho que se faz sozinho, mas sim a muitas mãos que, mesmo sem saber, nos incentivam, provocam, deslocam olhares e geram novas perspectivas. É muito difícil lembrar de todo mundo, mas vou fazer um grande esforço para não ser injusto e esquecer ninguém.

Agradeço a meus pais, por todo suporte, carinho, confiança e amor. Espero ser capaz de retribuir pelo menos uma parcela de todo esse amor a vocês!

Agradeço à minha orientadora, prof. Dra. Marilda Lopes Pinheiro Queluz, que acreditou e nutriu este projeto a cada encontro, sempre com sua leitura atenciosa e considerações importantíssimas. Se hoje me identifico como um pesquisador, aprendi a sê-lo contigo!

Agradeço aos professores que participaram da avaliação desta dissertação: prof. Dr. Paulo Souto Maior, e Prof. Dra. Marines Ribeiro do Santos, que através de leituras, considerações e sugestões, também mostraram possibilidades e caminhos novos, contribuindo para o crescimento e desenvolvimento deste projeto.

Agradeço às amigas e amigos que fiz nestes dois anos de mestrado, seja durante as disciplinas, nos eventos e seminários, nas reuniões de grupo, nas sessões de estudos e cafés da C303. Agradeço a Adriana, Aline, Juliana, Catarina, Lygia, Mariana, Michel, Nabylla, Camille, Ariadne, Heloísa, Guilherme, Pamela, Lucas, Takashi, Luana, Leonardo, Bruno, Humberto, e em especial a Camila Voigt, Lais Carvalho, Luisa Manske, Lucas Araujo e João Oliveira.

Agradeço aos amigos Kamilla, Lohann e Hellman, que entre jantares, cervejas, e conversas madrugada adentro, nutriram discussões que contribuiram enormemente para o desenvolvimento do texto aqui apresentado. Obrigado por todo acolhimento e amor que de maneira tão calorosa me ofereceram. A gente sai do KaJuLo, mas ele vai continuar para sempre no coração.

Agradeço a Luiz Alberto do Canto Pivetta por todo amor, carinho, suporte e incentivo em todo esse período. Cada dia é melhor estar perto de ti, mesmo com uma grande distância (ainda) entre a gente. Estar perto não é físico.

Por fim, agradeço a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), ao Programa de Pós Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE), e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

*Uma foto, uma foto.  
Estampada numa grande avenida.  
Uma foto, uma foto.  
Publicada no jornal pela manhã.  
Uma foto, uma foto.  
Na denúncia de perigo na televisão*

*A placa de censura no meu rosto diz:  
Não recomendado à sociedade.  
A tarja de conforto no meu corpo diz:  
Não recomendado à sociedade.*

*Pervertido, mal amado, menino malvado, muito cuidado!  
Má influência, péssima aparência, menino indecente, viado!*

*Não recomendado.  
Caio Prado, 2014.*

## RESUMO

O *Babado* foi um periódico informativo publicado em Campinas (SP) de 1996 a 1998, editado pelo grupo Expressão - Grupo de Defesa dos Direitos Humanos dos homossexuais. Em suas páginas desafiava e reafirmava normas de gênero utilizando humor, sátira e representações construídas através da escrita, imagens e dos elementos de design gráfico, algumas vezes de maneira paradoxal e complexa. Esta dissertação propõe a reflexão sobre o design gráfico sendo utilizado como tecnologia de gênero no periódico, produzindo representações que dialogam com as possibilidades e limitações técnicas, bem como com movimentações sociais da época, participando de redes sociotécnicas mais amplas. Para tanto, contextualizamos algumas circunstâncias de criação do periódico, situando-lo em discussões sobre as identidades culturais, gênero, comunicação e tecnologia para, por fim, analisar como a utilização de fotografias e outros elementos do design contribuem para criar representações que ora reforçam posicionamentos normativos, ora os questionam, contribuindo para construção de noções sobre o corpo em seus leitores e leitoras.

Palavras chave: design gráfico, tecnologia, gênero, homossexualidades, representação

## **ABSTRACT**

*"O Babado" was an informative journal published in Campinas (SP) from the year 1996 to 1998, edited by "Grupo Expressão - Grupo de Defesa dos Direitos Humanos dos homossexuais", a human rights advocacy group for homosexuals. Throughout its pages, using a combination of written representations and graphic design elements to create humor and satire, gender norms are challenged and reaffirmed - sometimes in paradoxical and complex manners. The purpose of this research is to look at the use of graphic design as gender technology, producing representations that converse with possibilities and technical limitations as well as with social movements of the time, participating in wider sociotechnical networks. For that, minding the context and circumstances of the journal's creation, we think over its place and role within discussions on cultural identity, gender and communication. Furthermore, through detailed visual analysis of its covers, we intend to identify how pictures and other graphic design elements help to create representations that, in one way reinforce normative positionings, in other, defy those positionings, contributing to the construction of notions about the body within its readers.*

*Keywords: graphic design, technology, gender, homosexuality, representation*

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Capas das edições nº 00 (Abril-1978), nº11 (Abril-1979), nº 12 (Maio-1979) e nº 15 (Agosto 1979) do jornal Lampião da Esquina.....	25
Figura 02 - Linha do tempo contendo as capas das Edições nº 2 ano 1 (outubro de 1996), nº 3 ano 1 (novembro de 1996), nº 4 ano 1 (dezembro de 1996), nº 5 ano 1 (janeiro/fevereiro de 1996), nº 6 ano 1 (março de 1996), nº 7 ano 1 (abril de 1997), nº 8 ano 1 (maio de 1997), nº 9 ano 1 (junho de 1997) do periódico O Babado.....	40
Figura 03 - Capas de algumas das edições do periódico Nós por exemplo.....	41
Figura 04 - Capas de algumas das edições do periódico Folha de Parreira.....	41
Figura 05 - Linha do tempo contendo as capas das Edições nº 10 ano 1 (setembro de 1997), nº 11 ano 2 (outubro de 1997), nº 12 ano 2 (novembro de 1997), nº 13 ano 2 (dezembro de 1997), nº 14 ano 2 (janeiro de 1998) e nº 15 ano 2 (março de 1998) do periódico O Babado .....	43
Figura 06 - Página dupla da coluna The Best Night Queer Entertainment .....	44
Figura 07 - Página dupla do guia One Way .....	46
Figura 08 - Alguns títulos de colunas presentes no periódico O Babado .....	53
Figura 09 - Chamada da Coluna “Como anda a cabeça dos nossos pais” ( Ano 1, nº 04 - dezembro de 1996 ). Fonte: Centro de documentação Prof. Dr. Luiz Mott .....	55
Figura 10 - Coluna Falando sério - Regina Bottari .....	66
Figura 11 - Coluna veneno by Nabuza Caldão .....	72
Figura 12 - Exemplos das colunas Bolsa de Valores Vavá Up e Neide Basfond.....	80
Figura 13 - A esquerda temos as páginas do número 2 do informativo, e a esquerda um modelo esquemático da composição delas .....	82
Figura 14 - A esquerda temos as páginas do número 15 do informativo, e a esquerda um modelo esquemático da composição delas .....	83
Figura 15 - Títulos com diferentes fontes utilizadas durante a edição nº 3 (novembro de 1996) do periódico O Babado .....	84
Figura 16 - Exemplo de foto montagem utilizada na coluna Lulu Lurex Acontece ...	85
Figura 17 - Linha do tempo contendo as capas das Edições n.º 2 ano 1 (outubro de 1996), n.º 3 ano 1 (novembro de 1996), n.º 4 ano 1 (dezembro de 1996), n.º 5 ano 1 (janeiro/fevereiro de 1996), n.º 6 ano 1 (março de 1996), n.º 7 ano 1 (abril de 1997), n.º 8 ano 1 (maio de 1997), n.º 9 ano 1 (junho de 1997) do periódico O Babado ....	92



Figura 18 - Exemplos com um grid de organização do layout das capas n.º 02 (outubro/1996), 03 (novembro/1996), 04 (dezembro/1996), e 05 (janeiro/1997) do periódico O Babado .....	93
Figura 19 - Capas n.º 02 (outubro/1996) e 03 (novembro/1996) .....	95
Figura 20 - Capas n.º 04 (dezembro/1996) e 05 (janeiro/1997). .....	96
Figura 21 - Capas n.º 06 (março/1996) e 07 (abril/1996). .....	97
Figura 22 - Capas n.º 08 (maio/1996) e 09 (junho/1996). .....	98
Figura 23 - Linha do tempo contendo as capas das Edições n.º 10 ano 1 (setembro/1997), n.º 11 ano 2 (outubro/1997), n.º 12 ano 2 (novembro de 1997), n.º 13 ano 2 (dezembro/1997), e n.º 14 ano 2 (janeiro/1998) do periódico O Babado .....	99
Figura 24 - Exemplos com um grid de organização do layout das capas n.º 02 (outubro/1996), 03 (novembro/1996), 04 (dezembro/1996), e 05 (janeiro/1997) do periódico O Babado .....	101
Figura 25 - Capa da edição nº 15 ano 2 (março de 1998) do periódico O Babado, e grid de composição. ....	102
Figura 26 - Páginas do roteiro One Way.....	111
Figura 27 - Colagem com alguns dos anúncios presentes no periódico O Babado. A proporção de tamanho entre os anúncios não é a mesma das páginas do periódico .....	113
Figura 28 - Páginas com roteiros e guias de exercícios .....	115
Figura 29 - Algumas fotografias onde aparecem mulheres no periódico O Babado .....	117
Figura 30 - Páginas da coluna The best night queer entertainment / ferveção queer. ....	119

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LGBTQIA+ - Lésbicas, gays, bissexuais, trans, queer, intersexo, assexuais, +

HIV - Vírus da imunodeficiência humana

ISTs - Infecções sexualmente transmissíveis

ONGs - Organizações não governamentais

GLS - Gays, lésbicas e simpatizantes

AIDS - Síndrome da imunodeficiência adquirida

UNICAMP - Universidade de Campinas

UFPel - Universidade Federal de Pelotas

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

IBDSEX - Instituto Brasileiro da Diversidade Sexual e de gênero

ANPUH - Associação Nacional de História

CEDOC - Centro de documentação

EAD - Ensino a distância

GALF - Grupo de Ação Lésbico-Feminista

GAPA - *Grupo de Apoio à prevenção à AIDS*

ABIA - *Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS*

VIDDA - *Valorização, Integração e Dignidade do Doente de AIDS*

FHC - Fernando Henrique Cardoso

ABGLT - Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transexuais

HsH - Homens que fazem sexo com outros Homens

DST - Doença Sexualmente Transmissível

ADG - Associação do Design Gráfico

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>2 “MUITO BASFOND E BRILHO!” - DE ONDE VEM O BABADO?</b>	<b>23</b>
1.1 “A ONDA AGORA É ORGANIZAR O MU-MU” - ALGUMAS MOVIMENTAÇÕES LGBTQIA+ DURANTE OS ANOS 1990	23
1.2 QUAL É O BABADO? CONHECENDO UM POUCO MAIS DO PERIÓDICO	37
1.3 AQUENDA A RACIONALIZAÇÃO SUBVERSIVA, DÁ A ELZA NO CÓDIGO TÉCNICO	47
<b>3 “HOMO FAZ, HOMO MOSTRA!” - DAS IDENTIDADES DE GÊNERO ATÉ AS APROPRIAÇÕES TÉCNICAS.</b>	<b>58</b>
2.1 “BOTA A CARA NO SOL, MONA!” - GÊNERO, CULTURA E IDENTIDADE.	58
2.1 SE MONTA NO DESIGN, FRIENDÍSSIMA!	78
<b>4 ESSE CORPO É DO BABADO!</b>	<b>90</b>
3.1 “COVERGIRL, PUT A BASE IN YOUR WALK...” - QUAL É O CORPO DA CAPA?	90
3.2 “...HEAD TO TOE LET YOUR WHOLE BODY TALK!” - O CORPO DENTRO DO PERIÓDICO.	107
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>123</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>127</b>
<b>APÊNDICE I</b>	<b>133</b>
<b>APÊNDICE II</b>	<b>135</b>
<b>APÊNDICE III</b>	<b>142</b>
<b>APÊNDICE IV</b>	<b>144</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O movimento LGBTQIA+<sup>1</sup> no Brasil passou por muitas lutas e conquistas. Didaticamente, Regina Facchini propõe a organização histórica do movimento em 3 momentos, ou ondas distintas. A primeira onda é considerada o início do movimento organizado no Brasil, a partir do final da década de 1970 (FACCHINI, 2002), tendo como marcos principais a criação do grupo SOMOS, formado por intelectuais e militantes de São Paulo em enfrentamento à repressão da ditadura militar. Outro exemplo emblemático foi o jornal *Lampião da Esquina*, veículo de mídia da época que, ao mesmo tempo em que expunha denúncias de violências e ações arbitrárias do estado, também promovia uma maior sociabilidade entre as pessoas gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transsexuais, ao noticiar suas vivências e permitir a troca de correspondências através de suas colunas. Esses movimentos incentivaram a criação de diversos grupos por todo Brasil, como o ‘Grupo Gay da Bahia’ (1980), o grupo ‘Nós Também’ da Paraíba (TREVISAN, 2018 p.342), o grupo de liberação homossexual ‘Libertus’ (1982), em São Paulo, entre outros que se preocupavam com a defesa dos direitos humanos ligadas a estas parcelas deslegitimadas da população, no acolhimento e disseminação de informações sobre proteção, sexo seguro e prevenção de ISTs. As movimentações do período também envolviam a execução de encontros e congressos, aproximando os militantes da causa LGBTQIA+ das universidades.

Nos primeiros meses de 1983 foram diagnosticados os primeiros casos de AIDS no Brasil, acontecimento que causou enorme impacto em toda a comunidade LGBTQIA+ devido ao grande número de mortes e às associações negativas promovidas principalmente por algumas parcelas mais conservadoras da sociedade e alguns veículos de mídia, que estampavam manchetes como “câncer gay” ou “peste gay” em suas redes de comunicação (TREVISAN, 2018, p.393). Essa epidemia foi um grande desafio que envolveu a participação dos grupos de pessoas

---

<sup>1</sup> O termo LGBTQIA+ visa identificar parcelas da população que não se identificam com padrões normativos de sexo, gênero e sexualidade (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, e demais designações). Contudo, esta não foi a primeira versão do termo, sendo conhecido apenas como movimento homossexual durante a primeira onda do movimento. Com os avanços das discussões novas letras foram inseridas na sigla, como GLT, GLBT, LGBT+, adquirindo a forma utilizada nesta dissertação mais recentemente. Para mais informações consultar FACCHINI (2002).

LGBTQIA+ com instâncias do governo, tanto no amparo das pessoas infectadas pelo HIV, bem como no desenvolvimento de políticas públicas e campanhas de conscientização, período conhecido como segunda onda do movimento, segundo FACCHINI (2002). Essa maior participação favoreceu o desenvolvimento de novos acordos e negociações entre o poder público e as pessoas LGBTQIA+, com a criação de diversas ONGs, o que trouxe mudanças na configuração dos movimentos LGBTQIA+ no Brasil.

O debate sobre sexualidade e ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis), promovido pelos grupos, ONGs e instâncias do governo, atingiu diversas parcelas da população, ampliando o estudo de questões que eram consideradas tabus, contribuindo para o desenvolvimento de estruturas de saúde para diagnóstico e acompanhamento das pessoas que viviam com o vírus. A associação do HIV com parcelas LGBTQIA+ da população reforçou estigmas e preconceitos, muitas vezes articulados entre veículos de mídia, e grupos que se formavam para promover violências físicas, perseguindo pessoas suspeitas, como o Grupo Machão da Bahia (TREVISAN, 2018, p.407), e grupos neonazistas. Isso provocou a reafirmação de posicionamentos machistas e homofóbicos que defendiam que ser hétero era ser saudável, e que apresentar trejeitos ditos afeminados ou ser homossexual era entendido como sinônimo de estar doente, gerando uma forte discriminação da população LGBTQIA+, deixando-a vulnerável a sofrer perseguições, ataques e até morte violenta, como explica TREVISAN (2018).

Na entrada dos anos 1990 temos um cenário em que as conquistas, desafios, disputas e enfrentamentos do movimento gay, coexistem com uma maior participação na mídia e nas políticas públicas voltadas para parcelas LGBTQIA+ da população. João Silvério Trevisan (2018) nos informa que uma das características desse período foi a criação da sigla GLS, para se referir a gays, lésbicas e simpatizantes (um equivalente à categoria *gay friendly*, nos Estados Unidos (TREVISAN, 2018, p. 348)). Esse fenômeno abriu margem para a criação de produtos e serviços identificados como GLS, em uma estratégia que ia desde a afirmação das identidades dessas parcelas da população até a cooptação delas por tendências capitalistas, que visavam o lucro que essa fatia do mercado poderia oferecer (TREVISAN, 2018). Esse período de intensas movimentações também foi marcado por um maior envolvimento dos grupos voltados para a causa LGBTQIA+ com o governo, assim como uma grande proliferação de grupos e organizações não

governamentais, definindo o que Regina Facchini (2002) categoriza como a terceira onda do movimento LGBTQIA+ Brasileiro.

A década também foi marcada por uma crescente facilidade ao acesso de tecnologias digitais, devido à liberação da importação de computadores e equipamentos eletrônicos, além do desenvolvimento de interfaces gráficas para a operação dos computadores, mais acessíveis e intuitivas em comparação a interfaces de linha de comando, que necessitavam operadores com formações especiais (TEMIN, 2015). Essa vantagem, aliada com desenvolvimentos técnicos ligados à área do Design gráfico, permitiu a centralização de diversas etapas do processo gráfico, com apenas poucos profissionais, barateando custos e agilizando processos de produção e impressão.

Foi nesse contexto que surgiu, em Campinas (São-Paulo), no ano de 1995, o *Expressão - Grupo de defesa dos direitos humanos de homossexuais*, importante grupo na mobilização de ações pela luta por direitos humanos e acolhimento de pessoas com HIV - AIDS e que sofriam preconceitos devido a sua orientação sexual. O grupo também foi responsável pela produção do periódico *O Babado*, que teve 15 números entre os anos de 1996 e 1998. O periódico abordava, de maneira divertida e informal, diversos aspectos das vivências homossexuais, como situações inusitadas, fofocas de pessoas influentes e conhecidas do movimento homossexual, dicas de segurança, comportamento, e notícias sobre acontecimentos relevantes da época. Contribuía para a visibilidade de pessoas influentes na noite, como maquiadores, *drags*, modelos e hostes. Também possuía espaço para as cartas dos leitores e leitoras, bem como colunas de autocuidado, colunas voltadas para a comunidade lésbica, dicas de vocabulário 'queer' (pajubá), entre outras.

Com capas que utilizavam fotografias coloridas, mostrando modelos em posições sensuais. Estas fotografias exploravam corpos similares entre si, com poucos pelos e pele branca, cabelos curtos, músculos definidos. Como se emoldurassem este corpo que assume posição central, aparecem as demais informações do periódico: seu título, chamadas de colunas interessantes e marcas de patrocinadores. Todo esse conjunto visava atrair leitoras e leitores para continuar a leitura do periódico, bem como comunicar sua identidade visual. Ao olhar pelas capas através das edições, podemos perceber que não por acaso existe certo padrão utilizado em sua construção.

Para Stuart Hall (2016), é através das mídias que veiculam textos e imagens dos objetos e representações que escolhemos utilizar no nosso dia a dia, bem como de diversas vivências diárias, que apreendemos sentidos sobre a sociedade e sobre os diferentes grupos nela existentes. Sem estes sentidos não conseguimos cultivar um senso de si, dos outros, e dos grupos que participamos, e tampouco das normas e convenções que guiam os comportamentos característicos de cada grupo.

A linguagem, entendida não só como a língua escrita ou falada, mas como diversos sistemas de representação que contribuem para a comunicação, é um dos elementos essenciais para estes processos culturais (HALL, 2016), já que é através dela que são compartilhados os significados entre as pessoas. Para Hall (2016), os sentidos também podem ser organizados em enunciações discursivas, definindo maneiras de se conhecer e se falar sobre determinados assuntos, definindo as maneiras pelas quais certos objetos, grupos, pessoas, podem ser representados, experienciados e analisados.

Para a pesquisadora Kathryn Woodward (2003), os discursos estruturam os significados em hierarquias, construindo posicionamentos e lugares de enunciação, de onde os sujeitos conhecem os diferentes grupos e podem falar sobre eles. Ao estabelecer hierarquias entre os significados, também acabam ordenando como as identificações são utilizadas pelos sujeitos. Porém, este não é um sistema fechado e sólido, mas sim em constante mudança, principalmente devido às disputas por significados dominantes e dissidentes em diferentes arenas da vida social.

Estas disputas das práticas de significação também evidenciam o caráter político das representações, marcando quais identidades podem representar a si mesmas e as outras, definindo quais são mais desejáveis e quais ocupam os lugares de abjeção. Estas disputas produzem contestações sobre estes posicionamentos desiguais nos sistemas de significação e representação (WOODWARD, 2003).

As identidades sexuais e de gênero podem ser consideradas uma destas arenas de disputas. Para Judith Butler (2000), o sexo, o gênero e a sexualidade acabam criando certas noções de sujeito através de normas de inteligibilidade, onde uma correspondência deve existir entre o sexo, o gênero, o desejo e a prática sexual das pessoas, sendo ela de caráter heterossexual. Pessoas que não seguem tais normas acabam tendo suas vivências excluídas ou negadas no convívio em sociedade. Assim, as descontinuidades e dissidências existem em relação às

normatizações, regulações, vigilâncias e proibições que são utilizadas para legitimar a própria norma. A própria existência das identidades consideradas desviantes acaba por expor o caráter não natural e construído das identidades normativas, justamente por desvelar as normas de sua construção.

Nessa perspectiva, consideramos que a representação possui um papel fundamental nas dinâmicas das identidades. Portanto, nesta dissertação percebemos as identidades não como processos estanques e fixos, mas como fenômenos fluidos, históricos e localmente situados. Através das representações, disputas e resistências acontecem, sendo processos fundamentais para a definição de identidades de grupo e identidades individuais.

Para tanto, interessa discutir o conceito de tecnologias de gênero, proposto pela pesquisadora e professora italiana Teresa de Lauretis. Para a autora, o gênero é uma categoria classificatória, que “atribui a uma entidade, digamos a uma pessoa, certa posição dentro de uma classe, e, portanto, uma posição vis-à-vis outras classes pré constituídas” (LAURETIS, 1994, p.211). Podemos entender que ela percebe o gênero como uma relação social, onde a definição de uma posição nesse sistema acontece de maneira relacional. Este é um sistema simbólico que relaciona conteúdos culturais ao sexo biológico, seguindo valores e hierarquias sociais nos quais, geralmente, o homem cis<sup>2</sup> gênero heterossexual é posicionado como a norma a ser seguida e, a partir dele, outros tipos de masculinidades e feminilidades são estabelecidos, bem como suas posições e valores sociais.

Teresa de Lauretis também propõe que, por ser uma relação social, o gênero está profundamente ligado aos processos de representação e auto representação, sendo “produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana.” (LAURETIS, 1994, p.208). Apresentando o conceito de tecnologias de gênero, a autora explica como, através de escolhas técnicas, representações são construídas, algumas vezes alinhadas com valores e normatizações que constroem as visualidades de determinadas maneiras, como por

---

<sup>2</sup> Entendemos o termo cis como uma maneira de se referir a pessoas que se identificam com o sexo que foram designadas no momento do nascimento, e trans pessoas que não se identificam com tal designação. Mesmo não sendo discutidas pelas teóricas utilizadas, que optam por termos como dissidência do sistema sexo-gênero, opto por utilizar em alguns momentos do texto o termo cis, marcando vivências e discussões específicas ligadas a pautas do movimento Trans em específico, e do movimento LGBTQIA+ de maneira geral.



exemplo o corpo da mulher como objeto do olhar masculino (LAURETIS, 1994, p. 221).

Consideramos o design gráfico como uma destas tecnologias que mobilizam diversos saberes técnicos para a produção de representações. Uma das funções do design é a transcrição das mensagens a serem transmitidas para a realidade de quem lê as peças gráficas (CAMPOS, LEDESSA, 2011). Só quando está traduzida para o código simbólico no qual as pessoas que leem estão inseridas é que se efetiva a comunicação.

Esse processo de tradução, acontecendo a partir da ordenação e combinação de diversos elementos, como as cores, tipografias, grids, fotografias e ilustrações, suporte de mídia, método de impressão, não acontece de maneira neutra (FEENBERG, 2010), mas envolve a definição de valores e ideologias em circulação em determinadas localidades e em determinados momentos históricos, desvelando, assim, o caráter político que o design possui, contribuindo para reafirmar e/ou questionar valores e práticas presentes na sociedade.

Portanto, indo além de motivações apenas mercadológicas, um design voltado para as questões *Queer* tem que, segundo Ece Canli (2016), preocupar-se em como a prática projetual produz e reforça divisões e segregações nas vivências em sociedade, questionando como os artefatos, serviços e representações geradas por estes processos acabam afetando a vida cotidiana de diferentes parcelas da população.

A proposta do filósofo da tecnologia, Andrew Feenberg (2017), também nos permite perceber como o design participa de redes sociais e técnicas. O autor ressalta a característica que os projetos de design possuem em conformar significados e matéria através dos artefatos que produzem, sendo uma das formas utilizadas pelos grupos sociais para expressar suas visões de mundo materialmente, desenvolvendo suas perspectivas e interesses de acordo com as limitações técnicas da época e localidade onde estão inseridos.

Portanto, o design pode ser entendido como um fazer técnico de importância na produção e circulação de materialidades pelas dinâmicas sociotécnicas. Para Feenberg (2017), os valores só podem ser materializados e participar das tecnologias através das escolhas e dos códigos técnicos utilizados, sendo traduzidos em linguagem técnica empregadas pelas diferentes disciplinas. Desse modo, a

preocupação destas disciplinas seria, em algum nível, esse processo de tradução. No caso do design gráfico, materializar/traduzir estes valores em soluções gráficas.

Os processos de tradução envolvem, de um lado, a escolha de visões de mundo e interesses, e, de outro, a linguagem técnica de profissionais. Tal processo de tradução acaba ocultando significados sociais das escolhas e dos códigos utilizados sob um pretexto de necessidade técnica (FEENBERG, 2017, p. 57). Considerando este processo de ocultamento, o autor nos lembra que a tarefa da teoria crítica da tecnologia é justamente a de ressaltar que atrás das escolhas técnicas existem valores e interesses humanos que conformam estas escolhas.

Assim entendemos que, utilizando projetos de design gráfico, algumas parcelas do movimento LGBTQIA+ brasileiro contribuíram para a criação de materiais gráficos que veicularam visibilidades e representações, interferindo em aspectos simbólicos, sociais e culturais. Olhar/ler o periódico *O Babado* (Campinas, 1996 – 1998), informativo do *Expressão — Grupo de defesa dos direitos humanos de homossexuais*, por essas problematizações, pode gerar um rico objeto de estudo, contribuindo para melhor entender o espaço de importância e impacto que os materiais gráficos produzidos pelos diversos grupos do movimento LGBTQIA+ tiveram em suas redes (FACCHINI, 2002) de atuação.

Considerando os espaços de circulação, bem como a organização própria dos periódicos, a capa acaba sendo um elemento de grande relevância, justamente por ser um dos primeiros contatos com leitores e leitoras. A capa, geralmente, é responsável por transmitir de modo rápido a identidade visual do periódico e uma síntese do conteúdo, persuadindo leitores e leitoras a continuar a leitura do material, usando para isso fotografias atrativas, chamadas com destaque para alguns assuntos internos, bem como outros elementos do design gráfico. As capas do informativo *O babado* utilizam fotografias de modelos que seguem um padrão bem delimitado: musculosos, de aparência jovem, pele clara, quase sempre em poses sensuais, nus ou seminus.

Com isso em mente, nossas perguntas de pesquisa são: qual é o corpo representado no jornal *O Babado*? Como, nas capas do periódico, o design gráfico é utilizado como tecnologia de gênero para a construção de noções sobre o corpo em seus leitores e leitoras? Tais indagações encaminham o objetivo geral desta dissertação:

- **Analisar, nas capas do periódico *O Babado* (Campinas, 1996-1998) como o design gráfico é utilizado como tecnologia de gênero, produzindo noções sobre o corpo e representações que participam das dinâmicas complexas de identidade e gênero.**

Como objetivos específicos da pesquisa, elencamos os seguintes:

- Contextualizar o surgimento do periódico *O Babado* em dinâmicas sociais, políticas e técnicas do período;
- Situar o periódico a partir dos estudos culturais e conceitos como representação, identidade e gênero, percebendo como podem interpelar e ser interpelados por leitores e leitoras;
- Articular discussões entre teorias do design e estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade, de modo a explicitar a complexidade envolvida na criação de tais materiais gráficos;

Para a organização desta dissertação, dividimos o texto em 3 capítulos. O primeiro possui como foco o contexto de surgimento do periódico *O Babado*, fazendo uma breve contextualização sobre a história do movimento homossexual brasileiro, para depois atentar para algumas circunstâncias da década de 1990, a criação do *Grupo Expressão* e o lançamento do periódico. Também pontuamos alguns aprimoramentos técnicos da década, como a liberação de importação de eletrônicos e o desenvolvimento da computação gráfica, e como estas mudanças transformaram os projetos de design, barateando e facilitando o acesso às ferramentas de editoração, produção e impressão de materiais gráficos, permitindo a apropriação de tais tecnologias por parcelas mais deslegitimadas da sociedade.

O segundo capítulo traz discussões sobre as identidades culturais para situar o periódico em dinâmicas ligadas à circulação de representações e sentidos pela sociedade, bem como na utilização destas representações para a contestação e/ou reafirmação de posicionamentos normativos e dissidentes. O capítulo também visa desenvolver o conceito de tecnologias de gênero, proposto por Teresa de Lauretis (1994), articulando-o com debates sobre as teorias do design.

Por fim, o terceiro capítulo foca a atenção nas capas do periódico, percebendo-as como um espaço de tensão e disputas, onde diversas forças convergem. Atentando para as representações presentes nas capas, discutimos como o design gráfico pode ser utilizado como uma tecnologia de gênero, mobilizando nas escolhas técnicas valores e práticas que podem ora contestar, ora reafirmar normatividades. Analisamos, também, algumas representações nas páginas do jornal, de modo a verificar como a rede interna de elementos do periódico sustenta ou desafia as representações presentes na capa.

Esperamos que esta dissertação contribua, à sua maneira, para os estudos ligados ao reconhecimento e valorização da história do movimento LGBTQIA+ brasileiro. Esta área de estudos, ainda em crescimento, sofre, também, com a desvalorização e dificuldade de acesso aos materiais e acervos de suas histórias, o que deixa várias lacunas, como a falta ou imprecisão das datas, a ausência de nomes dos organizadores desses materiais, suas tiragens, localidade, vínculo a grupos ou coletivos, entre outras características que podem enriquecer as narrativas sobre esses materiais ligados à expressão da diversidade sexual e de gênero pelo Brasil em diferentes períodos. Onde estão estes materiais? Em que caixas, armários e acervos acabam esquecidos, longe do público que deveria atingir e mobilizar? Estas são algumas das provocações que atravessam os textos, cartas e notas que a historiadora e militante da causa LGBTQIA+ Rita Colaço<sup>3</sup> (2011) publica em seu blog pessoal.

Um argumento que perpassa as postagens da autora, bem como suas falas em palestras e conferências transcritas para o blog (que reconhece ser um meio deslegitimado de produção na academia), é o direito à memória que, muitas vezes, é negado a grupos deslegitimados da população. Documentos, periódicos, fotografias e processos jurídicos acabam sendo descartados por instituições por não fazerem parte do escopo de tais acervos ou pela limitada capacidade que determinadas instituições possuem de manter esses materiais arquivados, bem como leis não muito eficazes para a seleção e conservação dos materiais históricos, em processos de descaso por parte das pessoas que selecionam estes materiais, considerando-os

---

<sup>3</sup> A historiadora mantém em seu blog, que possui mais de 10 anos, relatos históricos sobre o movimento LGBTQ+, entrevistas, fotografias, documentos, periódicos e informativos, sendo um meio de grande relevância para os estudos da memória LGBTQ+. O blog pode ser acessado em <<https://memoriamhb.blogspot.com/>> (Visitado em 26/08/2020)

não importantes, utilizando motivações heterocentradas e, algumas vezes, até homofóbicas (COLAÇO, 2011).

Para o pesquisador Jeferson Ramos (2019), esta dificuldade de acesso à memória proporciona um esvaziamento da experiência histórica de pessoas homossexuais, levando a uma necessidade de reafirmação constante, tanto individualmente quanto coletivamente, em comparação à estabilidade histórica que as narrativas heterossexuais e cisgêneras possuem, configurando uma das maneiras de exclusão e dificuldade nas construções das identidades dissidentes nas vivências sociais e culturais (RAMOS, 2019).

Contudo, e de maneira otimista, vários grupos surgem para começar a suprir tais lacunas. Pesquisadores, militantes e ativistas das causas da diversidade sexual e de gênero disponibilizam para consulta materiais que há muito estavam guardados. Algumas iniciativas como o acervo Bajubá<sup>4</sup>, formado colaborativamente por pessoas interessadas em manter a história do movimento LGBTQIA+; o Arquivo Edgard Leuenroth<sup>5</sup>, que possui atuação desde 1974 no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP; o Museu da Diversidade Sexual<sup>6</sup> de São Paulo, localizado na estação de metrô República; grupos de pesquisa, como o Núcleo de Pesquisa em Cultura e Sexualidade<sup>7</sup>, criado em 2007 na Faculdade de Comunicação, da Universidade de Federal da Bahia; O Núcleo de estudos de gênero Pagu<sup>8</sup>, atuante desde 1993 na UNICAMP; o Observatório de gênero e diversidade da UFPel<sup>9</sup>, criado em 2014; o núcleo de identidades de gênero e subjetividades, atuante desde 1991 na UFSC<sup>10</sup>; Grupos de Trabalho e discussão voltados para a questão da memória em eventos e congressos com foco na diversidade sexual e de gênero, nas homossexualidades e na história, como os seminários *Fazendo gênero* (SC); *Desfazendo gênero* (PE); *Congresso internacional*

---

<sup>4</sup> Informações sobre o acervo podem ser acessadas em: <<http://acervobajuba.com.br/>>. Acesso em: 26 ago. 2020.

<sup>5</sup> Informações sobre o arquivo podem ser acessadas em: <<https://www.ael.ifch.unicamp.br/>> Acesso em: 26 ago. 2020.

<sup>6</sup> Informações sobre o museu podem ser acessadas em: <<http://www.mds.org.br/>> Acesso em: 26 ago. 2020.

<sup>7</sup> Informações sobre o Núcleo podem ser acessadas em: <<http://politicasdocus.com/>> Acesso em: 26 ago. 2020.

<sup>8</sup> Informações sobre o Pagu podem ser acessadas em: <<https://www.pagu.unicamp.br/pt-br>> Acesso em: 26 ago. 2020.

<sup>9</sup> Informações sobre a UFPel podem ser acessadas em: <<https://wp.ufpel.edu.br/observatorio/>> Acesso em: 26 ago. 2020.

<sup>10</sup> Informações sobre o NIGS podem ser acessadas em: <<https://nigs.ufsc.br/>> Acesso em: 26 ago. 2020.

LGBT+ (IBDSEX); grupos de trabalhos regionais ligados a ANPUH; são alguns dos exemplos que podem ser citados desta atividade que ocorre em diferentes regiões do Brasil. Além, é claro, dos esforços de inúmeras professoras e professores em propor e orientar discussões sobre tais temáticas, contribuindo para o desenvolvimento de pesquisas que fortalecem o campo, nas mais diversas áreas do conhecimento, departamentos acadêmicos e programas de Pós-Graduação.

Para esta dissertação, optamos por trabalhar com o acervo do Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott. A administração, manutenção e cuidado com o acervo faz parte das atividades do Grupo Dignidade, atuante em Curitiba desde 1990.

O CEDOC Prof. Dr. Luiz Mott situa-se na sede do Grupo Dignidade, em Curitiba. A ONG é pioneira no estado do Paraná na área da promoção da cidadania LGBTQIA+, centralizando atividades jurídicas, psicológicas, médicas voltadas para o acolhimento e a conscientização dessas parcelas da população (DIGNIDADE, 2019). O Centro de Documentação da instituição volta-se para materiais relacionados à diversidade sexual e de gênero, visando, também, arquivar e preservar a memória do movimento LGBTQIA+, contando em seu acervo com teses e dissertações, livros, cartilhas, periódicos, jornais e revistas, além de documentos e reportagens sobre conquistas e desafios relacionados a questões sexuais e de gênero de momentos passados.

O meu conhecimento sobre o acervo se deu por indicação de amigos e por intermédio de uma professora que me colocou em contato com outro estudante que trabalhava no grupo Dignidade. Com o contato feito, a primeira visita aconteceu no início de julho de 2019, quando fui apresentado à instalação que abriga o acervo. A sala onde ele fica também é utilizada para outras atividades, como rodas de conversa, encontros e reuniões. Em uma conversa de contextualização sobre o movimento homossexual no Brasil e o papel do grupo Dignidade nesse cenário, conheci mais sobre alguns impressos históricos do movimento. O acervo possui todas as edições do *Lampião da esquina*<sup>11</sup>, todas as edições do informativo *Folha de Parreira*, editado desde 1992 pelo próprio grupo Dignidade, várias edições do jornal *Nós Por Exemplo* (Rio de Janeiro - 1991), informativo editado pelo *Núcleo de Orientação em Saúde Social - NOSS*, o periódico informativo *O Babado*

---

<sup>11</sup> As edições digitalizadas estão disponíveis para a consulta online no site do Grupo Dignidade, e pode ser acessado pelo link <<https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>

(1996-1998), informativo do *Expressão - Grupo de defesa dos direitos humanos de homossexuais* de Campinas, além de edições de revistas voltadas para a população LGBT+: *GMagazine* e *Sui Generis*, além de outros periódicos, livros, cartilhas, revistas e documentos.

Vale ressaltar que esta dissertação é fruto de um contexto em que as motivações para a sua produção e desenvolvimento adquirem contornos mais firmes. Em meio a um maior crescimento de posturas conservadoras, como a escalada da extrema-direita em posições de poder no Brasil, e a diversos ataques e sucateamentos que as instituições de ensino estão sofrendo, esta investigação adquire um caráter de resistência, produzindo discussões sobre movimentos sociais ligados a parcelas deslegitimadas da população.

A pandemia de COVID-19 também contribui para o desenvolvimento da pesquisa como ela se apresenta. Dificuldades ligadas à restrição de atividades presenciais, à adaptação, às pressas, de atividades ligadas ao ensino e à pesquisa para a modalidade EAD, bem como ao distanciamento social, tornaram o processo de escrita, já considerado solitário, mais solitário ainda. Tudo isso aliado ao contexto de maior tensão e adoecimento psicológico acentuado, deixam marcas na escrita do texto, no desenvolvimento das ideias e nos rumos que a dissertação toma.

## 2 “MUITO BASFOND E BRILHO!” - DE ONDE VEM O *BABADO*?

Este capítulo constrói uma contextualização sobre o surgimento do periódico *O Babado*. Para tanto, primeiramente, fazemos um breve resumo sobre a história do movimento LGBTQIA+ brasileiro, desde meados da década de 1970 até o final da década de 1990, com ênfase na proliferação da criação de grupos e ONGs ligadas ao movimento LGBTQIA+, bem como na criação da sigla GLS, ligada a contextos mercadológicos, e nos avanços e dificuldades no enfrentamento à epidemia de HIV e AIDS. Feito isso, atentamos para a criação e atuação do *Grupo Expressão* no movimento homossexual nacional, procurando refletir sobre o lançamento do periódico *O Babado* e suas principais características.

Por fim, situamos algumas circunstâncias ligadas ao acesso de aparatos técnicos para a editoração eletrônica no Brasil, o que modificou fortemente a profissão de designers gráficos, reduzindo custos e permitindo que parcelas mais deslegitimadas da população pudessem usar esses artefatos. Essa contextualização ajuda a pensar, também, as discussões vindas da teoria crítica da tecnologia, percebendo como o acesso a tais aparatos pode ser considerada uma arena de disputa, na qual os diferentes grupos se apropriam de códigos técnicos para a produção de materiais que comunicam suas visões de mundo.

### 1.1 “A ONDA AGORA É ORGANIZAR O MU-MU” - ALGUMAS MOVIMENTAÇÕES LGBTQIA+ DURANTE OS ANOS 1990

A organização do movimento LGBTQIA+ em grupos é uma prática frequente no Brasil, mas sua configuração mais politizada remonta à década de 1970, período no qual ocorreu a criação do grupo *SOMOS*, em 1978, considerado um dos marcos da “primeira onda” do movimento LGBTQIA+<sup>12</sup> brasileiro, segundo Regina Facchini (2002). Tal grupo era formado por estudantes, intelectuais e jornalistas do eixo Rio de Janeiro / São Paulo, e se posicionava politicamente contra discriminações e opressões que pessoas LGBTQIA+ de diversas alas da sociedade sofriam. Buscavam fazer oposição ao governo militar da época, em protestos de teor antiautoritário, compartilhando, também, valores da contracultura. Segundo Facchini

---

<sup>12</sup> Na época, o termo mais utilizado era Gay. Termos como homossexuais, lésbicas e outras derivações da sigla surgem posteriormente a partir de discussões dentro do próprio movimento.



(2002), nesta época, os grupos adquiriram um caráter de compartilhar vivências e promover uma identidade mais positiva, fora dos discursos da medicina e da religião, já que estes encaravam a homossexualidade e outras dissidências do sistema sexo-gênero como quadros clínicos, doenças, fonte de imoralidade e pecado.

Outro acontecimento importante foi a criação do Jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981), editado por intelectuais do eixo Rio-São Paulo (Figura 01). O periódico promoveu discussões sobre diversos assuntos considerados tabus na época, como prostituição, aborto, abordando debates vindos das lutas do feminismo, do movimento negro, dos coletivos indígenas. Apresentava-se como um jornal com um corpo editorial composto por pessoas abertamente homossexuais, e voltado para as minorias. Durante seus 3 anos de existência, acabou sofrendo alguns ataques da polícia, baseados na lei de imprensa, apoiados por parcelas mais conservadoras da sociedade. Algumas bancas que vendiam o jornal foram atacadas e vandalizadas e a sede do jornal sofreu tentativas de atentados, havendo perseguição de alguns membros do corpo editorial (TREVISAN, 2018).

Figura 01 - Capas das edições nº 00 (Abril-1978), nº11 (Abril-1979), nº 12 (Maio- 1979) e nº 15 (Agosto 1979) do jornal Lâmpião da Esquina.



Fonte: Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott, do grupo dignidade. Disponível em <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/> Acesso em 26/08/2020.

As capas, utilizando cores vibrantes que mudavam a cada edição, possuíam diagramação não convencional para um jornal, apelando para fotomontagens e ilustrações, bem como transgressões no uso da tipografia e na utilização de grids e da hierarquia visual, para transmitir um ar mais moderno e provocante. Palavras consideradas tabus, e a abordagem de temas polêmicos também eram utilizados para atrair atenção de leitoras e leitores. O cabeçalho, um dos elementos fixos nas capas das diferentes edições, trazia o nome do jornal “Lampião da Esquina”, sua marca, e os dados técnicos de cada edição.

Iniciativas como passeatas, debates, publicação e distribuição de materiais, além de ações por diversas cidades, incentivaram a criação de outros grupos com posicionamento mais politizado em outras regiões do país, como o Grupo Gay da Bahia (1980), o grupo Nós Também, da Paraíba (TREVISAN, 2018, p.342), o grupo Libertus (1982), o Grupo de Ação Lésbico-Feminista - GALF (1981) em São Paulo, entre outros, que participariam com maior presença da segunda onda<sup>13</sup> do movimento LGBTQIA+ (FACCHINI, 2002).

Para Trevisan, este período em que os grupos tiveram que se institucionalizar e lidar com burocracias na luta por direitos civis voltados para a população LGBTQIA+ possibilitou o surgimento da figura do/da militante, que acabava se incumbindo da mediação entre a sociedade e as populações homossexuais, “reinaugurando a política do porta voz oficial e do representante burocrático” (TREVISAN, 2018, p.336). Os grupos aproximavam-se das maneiras de agir dos partidos políticos, o que, inicialmente, tinham a intenção de evitar. O autor termina concluindo com essas movimentações que a subversão não está inerentemente ligada às ações homossexuais. “Se é verdade que a prática homossexual implica um potencial contestador, isso não acontece de maneira natural” (TREVISAN, 2018, p.339). A cooptação de pautas ligadas ao movimento LGBTQIA+ por partidos políticos e organizações afiliadas, bem como a citada burocratização do movimento acabava por gerar desmobilizações, divergências e

---

<sup>13</sup> Para Regina Facchini, o movimento homossexual brasileiro pode, didaticamente, ser dividido em 3 momentos, ou ondas, como chama. a primeira onda cobre o final da década de 1970, tendo como marcos a criação do grupo somos e o lançamento do periódico Lampião da Esquina. A segunda onda compreende a década de 1980, acontecendo em conjunto com a epidemia de HIV/AIDS e a redemocratização brasileira. A terceira onda conta com a década de 1990, considerada pela autora como um período de reflorescimento do movimento, com uma grande proliferação de grupos, associações e ONGs ligadas ao movimento LGBTQIA+ e a prevenção a Infecções sexualmente transmissíveis. Mais informações podem ser consultadas em FACCHINI (2002).

rachas, o que levou, juntamente com outros fatores, ao enfraquecimento do movimento homossexual brasileiro da época.

Dificuldades decorrentes da epidemia de HIV/AIDS também proporcionaram mudanças nos formatos de organização e atuação dos grupos voltados para causas LGBTQIA+. Esta epidemia foi um grande desafio que envolveu a participação de grupos de pessoas LGBTQIA+ e instâncias do governo, tanto no amparo das pessoas infectadas pelo HIV, como no desenvolvimento de políticas públicas de saúde e campanhas de conscientização. A maior participação favoreceu o desenvolvimento de novos tipos de relacionamento entre o poder público e as pessoas LGBTQIA+, com a criação de diversas ONGs, o que também marcou mudanças na configuração dos movimentos LGBTQIA+ no Brasil, como explica a pesquisadora e psicóloga Dra. Andrea Moreira Lima (LIMA, 2017. p. 36).

Para esta autora, as mudanças envolviam o estabelecimento de novas interlocuções entre o movimento LGBTQIA+ e algumas instâncias do governo, quando alguns militantes, aos poucos, assumiram cargos na administração pública. Também aconteceu a criação de diversas ONGs, que recebiam repasses de verba do governo para suas atividades, e que exigiam um perfil mais burocratizado de atuação dos militantes, em contraste com o período ditatorial, em que as organizações do movimento homossexual atuavam de forma autônoma e crítica ao governo (LIMA, 2012, p.92). Tais participações também enfrentavam dificuldades, como resistências a democratizar ações, principalmente por parte dos agentes públicos que tinham postura mais autoritária, a falta de transparência dos interesses das pessoas envolvidas, entraves do funcionamento das burocracias, dificuldades de participação cidadã, falta de prática na gestão pública, entre outros fatores que acabavam interferindo nos diálogos entre os movimentos LGBTQIA+ e o estado.

Segundo Regina Facchini (2002), estas divergências na atuação eram percebidas pelos próprios membros dos grupos. Em entrevistas com Luiz Mott (Coordenador do Grupo Gay da Bahia, fundado em 1980), e João Antônio Mascarenhas (coordenador do Triângulo Rosa, fundado em 1985, em São Paulo), Facchini afirma que existia uma clara percepção na diferença de posicionamento das lideranças anteriores. Para estas novas lideranças, o sentido de política estava muito mais atrelado à resolução pragmática, e muito menos às experiências e vivências pessoais e subjetivas dos membros, que eram valorizadas e compartilhadas pelas organizações de “primeira onda”. Como a autora chama

atenção, tais posicionamentos não constituem um modelo fechado de atuação, mas são apenas tendências percebidas. Diversas variáveis acabam envolvidas nestes processos, como os contextos históricos, o perfil das lideranças, as interações com redes mais amplas do próprio movimento homossexual e com demais parcelas da população, bem como com o estado.

Estas novas interações, de acordo o pesquisador Rafael Dias Toitio (2016), permitiram que as ONG pudessem inscrever projetos em editais para receber financiamento que auxiliaram na manutenção de suas estruturas físicas, atividades cotidianas e ações voltadas para a comunidade. Como o autor explica, as associações feitas entre o HIV / AIDS e a homossexualidade, principalmente em veículos de mídia que noticiavam a epidemia, possuíam forte teor preconceituoso e homofóbico. A AIDS ficou conhecida como "câncer" ou "Peste" Gay<sup>14</sup>. Assim, a luta contra a AIDS também envolvia lutar contra estas representações e associações, contra a discriminação e descaso. O GAPA (*Grupo de Apoio à prevenção à AIDS*), primeira ONG de apoio a pessoas vivendo com HIV/AIDS surgiu em 1985, produzindo materiais sobre a epidemia e distribuindo-os nos lugares de socialização frequentados por homossexuais, travestis e trabalhadores do sexo, também prestando atendimento e aconselhamento. Surgiram, em diversas localidades do país, outros grupos com o mesmo intuito, como a *Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA)*, em 1986 e o Grupo pela VIDA (*Valorização, Integração e Dignidade do Doente de AIDS*) em 1989, contando com a participação e apoio de muitos militantes da Causa LGBTQIA+ da época. (TOITIO, 2016, p.60).

Apenas em 1988 se consolidou o programa nacional de DST/AIDS, aos cuidados do Ministério da Saúde. Contudo, durante o governo de Fernando Collor, entre 1990 e 1992, o programa se desestruturou. Neste período, ocorreu uma maior polarização entre as ONGs e o estado, aquelas cobrando ações mais efetivas, e lidando com campanhas inadequadas e com tom preconceituoso propostas pelo governo. Até a metade da década de 1990 o programa se estabilizou, ganhando nova coordenação, estabelecendo contato mais próximo com as ONG e recebendo financiamento do Banco Mundial. Estes financiamentos eram utilizados para a mobilização de ações voltadas para o movimento LGBTQIA+, bem como para

---

<sup>14</sup> Maiores informações sobre as disputas e associações envolvendo a epidemia de HIV/AIDS com a homossexualidade podem ser consultados nas obras de Susan Sontag, "A aids e suas metáforas" (1989) e na obra de Nestor Perlongher "O que é AIDS?" (1987).

discussões voltadas para a diversidade sexual e de gênero e cidadania destas parcelas da população.

Segundo Rafael Toitio (2016, p.52), a participação do Banco Mundial, com o programa AIDS I, também serviu para influenciar a maneira de construir políticas com um viés neoliberal (tal viés já era presente no governo Collor, e se consolidou no governo FHC). Tais influências se davam a partir de sugestões, indicações e limites para o desenvolvimento das políticas que o Banco pedia como contrapartida. Estas exigências e os auxílios ao desenvolvimentos de países emergentes possuíam vieses e posicionamentos baseados em racionalidades neoliberais. Tais propostas ocorriam em consonância com diversas reformas feitas pelo governo FHC, que implementou privatizações e limitações do controle do estado, julgado como corrupto e ineficiente pelos governantes que defendiam tais medidas (TOITIO, 2016, p.76).

Entre estas reformas, Toitio cita a transferência de alguns serviços sociais do governo para "entidades públicas não estatais", em uma tentativa de diminuir os gastos públicos. Tais entidades participaram do que ficou conhecido como "terceiro setor" (2016, p. 77). O descentramento das ações praticadas pelas ONGs ainda era regulado pelo Banco Mundial e pelo governo, que dava a palavra final sobre os projetos aprovados e os repasses de financiamentos. Desse modo, as organizações deveriam concorrer pelos financiamentos, e estes processos de concorrência acabaram por estimular uma maior profissionalização, aproximando a estrutura das ONGs das empresas privadas, exigindo que passassem a "desenvolver um trabalho técnico 'profissional e racionalizado', calculando os custos e benefícios, estabelecendo hierarquias no processo de trabalho e fazendo planos sistemáticos de obtenção de financiamento." (TOITIO, 2016, p.84) Tal estrutura privilegiava interações nas quais as ONGs participavam da execução de projetos, mas não tratavam diretamente do planejamento e das definições de políticas aplicadas em nível estatal.

Este ambiente também proporcionava uma maior competitividade e concorrência entre as organizações, já que disputavam os mesmos editais e, algumas vezes, também supervisionavam o trabalho de outras organizações parceiras, o que acabava gerando conflitos entre os grupos e contradições em suas atuações políticas.

Em 1995 ocorreu, em meio a todo esse processo e alguns conflitos internos<sup>15</sup>, a criação da ABGLT (*Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis*), que se colocaria como uma grande articuladora com o estado, o governo federal e os diversos grupos da luta contra o HIV/AIDS e da diversidade sexual e de gênero. A associação também se preocupava com a mobilização, criação e fortalecimento de novas ONGs para trabalhar com as questões do HIV/AIDS e do movimento LGBTQIA+, envolvendo-se com oficinas e projetos de capacitação para este fim, utilizando o *advocacy*<sup>16</sup> como conteúdo de formação e metodologia de ação para os novos grupos. Tais ações ocorreram a partir de 1995 e, em 1999, consolidaram-se no que ficou conhecido como Projeto Somos I, que atuou em ações de formação e profissionalização em todos os estados do Brasil (TOITIO, 2016, P.89).

O autor faz uma leitura crítica destas ações, percebendo nelas uma tendência a maior segmentação e acesso desigual aos recursos, o que acabava acentuando conflitos entre gays, lésbicas e travestis. Segundo ele,

A forma neoliberal de construir políticas sociais baseada nas "parcerias público-privadas" entre Estado e ONGs não só abria espaço para a hierarquização entre as organizações do movimento, em que as mais estruturadas garantiam o acesso a recursos e espaços políticos. Ao fortalecer tais organizações, acabava-se por reproduzir a assimetria entre militância gay e as militâncias lésbica e trans, na medida em que os grupos mais fortes estavam sob liderança masculina (TOITIO, 2016, p.291).

As metodologias utilizadas também focaram na categorização da população em público alvo, o que poderia adquirir características assistencialistas na atuação dos grupos, além da descaracterização destas parcelas da população como base do movimento. Este é importante elemento na mobilização social para que as reivindicações que mais contemplassem suas realidades pudessem surgir. Rafael Toitio também evidencia a importância da mobilização da ABGLT e dos financiamentos na proliferação e atendimento aos grupos e ONGs, fornecendo

---

<sup>15</sup> Os conflitos se dão sobre a criação da associação da maneira como foi conduzida, onde alguns militantes do movimento se posicionaram contra a criação de uma associação nacional, acreditando que o formato deveria ser mais descentralizado e em formato de rede. Para mais informações ver TOITIO (2016, p.54).

<sup>16</sup> O *advocacy* é um modelo de atuação que visa a análise de conjuntura de aliados, adversários e pessoas neutras, de modo a melhor atuação política em determinados cenários, de modo a conseguir apoio e simpatia de determinadas alas do campo político para a facilidade de ação nestes ambientes, bem como influenciar ou mudar determinadas políticas e legislações. Para mais informações consultar TOITIO (2016 p.94).

métodos e instruções de atuação, o que foi fundamental para um grande desenvolvimento de diferentes frentes de atuação. Contudo, isso não se fez “sem fornecer também um conteúdo ético-político, sem disseminar certas concepções e valores pertencentes a um projeto hegemônico” (TOITIO, 2016, p. 98).

Tais cooptações não ocorriam de forma determinista, mas eram disputadas dentro do movimento:

Fora a experiência da ABGLT havia uma diversidade de formatos, experiências e práticas coletivas que mais ou menos assimilavam esses elementos, sendo que havia muitas críticas de outras organizações e militantes contra as formas e técnicas (então) hegemônicas. Aliás, o fato de uma organização se formalizar ou estabelecer vínculos com o governo tampouco significava que o seu senso contestatório desaparecia, nem mesmo que ela estaria “cooptada” ou “subordinada” (politicamente) de forma automática. Muitos grupos utilizavam dos recursos públicos para se estruturarem ao mesmo tempo em que não deixavam de lado as ações de “mobilização política” e o debate crítico contra o governo e o neoliberalismo (TOITIO, 2016, p.107).

João Silvério Trevisan informa que a década de 1990 também foi marcada por inúmeros processos ligados ao consumo, com uma maior inserção de produtos e serviços voltados para pessoas homossexuais. A utilização da sigla GLS, um equivalente ao termo estadunidense *gay friendly*, para identificar estes produtos e serviços voltados para Gays, Lésbicas e Simpatizantes acabou sendo uma das características do período (TREVISAN, 2018). Associada ao festival *Mix Brasil* de cinema e diversidade sexual, e ao seu criador André Fischer, a sigla inicialmente foi utilizada para nomear o segmento de mercado, e foi apropriada pela mídia, identificando estabelecimentos comerciais e fazendo referência a posturas inclusivas à diversidade sexual e de gênero. Assim, jornais, revistas, agências de viagens, bares, boates, planos de saúde e segurança, empresas de encontros e eventos culturais adotaram o termo, interessadas na crescente fatia de mercado, e no *pink money*<sup>17</sup> que essas parcelas da população detinham (PERET, 2011, p.84).

Uma das grandes características do conceito de GLS foi a noção de simpatizantes, referindo-se a pessoas que não se identificam como homossexuais, mas que frequentam os espaços destinados a estas parcelas da população, possuindo uma postura de aceitação para os comportamentos que se desviam das normas sexuais hegemônicas. Trevisan (2018), discutindo a abordagem que o termo

---

<sup>17</sup> O termo Pink money é utilizado para se referir ao poder de compra que a população LGBTQ+ detém. (PERET, 2011)



GLS trazia, aponta que também podia criar certa invisibilidade e sutileza para o enrustimento, já que, segundo o autor, era comum muitas pessoas se identificarem apenas como simpatizantes, e as pessoas que se identificavam como lésbicas e gays acabavam novamente sendo minorias nos espaços. O autor faz uma provocação, substituindo o S de simpatizantes, por S de suspeitos.

Entretanto, Trevisan (2018, p.350) assume que se não fosse por esta “recém inaugurada postura de simpatizantes”, não ocorreria um grande surgimento de atividades culturais ligadas à questão das homossexualidades e com forte repercussão social, como o já citado Festival *Mix Brasil*, que teve sua primeira edição em 1993. Este incluía em sua grade mostras artísticas como as de curtas e longas metragens, peças de dança e teatro, além de exposições, mobilizando diversos espaços culturais da cidade de São Paulo. Foi, também, responsável pela criação do primeiro site GLS do Brasil, em 1994. O periódico *O Babado*, à sua maneira, acaba sendo parte deste circuito, sendo ao mesmo tempo efeito destas novas posturas, e contribuindo para reforçá-la em suas edições.

Neste contexto complexo de intensas transformações, novas maneiras de se comportar e se identificar são promovidas. Segundo Regina Facchini (2002, p.120), a epidemia de HIV-AIDS contribuiu para o que militantes chamaram de “Visibilidade da Homossexualidade”, um processo no qual se dava uma ênfase maior no sexo do parceiro para a definição da sexualidade, em vez da posição ativa ou passiva que se assumia dentro da relação, ou definições de comportamentos mais masculinos ou femininos. Tal ênfase foi necessária para estruturar políticas e práticas de segurança e prevenção. Porém, não foi um modelo fechado, sendo necessário, em algumas situações específicas, o estabelecimento de outras categorias mais flexíveis, como a HsH (homens que fazem sexo com homens), que colocava a prática homossexual independente da identificação com posicionamentos homossexuais.

Esta maior visibilidade também foi utilizada por instâncias do mercado que, devido a transformações nas lógicas de produção e circulação de mercadorias, apelava para as identificações das diferentes parcelas da população, dando maior destaque para uma construção das identidades baseada no consumo de bens e serviços (FACCHINI, 2002, p.122). A individualização acabou se tornando um fator de relevância neste cenário, e a expressão da autoimagem foi um elemento explorado pelos diferentes nichos de mercado, como foi com os negócios

identificados como GLS e as diversas publicações que discursavam sobre estilos de vida, indicando comportamentos valorizados e aqueles que não eram bem vistos.

Rafael Toitio (2016, p. 97) comenta que este fenômeno também era, de certa maneira, intensificado por ações de caráter pedagógico de alguns grupos do movimento LGBTQIA+, com atividades de prevenção e conscientização que valorizavam comportamentos e práticas pautadas na individualidade, promovendo elementos de auto disciplina, auto responsabilidade, “enquadrando os indivíduos em populações-alvo como consumidores livres para eleger práticas sexuais em um mercado de ideias e informações”. Neste caso analisado por Toitio (2016), dizia respeito a ações de saúde, prevenção e aconselhamento dos grupos contra o HIV e AIDS e da movimentação política LGBTQIA+.

Para a doutora e psicóloga Adriana Nunan (2015), essa maior participação e direcionamento de produtos e serviços para homossexuais mostra-se como um fenômeno complexo e conflituoso, aparentando ser, ao mesmo tempo, benéfico e alienante. Segundo a autora, aqueles que encaram essa maior participação como benéfica argumentam que a maior visibilidade que as parcelas deslegitimadas da população passam a ter, sendo alvo de campanhas publicitárias e tendo produtos e serviços direcionados para elas, representando-as como uma potência econômica, social e política, aumentam a tolerância e aceitação desse grupo pela sociedade.

Já as críticas que encaram essa maior participação como problemática se pautam em argumentos que afirmam que essa maior visibilidade não significaria, necessariamente, maior aceitação e menor preconceito. Tal visibilidade acabaria por deslocar homossexuais de uma posição que os “oprime por causa de sua sexualidade (considerando-os imorais ou doentes) para entrar em uma forma de identidade comercializada que os valoriza apenas por seus padrões de consumo” (NUNAN, 2015, p.139). Essa troca de posições se torna prejudicial por promover o que a autora chama de “ética de liberação pela acumulação” (NUNAN, 2015, p.139), na qual a mobilidade social e aceitação são alcançadas pela aquisição de determinados produtos e serviços, especialmente se forem adequados a padrões normativos da sociedade.

Tais posicionamentos eram criticados por alguns militantes que recusaram a identificação GLS, reforçando seu posicionamento político e não mercadológico com as causas homossexuais. Tendo algumas similaridades entre si, mas também diversas diferenças, empresários que direcionavam seus produtos e serviços para a

população LGBTQIA+ eram vistos, por alguns grupos e militantes, como apoiadores do movimento, contribuindo para a realização de diversas iniciativas, mas possuindo objetivos e interesses diferenciados dos grupos militantes do movimento, o que causava algumas confusões entre os reais interesses dos diferentes grupos (FACCHINI, 2002, p.124).

Vale lembrar que esses movimentos não se fazem de forma suave e tranquila, mas existem através de disputas e resistências. Segundo Regina Facchini:

A história do movimento LGBT é a história da apropriação e da disputa coletiva de sentido em torno de categorias que foram (e ainda são, muitas vezes) utilizadas para agregar estigma e sofrimento à vida de sujeitos com desejos e condutas que conflitam com normatividades sociais relacionadas a gênero e sexualidade. (FACCHINI 2009 p.151)

Explicitar as arenas onde essas disputas e resistências ocorrem é uma das maneiras de entender os fluxos do movimento, auxiliando as pessoas a entenderem histórica, cultural e socialmente as circunstâncias que vivem, as opressões que sofrem e as conquistas que os movimentos sociais alcançaram.

Neste contexto complexo surgiu em Campinas - SP, no ano de 1995, o *Expressão - Grupo de Defesa dos Direitos Humanos dos Homossexuais*. Participando das redes formadas por outros grupos e militantes da época, foi um importante grupo na mobilização pela luta por direitos humanos e acolhimento de pessoas com HIV - AIDS e que sofriam preconceitos devido a sua orientação sexual.

Vinicius Pedro Zanoli (2015, p.66) explica que os membros que fundaram o *Expressão* se conheceram nas reuniões do *Conviver*, grupo de vivências ligado ao programa municipal de DST/AIDS de Campinas. Motivados por uma palestra sobre o movimento homossexual brasileiro, ministrada em outubro de 1995 pelo antropólogo e militante Luiz Mott na UNICAMP, alguns frequentadores do *Conviver* resolvem criar o *Expressão*, considerado o primeiro grupo voltado para a causa LGBTQIA+ na cidade.

Em 1996 o *Expressão* lançou o primeiro número de seu informativo, *O Babado*, que utilizando de abordagens informais e humorísticas, trazia diversos acontecimentos da época, como fofocas de pessoas conhecidas, ações do movimento homossexual, além de dicas sobre sexo seguro, prevenção de ISTs e segurança nas festas e na vida noturna. É deste periódico que nos aproximamos de modo a melhor observar algumas dinâmicas sociais que ficaram registradas em suas

páginas, através de reportagens, fotos, colunas e roteiros, ora questionando posicionamentos discriminatórios, ora reforçando posicionamentos normativos.

Infelizmente, temos pouco acesso à história do grupo *Expressão* devido à escassa produção bibliográfica sobre os grupos mais recentes da história do movimento LGBTQIA+, ao difícil acesso a estas fontes, bem como à falta de informação sobre acervos voltados para preservar e manter esta parte da história brasileira.

As informações sobre o grupo aqui apresentadas são extraídas do próprio informativo *O Babado*, editado e lançado pelo Grupo *Expressão*. As principais fontes são os editoriais, escritos pelo grupo, e assinados pelas iniciais A.F.C.T. em algumas edições, e assinadas pelo Grupo *Expressão* em outras.

Em diversos editoriais fica clara a crítica do grupo *Expressão* para com o movimento homossexual, principalmente ao que eles chamam de 'estrelismo', causador de atritos e desavenças entre diferentes grupos existentes na época. Esses posicionamentos são vistos como negativos, contribuindo para a separação dos grupos, que deveriam se unir para se posicionar consistentemente contra valores heterossexuais que alimentam preconceitos e homofobia nas diversas instâncias da vida das pessoas LGBTQIA+.

Tais críticas ficam claras com o acontecimento do *IX Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Travestis*, *II Encontro Nacional de Gays e lésbicas que trabalham com AIDS*, e a reunião da ABGLT (*Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis*), que deveria ter sido organizado em Sergipe um ano antes, em comemoração aos 15 anos do grupo *Dialogay*, mas que não ocorreu por desentendimentos internos da organização. Aconteceram, então, em 1997. A princípio, nove grupos do estado de São Paulo estariam participando da organização (o *Expressão* incluso), porém, devido a intensas desavenças, apenas dois grupos continuaram e organizaram os encontros (segundo o editorial, o *Expressão* foi convidado a se retirar da organização junto com outros dois grupos através de cartas enviadas via fax) (BABADO, 1997, nº 5, p.1).

Na mesma página há um artigo escrito por Luiz Mott, de título "*Como anda o movimento homossexual brasileiro*" (BABADO, 1997, nº 5, p.1), no qual faz um breve relato de suas percepções sobre o movimento homossexual desde a década de 1980, quando fundou o *Grupo Gay da Bahia*. Este texto possui o mesmo tom de crítica que o editorial traz, ressaltando como brigas e desentendimentos, muitas

vezes levados por questões individuais de alguns membros, poderiam enfraquecer o movimento. Entretanto, o autor destaca que tal movimento continuava tendo conquistas e avanços que deveriam ser mantidos independentemente destes conflitos.

Na edição seguinte, em março de 1997, o editorial comenta brevemente como se deram os encontros, informando que foi meio tururu<sup>18</sup>, “*não houve brilho, mas brigas, intrigas e muito mal estar - uma fogueira das vaidades.*” (BABADO, 1997, nº 6, p.1). De maneira similar, outro texto que ressoa com tal posicionamento foi o artigo “*Luiz Mott Fala sobre gente que não faz*”, com uma nota da ABGLT assinada por Luiz Mott, posicionando-se contra as declarações feitas pela ativista lésbica Mirian Martinho, na época presidente do grupo lésbico *Rede Um Outro Olhar*. Mirian contesta esta carta com um direito de resposta que aparece no número 10 (Setembro de 1997), p.01, onde refuta as afirmações veiculadas por Luiz Mott no artigo comentado anteriormente. Também esclarece as dúvidas sobre atritos relacionados a outros grupos lésbicos, bem como discordância com a ABGLT. Ao fim da nota, afirma que estas acusações não levavam a nada, sendo prejudicial ao movimento como um todo.

Tais conflitos são muito mais complexos do que uma disputa entre grupos, e envolvem inúmeros fatores tanto internos quanto externos, merecendo uma atenção maior que foge do foco desta dissertação. Mais do que narrar os fatos e rixas do movimento da época, tais informações presentes no informativo *O Babado* mostram que o Grupo *Expressão*, mesmo com pouco tempo de existência, estava atento aos acontecimentos envolvendo o movimento LGBTQIA+ nacional, engajando-se em tais movimentações políticas e sociais que esta rede proporcionava.

Segundo Zanolli (2015), o grupo *Expressão* deixa de existir após conflitos referentes à edição de março de 1998 do *O Babado*, comemorativa ao mês das mulheres. Considerando que deveria dialogar mais com as lésbicas, decidiu-se que esta edição teria a capa estampada por um casal de mulheres, bem como reportagens e notícias voltados para essa temática, buscando, mesmo com as dificuldades técnicas da época, entrevistas com personalidades influentes, como Vange Leonel e Ângela Rô Rô. Contudo, desrespeitando os acordos prévios, o conteúdo da edição teria sido modificado por uma parcela do grupo considerada majoritária, diminuindo o enfoque dado às temáticas decididas coletivamente. Com

---

<sup>18</sup> No pajubá, tururu significa algo mais ou menos (mais para ruim). (BABADO, 1996 nº2 p.10)

os confrontos causados pela atitude, o jornal foi editado às pressas para se alinhar ao projeto decidido coletivamente, mas a situação foi o estopim para muitos dos participantes deixarem o grupo devido a relações já desgastadas por descontentamentos e divergências, principalmente ligadas ao caráter mais "festivo" e menos "politizado" que o *Expressão* teria. Depois desta cisão, os membros que saíram do *Expressão* continuaram se reunindo, e fundaram o grupo *Identidade*, em março de 1998. Após estes acontecimentos não encontramos maiores registros sobre a continuidade das atividades do Grupo *Expressão*.

## 1.2 QUAL É O BABADO? CONHECENDO UM POUCO MAIS DO PERIÓDICO

A palavra babado no pajubá<sup>19</sup> pode ser traduzida como acontecimento, notícia, fofoca. “Saber do babado” é estar por dentro das últimas novidades. Também é utilizada para se referir a coisas interessantes e admiráveis. Expressões como “ele é do babado” e “aquele point é do babado” podem indicar pessoas ou lugares que participam da comunidade LGBTQIA+. O *Babado*, não por acaso, foi escolhido por um grupo de militantes de Campinas para ser o nome de seu periódico, identificando o que leitores e leitoras encontrariam em suas páginas: as novidades mais especiais do momento, principalmente as ligadas ao universo LGBTQIA+.

Durante o mês de setembro de 1996, o *Expressão* - Grupo de defesa dos direitos humanos de homossexuais lançou a edição 0 (nº1) d’O *Babado*. O periódico tinha como editor chefe das primeiras edições, Jairo Silva, e o editor de arte era identificado apenas como ‘Mica’. Contava com tiragens de 16.000 unidades por edição e era distribuído gratuitamente. Depois do número 06 (março de 1997) passou a ser vendido pelo valor de R\$1,50, contribuindo na sua edição e circulação.

---

<sup>19</sup> O Pajubá é considerado um dialeto utilizado por parcelas da população LGBTQIA+, possuindo raízes no iorubá, mas também se apropriando de termos em outras línguas, como o francês e o inglês e sendo usado como "língua-de-resistência", usando termos cifrados e gírias para a comunicação entre pessoas do grupo, para se proteger de pessoas externas e para se unir enquanto grupo estigmatizado. Mais informações podem ser consultadas em BARROSO (2017).

No quadro 3 podemos conferir as edições disponíveis no acervo do CEDOC prof. Dr. Luiz Mott:

**Quadro 1 -Edições do Periódico *O Babado* disponíveis no acervo do grupo *Dignidade*, por ano.**

	1996	1997	1998
janeiro		ano 1 nº 5	ano 2 nº 14
fevereiro			
março		ano 1 nº 6	ano 2 nº 15
abril		ano 1 nº 7	
maio		ano 1 nº 8	
junho		ano 1 nº 9	
julho			
agosto			
setembro		ano 1 nº 10	
outubro	ano 1 nº 2	ano 2 nº 11	
novembro	ano 1 nº 3	ano 2 nº 12	
dezembro	ano 1 nº 4	ano 2 nº 13	

**Fonte: O autor (2021)**

Parte do dinheiro que financiava o jornal provavelmente vinha de publicidade, já que os anúncios aparecem em grande quantidade pelas páginas do periódico, desde boates, danceterias, bares e cafés, até companhias de turismo e excursões, passando por motéis, saunas e termas, sex shop, serviços de encontro, acompanhantes, cabeleireiros e depiladores, tatuadores, lojas de roupas e brechós. O editorial do número 4, ano 1, fazendo um retrospecto das edições passadas, agradece os proprietários de negócios voltados para o público GLS<sup>20</sup> que foram fundamentais ao abrir as portas e apoiar *O Babado*. Segundo este editorial: “foi muito positiva, logo de início, a receptividade dos proprietários dos negócios ligados ao público GLS, e o entusiasmo da equipe foi sempre aumentando” (BABADO, 1997, n. 10, p.1)

O corpo editorial faz também um agradecimento especial à boate *The Club*, que desde o início foi a principal colaboradora (BABADO, 1996, n. 4 p.1). A presença da boate no jornal se dá em várias páginas de uma mesma edição: com

<sup>20</sup> A sigla GLS surgiu na década de 1990, em um contexto mercadológico, para sinalizar locais, produtos e serviços que aceitavam pessoas Gays, Lésbicas e Simpatizantes, é um equivalente ao termo americano *Gay friendly*.

marca e publicidade no rodapé da capa, aparecendo na coluna *The best night queer entertainment* (figura 06), onde são mostradas fotos de pessoas em festas e boates, e no guia *One Way* (figura 07), onde roteiros de bares, boates, danceterias, cafés, saunas e termas de São Paulo, Campinas e Curitiba eram disponibilizados, apesar de circular em diversas outras cidades do país.

O *Babado* contava com vários colaboradores que escreviam artigos, colunas, davam suas opiniões e indicações, além de responder cartas. As pessoas que colaboraram de modo mais frequente são: Regina Bottari, com a coluna *Falando sério*, Virginia Wolf (não foram encontrados dados referentes ao autor ou autora que assina este pseudônimo) com o *guia One way*, Eduardo Gregory com o *Espaço Cult*, Dj Marcio M.M. com o *Music News*, André Fischer com o *Ciber mix*, Kaka Di Polli com o *Kakarolando*. Glenio Braga, com o *Papo zen*, Luiz Antonio Vádico com *Essa tal de religião*, Marcelo Vaugrard com *A queda do muro*, Du Gregori com *Versace*, Paulo Miriante com *Tricôt básico - Vange leonel*, Marta Suplicy com *8 de março de transição*<sup>21</sup>, são algumas das pessoas que colaboravam de maneira mais eventual, aparecendo apenas uma vez, no máximo em duas edições do jornal<sup>21</sup>.

O informativo parecia ser uma mescla entre as linguagens visuais do jornal e da revista. Possuindo formato tablóide, impresso em papel jornal, suas edições continham uma média de 18 páginas. As capas utilizavam fotografias de homens, geralmente com a pele clara, cabelos curtos, músculos proeminentes, nus ou seminus e em poses sensuais para atrair o público. A utilização de cores nas capas é bastante explorada, aparecendo na escolha das fotografias e nas diferentes fontes das chamadas, produzindo harmonias cromáticas que contribuem para a hierarquia visual (figura 02).

---

<sup>21</sup> Uma listagem com os colaboradores, as colunas que escrevem e as edições que são publicadas pode ser encontrada no apêndice I, ao final do trabalho.



Figura 02 - Linha do tempo contendo as capas das Edições nº 2 ano 1 (outubro de 1996), nº 3 ano 1 (novembro de 1996), nº 4 ano 1 (dezembro de 1996), nº 5 ano 1 (janeiro/fevereiro de 1996), nº 6 ano 1 (março de 1996), nº 7 ano 1 (abril de 1997), nº 8 ano 1 (maio de 1997), nº 9 ano 1 (junho de 1997) do periódico *O Babado*.



Fonte: Centro e Documentação Prof. Luiz Mott - Grupo Dignidade.

A marca utiliza uma elipse vermelha para se destacar do restante da composição, onde o nome do periódico, *O Babado*, aparece escrito com uma fonte estilizada, que se encaixa na forma elíptica. Este formato mais orgânico de

apresentar o nome do periódico pode ser uma estratégia de diferenciação de outros periódicos do período, como o *Nós por exemplo* - Rio de Janeiro, 1991 (figura 03) e o *Folha de Parreira* - Curitiba, 1994 (Figura 04), que geralmente utilizam fontes mais geométricas, serifadas e que transmitem maior seriedade.

Figura 03 - Capas de algumas das edições do periódico *Nós por exemplo*.



Fonte: Centro de Documentação Prof. Luiz Mott - Grupo Dignidade.

Figura 04 - Capas de algumas das edições do periódico *Folha de Parreira*.



Fonte: Centro de Documentação Prof. Luiz Mott - Grupo Dignidade

O periódico *Nós por Exemplo* (1991) possui um projeto gráfico das capas onde, assim como *O babado*, a utilização de fotografias de modelos é explorada. Contudo, utiliza as fotos em preto e branco, bem como os outros elementos, como nome do periódico e as chamadas, trazendo certo ar de sofisticação. Já as capas do *folha de parreira* (1994) trazem fotografias de acontecimentos, ativistas e pessoas influentes, reforçando o ar de informativo que a publicação possui.

Em sua edição comemorativa de 1 ano (figura 5, nº 10 ano 1 - setembro de 1997), o periódico passou por alterações no *layout* da capa. A marca muda, assumindo todo o topo da página, e a cor vira um elemento cambiante, interagindo com a fotografia que estampa a capa de cada edição, utilizando uma fonte sem serifa, de ar mais moderno. A legenda com o nome do grupo e as informações técnicas de edição e ano foram padronizadas, ficando abaixo do nome do informativo. O perfil das imagens também foi alterado, deixando de focar o corpo dos modelos para focar seus rostos, com um padrão de tons de pele e olhos claros e sem barba, encarando fixamente o espectador. A edição nº 15 do ano 2 (março de 1998), comemorativa do mês internacional das mulheres, é a única das edições a contar com uma mulher na capa. Infelizmente, essa é a última edição disponível no acervo do Centro de documentação Prof. Dr. Luiz Mott, e não podemos afirmar com precisão se é a última edição do periódico também.

**Figura 05 - Linha do tempo contendo as capas das Edições nº 10 ano 1 (setembro de 1997), nº 11 ano 2 (outubro de 1997), nº 12 ano 2 (novembro de 1997), nº 13 ano 2 (dezembro de 1997), nº 14 ano 2 (janeiro de 1998) e nº 15 ano 2 (março de 1998) do periódico *O Babado*.**



**Fonte: Centro e Documentação Prof. Luiz Mott - Grupo Dignidade.**

As imagens tinham papel de relevância no projeto gráfico do *O Babado*, mostrando anúncios publicitários, fotos de pessoas em festas, montagens gráficas e ilustrações que apareciam de maneira mais fluida nas páginas, gerando interações inusitadas entre os textos e o conteúdo das imagens. Nem sempre as imagens eram utilizadas para representar o que o texto estava dizendo, mas contribuíam para gerar leituras variadas através de suas interações, ora sugerindo representar a pessoa que escrevia, ora para provocar a fantasia dos leitores e leitoras com corpos em posições sensuais, e também para promover as pessoas que estavam nas festas de Campinas, participando dos círculos de amizade e participando das redes de sociabilidade LGBTQIA+ da época (figura 6).

**Figura 06 - Página dupla da coluna *The Best Night Queer Entertainment*, com os acontecimentos do mês comentados por Blue Boy e fotos de pessoas nas festas, bares e boates**



Fonte: (BABADO, 1996, nº2, p. 8 e 9), Centro e Documentação Prof. Luiz Mott - Grupo Dignidade.

Destoando do ar institucional que outros periódicos semelhantes da época apresentavam, *O Babado* propunha uma abordagem baseada em humor e informalidade, trazendo informações sobre eventos, roteiros de bares e boates, festas, dicas de saúde e prevenção de ISTS de maneira divertida, usando elementos do pajubá. Algumas colunas do jornal são escritas dando a entender que as colunistas são *drag queens* conhecidas na cena local, comentando de forma alegre e satírica os acontecimentos e festas, dando dicas de viagens, roteiros e vestuário. Utilizando ironias e humor ácido, faziam piadas sobre os comportamentos que não eram valorizados, bem como sobre comportamentos que eram super valorizados, evidenciando, muitas vezes de maneira incerta e dúbia, quais atitudes podiam ser motivo de piadas e situações embaraçosas por outras pessoas 'entendidas'.

Um dos principais enfoques do periódico parece ser a preocupação com a aparência, já que grande parte de suas colunas aborda este assunto, com indicações de exercícios para o corpo: *Glúteos perfeitos* e *Abdomens do bem*, bem como de vestuário e dicas de etiqueta, valorizando o que seria bem visto, e

utilizando piadas e comentários ácidos para criticar os comportamentos não tão bem vistos.

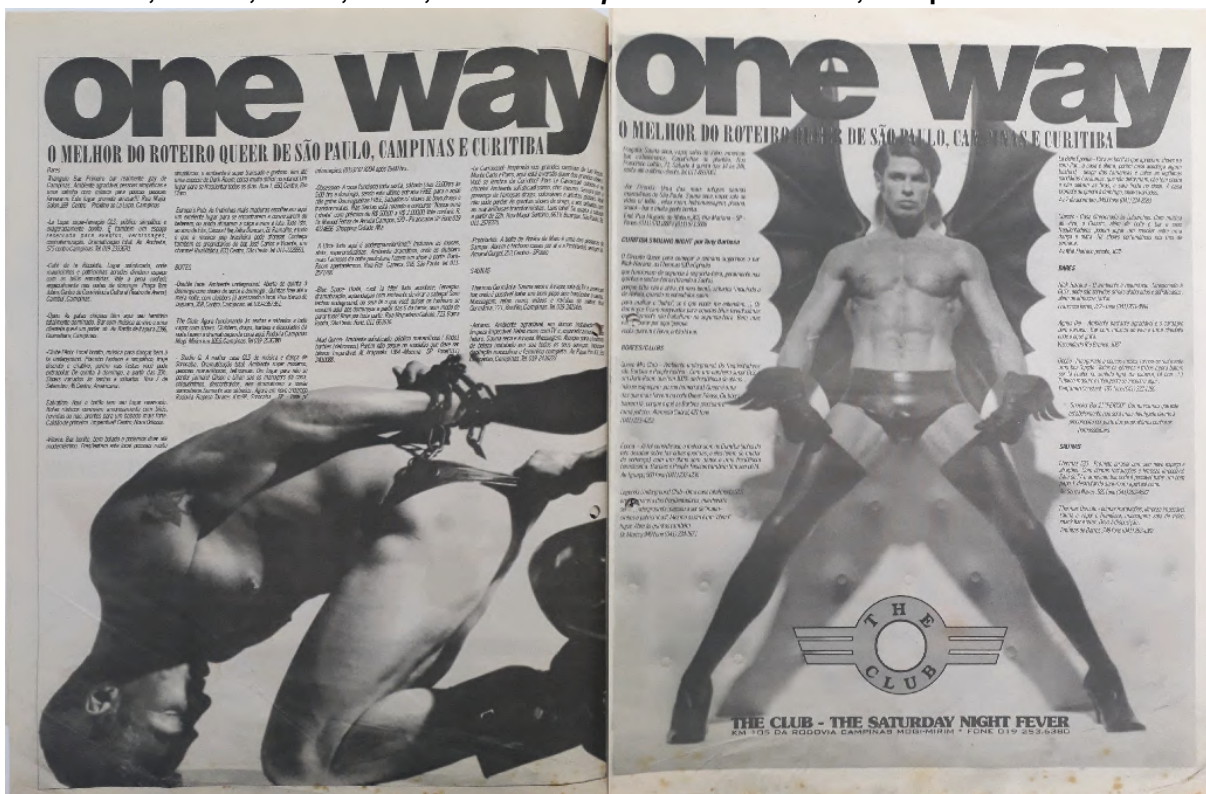
Já na sessão *Bolsa de valores Vavá Up* eram indicados acontecimentos ‘up’, como lançamentos de produtos de marca (roupas e perfumes), lançamentos de músicas e shows de artistas (como Madonna e Rupaul) e comportamentos, como utilizar preservativos nas relações sexuais. Em contraste, também eram tratados acontecimentos graves na parte ‘down’, como casos de homofobia, comentários sobre personagens de atuação ou figurino ruim em novelas, e alertas sobre práticas de sexo desprotegido. A sessão *Acorda Alice!* dava dicas de como evitar golpes, como o boa noite cinderela<sup>22</sup>, orientava como ter cuidados em boates e baladas, como proceder em casos de homofobia, entre outros.

Nos guias e roteiros culturais o jornal citava com frequência a boate *The Club*, tendo páginas exclusivas para mostrar fotos de festas que aconteciam lá, com suas *drag queens* e dançarinas, mencionando os melhores babados (despedidas, aniversários, shows e festas temáticas). Também comentavam situações inusitadas, utilizando humor para discriminar os comportamentos “inadequados”. O roteiro *One way* recebia destaque, indicando bares, boates, saunas, festas e apresentações (Figura 07). Estas páginas concentravam fotografias e imagens de teor sensual, orientando a diagramação dos textos, com uma visualidade bem dinâmica. As fotos, geralmente, mostravam homens em posições eróticas, com fantasias que traziam referências da mídia pop, como a do Batman, por exemplo, ou produziam representações sobre o imaginário BDSM, com a utilização de peças de couro, utilização de apetrechos, como chicotes, dildos, mordanças e correntes, e com o tensionamento de normas, produzindo representações ambíguas, subvertendo posições de atividade/passividade, utilizando de elementos que promoviam a efeminação dos corpos, como espartilhos e corpetes, botas de salto alto, entre outros.

---

<sup>22</sup> Boa noite Cinderela é um golpe onde a vítima é entorpecida através de fármacos colocados em sua bebida sem seu conhecimento.

Figura 07 - Página dupla do guia *One Way*, organizado por Virginia Wolf, com indicações de bares, boates, festas, cafés, entre outros *points* de São Paulo, Campinas e Curitiba.



Fonte: (BABADO, 1996, nº2, p. 6 e 7), Centro e Documentação Prof. Luiz Mott - Grupo Dignidade.

Com tom descontraído e sarcasmo, o jornal não deixa de comentar sobre situações que ocorriam entre os diferentes grupos da causa homossexual existentes no período. Desentendimentos e rixas que transpareciam nos eventos, seminários e congressos eram criticados nos editoriais das edições, onde os editores cobravam mais união e menos vaidade das lideranças dos grupos. Tal posicionamento crítico era presente em outros momentos do jornal, como nas colunas de opinião e sessões de cartas, demonstrando um interesse em divulgar e atrair o olhar para questões de mobilização que aconteciam cada vez mais institucionalizadas ou mercantilizadas no final da década, fenômeno também descrito por Regina Facchini (2002).

### **1.3 AQUENDA A RACIONALIZAÇÃO SUBVERSIVA, DÁ A ELZA NO CÓDIGO TÉCNICO**

Se, por um lado, durante a década de 90 aconteceram intensas mobilizações sociais, por outro, tiveram grandes transformações técnicas e tecnológicas que repercutiram em toda a sociedade. As agências e escritórios de design nacionais também sofreram mudanças nesse período.

Em 1992 aconteceu a liberação de importações de eletrônicos que antes eram proibidos devido à reserva de mercado dentro do território brasileiro. Segundo o Pesquisador Roberto Temin (2015), ao final da década de 1960, o regime militar brasileiro percebeu que investir em desenvolvimento de informática no país seria uma atitude estratégica, já que toda tecnologia era importada, e não haviam fabricantes nacionais. Devido à criação de comissões para a regulação da nova área em construção no país, bem como alguns avanços na área, ocorreram limitações para a importação de tecnologias de outros países. Com a aprovação da lei 7.232, em 29 de outubro de 1984, durante o governo do presidente João Baptista de Oliveira Figueiredo, o controle sobre a importação de bens e serviços de informática foi intensificado. (TEMIN, 2015, p.28). Enquanto durou a vigência da reserva de mercado era possível adquirir alguns produtos, mas pagando impostos altíssimos, e passando por processo burocráticos, como a comprovação de que não existiam similares de produção nacional. Muitos dos hardwares e softwares obtidos na época vinham de importações ilegais, o que, em alguns momentos, gerou contradições na atuação de alguns escritórios de design e birôs que, para acessar as novas tecnologias e softwares para trabalhar, dependiam do contrabando. (TEMIN, 2015)

Com a liberação da reserva de mercado, ocorreu, também, a expansão da utilização de computadores pessoais nos escritórios de design gráfico. O que antes era visto com certa desconfiança por alguns designers, que defendiam o uso das ferramentas tradicionais e do desenho a mão, acabou se mostrando um avanço sem retorno, que agilizou os procedimentos, diminuiu a quantidade de profissionais envolvidos e permitiu novas experimentações e linguagens nos projetos de design gráfico.

De acordo com Roberto Temin (2015), o desenvolvimento das interfaces gráficas dos computadores facilitou sua operação, devido à interface mais amigável



e visual, em comparação com interfaces por linha de comando, que exigia cursos e formações especiais. Talvez, este também tenha sido um dos fatores que colaborou para a rápida popularização destas interfaces gráficas, mesmo com a dificuldade de acesso e importação de hardwares. A criação da Linguagem *Postscript* pela Adobe também foi um fator fundamental, já que através dela, o trabalho com tipografias foi facilitado, sem grandes perdas na qualidade dos materiais, bem como dos desenhos e imagens.

Com estes aprimoramentos, designers conseguiram centralizar várias etapas do processo de desenvolvimento e publicação. O trabalho que antes era feito por empresas de fotocomposição, como a digitação e composição dos textos, pelas gráficas especializadas, a preparação das imagens, e execução dos fotolitos, foram atividades que acabaram sendo gradativamente informatizadas com o desenvolvimento de equipamentos específicos e com a criação de softwares de editoração eletrônica, e passou a ser centralizado em bureaux (ou birôs, segundo versões abrigadas), reduzindo custos e barateando os processos de produção e impressão. A utilização de fontes tipográficas e bancos de imagens também deixaram de ser restritas apenas aos catálogos disponíveis das fotocompositoras. A manipulação das fontes agora poderia ser feita diretamente nos softwares de editoração, o que antes era atividade exclusiva dos tipógrafos profissionais. Isso permitiu novas experimentações gráficas e novas possibilidades para os *layouts* desenvolvidos (TEMIN, 2015).

Podemos entender que as mudanças técnicas que ocorrem nos diferentes períodos históricos interferem na produção de materiais e nos processos de design, assim como na maneira como estes materiais circulam pela sociedade. Isto pode ser percebido olhando para alguns periódicos da época, aliando pesquisas de cunho histórico com ferramentas da análise crítica das imagens e dos projetos de design gráfico, para conseguir explicitar circunstâncias históricas e perspectivas que os periódicos nos fornecem. Esta visão é compartilhada pelo pesquisador e historiador Rafael Cardoso:

Numa época cada vez mais dominada por imagens, compreender a história da visualidade é tarefa essencial; e não é possível fazê-lo sem conhecer os impressos que tem servido de suporte para grande parte das imagens em circulação, não somente do passado, como hoje ainda (CARDOSO, 2009 p.10).

Desse modo, consideramos o design gráfico como um campo interdisciplinar heterogêneo, que envolve a produção, circulação e crítica de visualidades. A delimitação de um campo costuma ter como base descrições de associações de trabalhadores, como a ADG (Associação do Design Gráfico). Ela define o design gráfico como

uma atividade de planejamento e projeto relativos a linguagem visual, que lida com a articulação de texto e imagem, podendo ser desenvolvida sobre os mais variados suportes e situações. É utilizado para informar, identificar, sinalizar, organizar, estimular, persuadir, entreter. (CAMPOS, LEDESSA. 2011, p.28)

Conforme discutido anteriormente, as possibilidades técnicas de determinado período interagem com certas escolhas e decisões feitas por designers, escolhas estas que tentam desenvolver as expectativas estabelecidas em etapas iniciais do projeto. A designer e pesquisadora norte-americana Ellen Lupton compartilha tal posicionamento. Na introdução de seu livro *Novos Fundamentos para o Design*, a autora evidencia o efeito das mudanças das tecnologias da computação e dos *softwares* nas habilidades técnicas necessárias para os professores, professoras e profissionais do design no início da década de 90. Quanto ao exercício da profissão, a autora afirma que:

é tarefa do designer produzir trabalhos que sejam relevantes em situações reais (público alvo, contexto, objetivo, pauta, localização) e transmitir mensagens significativas e experiências ricas e palpáveis. Cada produtor anima as estruturas essenciais do design a partir de seu próprio lugar no mundo. (LUPTON; PHILLIPS. 2008, p. 09)

Por outro lado, é necessário pensar o design a partir de interações sociais mais amplas, considerando-o enquanto participante de dinâmicas econômicas, culturais, políticas, entre outras. Adrian Forty, historiador do design e da cultura material, nos alerta que

longe de ser uma atividade artística neutra e inofensiva, o design, por sua própria natureza, provoca efeitos muito mais duradouros do que os efêmeros produtos da mídia porque pode dar formas tangíveis e permanentes às ideias sobre quem somos e como devemos nos comportar (FORTY. 2013, p.12).

Em outras palavras, as escolhas técnicas que profissionais de design fazem acabam por expressar valores e posicionamentos ideológicos presentes na sociedade, principalmente valores que podem ser impostos pela cadeia de trabalho. Ao materializar tais valores, os fazem circular pela sociedade em forma de produtos, serviços, *softwares*, campanhas.

Em contraste com a fala de Ellen Lupton que cita as estruturas essenciais do design, Forty afirma que

o design de bens manufaturados não é determinado por uma estrutura genética interna, mas pelas relações entre pessoas e indústrias que os fazem, e pelas relações entre essas pessoas e indústrias e a sociedade em que os produtos são vendidos (FORTY, 2013, p.14)

O autor posiciona o design como elemento constituinte de redes maiores da sociedade e, no caso específico do surgimento do design gráfico a partir da revolução industrial, posiciona-o participando de estruturas que possuíam uma racionalidade capitalista e burguesa. Ao considerarmos a circulação e consumo para além das instâncias apenas de produção e do papel individual de designers, percebemos os impactos sociais e ambientais da produção material que o design pode proporcionar.

Designers fazem escolhas em seus projetos, utilizando fontes, paletas de cores, fotografias, grids, suportes e dimensões, entre inúmeras outras variáveis técnicas, além de todo seu repertório pessoal e *background* profissional. Ao navegar por tais escolhas em processos, quer sejam baseados em metodologias, ou de maneira mais livre e intuitiva, acabam por inserir também valores e características subjetivas que podem ora reforçar posicionamentos hegemônicos, ora contestá-los. As materialidades gráficas, ao circularem pela sociedade, alimentam redes sociotécnicas de interação com leitores e leitoras que podem se identificar com esses materiais, já que são planejados para sinalizar, informar, organizar, estimular, persuadir, engajar e entreter. Através desse engajamento, tais valores são reafirmados em dinâmicas sociais e culturais na sociedade, que interferem em novos projetos e desenvolvimentos, de maneira contínua.

Para aprofundar nosso entendimento sobre algumas dinâmicas da tecnologia, recorreremos às propostas do teórico americano Andrew Feenberg (2010). Para ele, uma teoria crítica da tecnologia deve questionar os pressupostos deterministas e de neutralidade dos projetos, soluções e inovações técnicas. Assumindo que a tecnologia e o seu desenvolvimento são regidos por valores humanos, podendo ser produzida e controlada de maneira democrática por diferentes grupos, Feenberg tem um posicionamento otimista sobre a participação social nas decisões e rumos dos desenvolvimentos tecnológicos, bem como das apropriações dos códigos técnicos.

Para uma leitura mais abrangente dos processos tecnológicos, Feenberg propõe a Teoria da Instrumentalização. Para ele, "A Teoria da Instrumentalização nos conduz a uma análise da tecnologia em dois níveis: no nível de nossa relação funcional original com a realidade e no nível do design e implementação da tecnologia." (FEENBERG, 2010, p.130). O autor propõe uma subdivisão (de maneira didática) do processo de instrumentalização entre primária e secundária.

A instrumentalização primária é pautada nas relações técnicas e possui 4 passos: *descontextualização* (se descontextualiza o material da natureza), *reducionismo* (processo de simplificação dos itens técnicos), *autonomização* (isolamento das ações e efeitos do usuário), e a *tomada de posição* (posicionar a tecnologia de modo a virar suas propriedades ao favor do usuário).

Já a instrumentalização secundária está ligada à integração com os ambientes sociais, técnicos e naturais onde será utilizada. Para Feenberg (2010), a ideia de função adquire um papel de importância nesse momento. Assim como a instrumentalização primária, também ocorre em quatro passos: *sistematização* (combinação de objetos técnicos e recursos para a reinserção no ambiente técnico), *mediação* (mediações éticas e estéticas oferecem novas qualidades secundárias que reinserem os objetos técnicos em seus contextos sociais), *vocação* (ligada ao trabalho, propondo os trabalhadores como objetos corporais) e *iniciativa* (iniciativas por parte dos indivíduos submetidos ao controle técnico).

Entender o processo de instrumentalização nos permite relacioná-lo com os processos de design que produzem artefatos, sistemas e materialidades gráficas. Estes processos acabam selecionando características do mundo real, simplificando-as (algumas vezes utilizando ferramentas como fotografias e ilustrações baseadas em estereótipos, assim como a simplificação de características complexas em modelos de usuários / público-alvo, entre outros procedimentos), combinando-as com outros elementos, definindo tons e sentidos de leitura de modo a transmitir mensagens mais ou menos organizadas de acordo com as intenções do designer ou da empresa que presta serviço. Tornam essas mensagens disponíveis para as pessoas através de escolhas estéticas e técnicas que utilizam processos de produção e replicação em massa, como processos de impressão, veiculação e distribuição.

A proposta de Feenberg também nos permite perceber mais camadas sobre como o design participa de redes sociotécnicas. O autor chama a atenção para isso,

ressaltando a característica que os processos de design possuem em conformar significados e matéria através dos artefatos que produz, sendo

(...) um terreno onde os grupos sociais expressam suas visões de mundo materialmente e desenvolvem suas perspectivas e interesses. O design procede reunindo camadas de funções correspondentes aos vários significados que os atores atribuem aos artefatos. O estudo de um sistema técnico deve identificar as camadas e explicar as suas relações<sup>23</sup>. (FEENBERG, 2017, p. 32)


Portanto, o design pode ser entendido como um fazer técnico de grande relevância na produção e circulação de materialidades pelas dinâmicas sociotécnicas. Feenberg (2017, p.8) afirma que valores só podem ser materializados e fazer parte das tecnologias se forem traduzidos em linguagem técnica (através do código técnico) e, dessa maneira, possibilitar que as diferentes tecnologias ocupem seus nichos sociais e ambientais, como abordado pela teoria da instrumentalização. Desse modo, a preocupação das diferentes disciplinas seria, em algum nível, esse processo de tradução. No caso do design gráfico, seria materializar estes valores em soluções gráficas.

Podemos considerar esse processo de tradução sendo feito através das escolhas que designers fazem em seus projetos, utilizando de elementos gráficos para construir sentidos de leitura, valorizando informações, adicionando camadas de significados através da associação de elementos. Por exemplo, os diferentes títulos das colunas do periódico (figura 8) visam atrair a atenção de quem lê, comunicando de maneira visual diferentes interpretações, de acordo com o contexto onde estão, e do tom que visam comunicar. Estas escolhas se comunicam com os repertórios e vivências que as pessoas possuem. No caso do periódico *O Babado*, são utilizadas referências a vivências comuns a pessoas homossexuais, contribuindo para a construção de suas visões de mundo e representações.

---

<sup>23</sup> Tradução livre do original: *“From a constructivist standpoint, all this has to do with design because the design process brings together meaning and matter. It is a terrain on which social groups express their worldview materially and advance their perspectives and their interests. Design proceeds through bringing together layers of function corresponding to the various meanings actors attribute to the artifact. The study of the technosystem must identify the layers and explain their relations”*. (Feenberg, 2017, p. 32)

Figura 08 - Alguns títulos de colunas presentes no periódico O Babado ( Ano 1, nº 04 - dezembro de 1996 ).



# Na celulite di Polly

## Mais uma...

**Comenteide**

Análise, o sivo bates, e eu tô lica pra comer peru. de Natal, sua passiva... de Natal!!! Glu, glu, glu... A vem aquela gorda que mais parece um grande peru.

Vai inaugurar a "The Phantom", aguardem. Será lá onde era "Victoria's Pub". A casa terá direção de Abel Belon, e dizem que - pra quem gosta - o darkroom será maior que a pista. Parabéns ao foto e vamos esperar para conferir.

Não esqueça das camisinhas, queridas, afinal o bichinho do "han ahah" não morre no escuro... e também pega pela garganta, viu, desenferrada!

Tá tá tá

# PREOCUPAÇÕES DOS PAIS COM FILHO OU FILHA HOMOSSEXUAL

Será que eu vou sofrer discriminação?

Será que vai ser problema para encontrar e manter sua emprego?

Será que eu vou sofrer violência física?

Infelizmente, temos que responder que sim, pois todas estas preocupações são verdadeiras. Isto muitas vezes depende do lugar onde o filho ou filha homossexual está vivendo que tipo de trabalho vai desempenhar e como deverão agir. É importante que os pais saibam que, felizmente, nos últimos anos, os atitudes da população, em geral, perante homossexuais tem melhorado muito passando por momentos difíceis.

Também tem crescido o número de grupos e organizações - incluindo a Associação de Pais e Amigos dos Homossexuais - que estão trabalhando para melhorar as atitudes das homossexuais, e que estão prontos para ajudar aquelas famílias que estejam passando por momentos difíceis.

Então o gay ou a lésbica sozinho ou sozinha se não tem sua própria família?

Pode ser que sim, pode ser que não. Devemos lembrar que isto pode acontecer com qualquer um de nós, independentemente se é homossexual ou heterossexual. Esporadicamente, casamentos se desfazem, os filhos muitas vezes morrem longe e muitas vezes morrem não são filhos. Muitos de nós temos que nos adaptar com o solido no solido. Por outro lado, muitas lésbicas e gays tem relações duradouras e sua própria comunidade pronta para ajudar aqueles a seus membros. Quando mais familiar aos filhos homossexuais sua própria orientação, ou seja, que eles se casarem e seja respeitada sua orientação sexual, mais homossexuais terão a oportunidade de viver por toda vida fazendo parte de uma comunidade, ajudando assim a formação da família solidária. As lésbicas e os gays consideram família, não só seus parentes consanguíneos, como também seus companheiros de muitas maneiras.



# Falando sério

Sou mulher! Adoro ser mulher, estou plugada no meu tempo e contendo meus trinta e alguns anos como uma grande vitória. Como meio de comunicação, posso usar desde sinais de fumaça até a Internet, como meios de transporte, disponho das minhas próprias pernas até o avião e ainda assim, formo necessarias intermináveis horas, mergulho num sofá, alçando para o teto e me perambulando.

"O que eu vou fazer da minha vida?"

Com um curriculum politicamente correto, no dia que me vi apaixonada por uma mulher preta/Sat, souzinha para comprar uma camisa de força, achei que estava tudo errado, quis largar o emprego, quis sair do país. Achei que não poderia mais ir ao supermercado, ao teatro ou passar nas ruas. Minha mãe me excomungaria, meus sobrinhos me baniriam do convívio familiar enfim, destino certo: inferno!

# Como viver positivamente

# POSITIVE

Coma alimentos saudáveis e tome quantidade moderada de vitaminas e suplementos minerais.

- Assuma atitudes positivas. Não fique sentado sem fazer nada. Continue trabalhando até quando sentir-se fisicamente capaz.

- Não fique preocupado com cada nova dor ou sintoma. Todo mundo também fica doente, o que não significa período de morte.

- Mantenha-se alerta. Torne-se senhor de sua própria vida e aprenda a acumular energia auxiliando outras pessoas necessitadas.

Coloque toda sua energia na luta contra o vírus e veja como você se sentirá melhor.

- Se tem certeza que os remédios que está tomando causam mais danos do que melhora, suspenda a medicação e troque idéias com os médicos e com outras pessoas iguais a você.

- Limpe sua vida. Pare de destruir seu sistema.



# Os truques das mondas

- A bicha trucuosa sempre se diz fina. Só janta nos melhores restaurantes, só usa roupa de grife e perfume importado. Mas abra a gaveta da penteadeira dela: só da carnêzinho da Takky Modas, é barato mesmo! Todos vencidos há meses.

- As trucasas são o terror dos pobres michês. Prometem dinheiro, viagens, roupas, mas na hora de pagar os bofes, com a maior cara lavada, perguntam: "Aceita cartão de crédito, gatô?". Lógico que o cartão já está bloqueado e o nome no SPC.

# acorda Alice!

**AMIGO POLICIAL**

"Todos são iguais perante a Lei", garante a Constituição Federal. Todos têm o mesmo direito: negro e branco, homem e mulher, civil e militar, gay, lésbica e travesti. "Todos são iguais perante a Lei" não há nenhuma lei no Brasil que condene ou discrimine homossexuais. Nos países civilizados

Constituição que garante: "Todos são iguais perante a Lei", e a Lei vale para todos: negros, homossexuais, civis e militares. Respeito o gays!

**ATENÇÃO VALINHOS**



Fonte: Centro de documentação Prof. Dr. Luiz Mott

Para situar essas chamadas e títulos, utilização de fotografias, ler seus enquadramentos, analisar os grids, as hierarquias visuais, as tipografias fantasia, estilizadas, e as fontes mais geométricas e modernas, as paletas de cores e harmonias cromáticas, temos que utilizar diversos conceitos e termos próprios das disciplinas de design. Contudo, mais do que estar amplamente disponíveis, as disciplinas se encontram envoltas em termos técnicos e jargões que acabam dificultando o acesso de parcelas da população a tais conhecimentos e operações técnicas. Segundo Feenberg: "O trabalho técnico moderno depende de disciplinas

técnicas especializadas. A linguagem destas disciplinas só pode ser entendida por iniciados, aqueles treinados na profissão<sup>24</sup> (2017, p. 55).

Para o autor, tais processos de tradução envolvem, de um lado, a escolha de visões de mundo e interesses dos atores sociais, e, de outro, a linguagem técnica de profissionais, como engenheiros, arquitetos, administradores, designers. Tal processo de tradução acaba ocultando “o significado social dos códigos sob um véu de necessidade técnica<sup>25</sup>” (FEENBERG, 2017, p. 57). Considerando este processo de ocultamento, o autor nos informa que a tarefa de uma teoria crítica da tecnologia é justamente o de revelar a importância dos valores e interesses humanos presentes nas escolhas técnicas que configuram os códigos.

Para Feenberg (2010, p. 132), “um código técnico é a realização de um interesse de uma ideologia [...] Mais precisamente, um código técnico é um critério que seleciona entre projetos técnicos factíveis e alternativos, nos termos de um objetivo social”. Ao expressar as ideologias dominantes no nível do projeto, acaba-se por condicionar nas tecnologias determinados valores hegemônicos. Todavia, o pesquisador ressalta que uma mudança sociotécnica é possível, surgindo de lugares subordinados e oprimidos pelos sistemas tecnológicos.

O código técnico também envolve critérios de viabilidade e funcionalidade (objetivos sociais) dentro de determinados contextos de dominação e subordinação. Valores são trabalhados e formulados dentro dos projetos por profissionais e teóricos em termos ideais típicos, normas, procedimentos e regulações que, segundo o autor, tornam-se ‘socialmente aceitáveis’, algumas vezes indispensáveis, dentro de dinâmicas sociotécnicas (FEENBERG, 2010). Essa definição do que é socialmente aceitável envolve disputas ideológicas entre grupos hegemônicos e deslegitimados da população, desvelando o caráter político envolvido em tais disputas.

Fica clara a importância do conceito de código técnico dentro da teoria de Feenberg (2010), e como ele se configura não apenas como uma das maneiras como a tecnologia se comporta, mas como uma arena de disputa entre grupos dominantes e grupos deslegitimados sobre os caminhos que as tecnologias seguirão nas interações sociais e culturais.

---

<sup>24</sup> Tradução livre do original: *Modern technical work depends on specialized technical disciplines. The language of these disciplines can only be understood by initiates, those trained in the profession.* (Feenberg, 2017, p. 55)

<sup>25</sup> Tradução livre do original: *“The translation hides the social significance of the codes behind a veil of technical necessity”.* (Feenberg, 2017, p. 57)

No periódico *O Babado*, as disputas se dão, entre outras instâncias, através do humor e da ironia. Utilizando representações satíricas e engraçadas, questionam-se posicionamentos normativos, apresentando novas maneiras de se representar e de mostrar situações já conhecidas, agora pelas perspectivas que a diversidade sexual e de gênero podem trazer. Um exemplo seria a construção de imagens, como a presente na figura 09, que representa o menino Jesus, e seus pais, Maria e José. A imagem ilustra a coluna de título “como anda a cabeça de nossos pais”, e mostra uma família que também é não convencional. As escolhas de enquadramento, modelos, maquiagem e edição contribuem para gerar uma imagem que tensiona os papéis de gênero tradicionais. Uma família que possui um filho homossexual também é uma família não convencional, mas não é tão valorizada quanto a família de Jesus, paradoxalmente usada como modelo e referência para algumas famílias tradicionais e conservadoras.

**Figura 09 - Chamada da Coluna “Como anda a cabeça dos nossos pais” ( Ano 1, nº 04 - dezembro de 1996 )**



**Fonte: Centro de documentação Prof. Dr. Luiz Mott**

Também evidencia-se o poder assimétrico que diferentes agentes possuem em moldar os códigos técnicos e os desenvolvimentos dos projetos de design. Tais



processos envolvem a participação de instituições, indivíduos, objetos e práticas específicas, que se configuram como uma rede complexa. Para Feenberg (2017, p. 33), “participar desta rede é estar inserido em relações de poder que podem ocasionalmente levar a resistências e revoltas<sup>26</sup>”. Essas resistências possuem o poder de gerar significados diferentes no desenvolvimento dos projetos, alterando códigos pré-concebidos, e são capazes de modificar funções anteriormente definidas, introduzindo novas funções não previstas, que orientam desenvolvimentos futuros, a partir de vieses mais democráticos.

As mudanças não se dão de maneira tranquila e fácil, mas através de disputas e confrontos:

Conhecimentos subjugados não são formalizados em disciplinas técnicas e levantam questões que atravessam a linha entre especializações onde o conhecimento formal ignora conexões salientes no mundo real. Esse conhecimento experimental é responsivo a um grande leque de valores, não apenas eficiência e controle. Ele inspira resistências às organizações dominantes das redes, assim como a consciência de classe.<sup>27</sup> (FEENBERG, 2017, p. 34)

Em outras palavras, tais desigualdades presentes no desenvolvimento técnico, na tradução e configuração de códigos técnicos, bem como na participação ativa de desenvolvimento e projetos de design acabam demonstrando certo déficit do potencial democrático que estas atividades deveriam possuir, devido a sua grande abrangência dentro das vivências em sociedade. Em detrimento a valores alinhados à democracia, priorizam-se outros, como a eficiência, o lucro e o controle, que participam de lógicas capitalistas, algumas vezes tecnocráticas, deterministas e neoliberais.

Para exemplificar, podemos citar aqui o já comentado caso da Edição nº15 - Março de 1998, de *O Babado*. Intensas disputas ocorreram sobre esta edição, onde uma das parcelas do *Grupo Expressão* queria que fossem abordados mais temas lésbicos, devido ao mês comemorativo às mulheres, em uma tentativa de maior participação deste grupo da população LGBTQIA+ nas páginas do periódico, e outra parcela queria manter a linha que todas as outras edições seguiam. O poder de decisão aqui, que deveria ser mais democrático dentro das atividades do *Expressão*

<sup>26</sup> Tradução livre do original: “*To participate in such a network is to be implicated in power relations which may on occasion lead to resistance and revolt*”.(Feenberg, 2017, p. 33)

<sup>27</sup> Tradução livre do original: “*Subjugated knowledges are not formalized in technical disciplines and raise issues that cross the line between specializations where formal knowledge ignores salient connections in the real world. This experiential knowledge is responsive to a broad range of values, not simply efficiency and control. It inspires resistance to the dominant organization of the networks as does working class consciousness*.” (Feenberg, 2017, p. 34)

acabou sendo centralizado nas mãos de uma ala considerada “majoritária” dentro do grupo, segundo Zanolli (2015, p. 68). A descoberta sobre a desconsideração das propostas de uma edição voltada para temáticas lésbicas causou grandes revoltas dentro do grupo. A mobilização técnica para a edição do jornal aqui foi acionada, de modo a publicar “às pressas” o número do periódico para o que foi anteriormente programado, mas não sem atritos e desgastes das relações dentro do grupo.

Feenberg afirma que a sociedade em que vivemos concebe a tecnologia como um meio para se conseguir poder e lucro. Porém, esta racionalidade não limita todo potencial que a tecnologia possui. Outras racionalidades são possíveis, considerando perspectivas mais amplas, que levam em conta a responsabilidade que a ação técnica deve ter com os contextos humanos e naturais. “Chamo isso de ‘racionalização subversiva’ porque requer avanços tecnológicos que só podem ocorrer em oposição à hegemonia dominante” (FEENBERG, 2010, p. 127). A racionalização subversiva envolve as disputas dos códigos técnicos, as possibilidades de acessos a conhecimentos e aparatos técnicos, bem como a capacidade de materialização de visões de mundo e articulação de necessidades específicas, muitas vezes negadas por parcelas alinhadas a valores dominantes da sociedade.

Os projetos de design, assim entendidos, acabam por materializar determinadas práticas e olhares, forjados nas lutas cotidianas pelo respeito à diversidade e às diferenças. Por possuírem um importante teor político dentro das dinâmicas sociais e culturais, mais do que mostrar maneiras de se portar, se vestir e se relacionar, estas imagens contribuem para a definição de modelos do que é interessante estar em circulação na sociedade, do que é valorizado como alvo de desejo e como alvo de repulsa. Mas, tais projetos também podem questionar ou reafirmar padrões hierárquicos de comportamento dos diferentes grupos sociais. Segundo Tomaz Tadeu da Silva, “as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar.” (SILVA, 2000 p. 82).

### **3 “HOMO FAZ, HOMO MOSTRA!” - DAS IDENTIDADES DE GÊNERO ATÉ AS APROPRIAÇÕES TÉCNICAS.**

Após entender um pouco sobre os contextos de surgimento e produção do periódico *O Babado*, e como ele se insere em dinâmicas sociotécnicas, fazendo circular textos e imagens por diferentes circuitos da sociedade, podemos situá-lo também em dinâmicas ligadas às identidades culturais.

Neste capítulo consideramos que, através de mídias que veiculam imagens e textos, podemos depreender sentidos sobre a sociedade e sobre os diferentes grupos nela existentes. Através de processos ligados às representações, estes diferentes grupos se posicionam, sendo uma das arenas onde os diferentes têm a oportunidade de, assumindo posições normativas, produzir suas representações e as de outros grupos, contribuindo para a definição de quem é incluído e quem é excluído nestas dinâmicas.

Assim, entendemos que as representações possuem forte caráter político. Dentro das dinâmicas ligadas às identidades sexuais e de gênero, as representações podem participar na definição de modelos normativos, ou podem ser produzidas para questionar estes modelos, sendo postas a serviço de uma maior diversidade. Com isso em mente, discutimos como o design gráfico, sendo uma das disciplinas que trabalha diretamente na construção destas representações, pode ser utilizado para ora reforçar posicionamentos normativos, ora questioná-los.

#### **2.1 “BOTA A CARA NO SOL, MONA!” - GÊNERO, CULTURA E IDENTIDADE.**

O sociólogo e teórico dos estudos culturais britânico-jamaicano Stuart Hall (2006; 2016), conhecido por sua atuação no campo dos estudos culturais britânicos, possuindo uma perspectiva construtivista, define as identidades culturais não como instâncias fixas e fechadas, mas como processos abertos e dinâmicos, nos quais as pessoas criam e compartilham sentidos sobre si e sobre os diferentes grupos sociais.

Para Hall (2016), sem os sentidos não seria possível cultivar um senso de si e ter noções sobre as nossas identidades e dos grupos a que pertencemos. Desde o consumo de mídias por onde circulam inúmeros textos e imagens, passando pelos objetos que fazem parte dos nossos rituais diários, dos quais nos apropriamos e

investimos significados e valor, até a regulação de práticas e comportamentos através de normas e convenções que orientam e guiam vivências em grupo. A linguagem é um elemento presente em todas as instâncias, sendo essencial para os processos culturais.

Contudo, a linguagem vai além da fala e da escrita. Compreende vários sistemas de representação como imagens, músicas, pinturas, gestos e vestuário, que contribuem para comunicar e compartilhar significados com as pessoas (Du Gay, 1997, p. 13). Tais elementos não possuem significados em si, mas são materialidades que carregam sentidos, simbolizando ideias e práticas, permitindo que outros leiam, decodifiquem e interpretem o mundo de maneira próxima a que fazemos, desde que os sujeitos, mediados por processos comunicacionais, compartilhem os mesmos códigos linguísticos. Isso é o que lhes possibilita traduzir o que outras pessoas estão expressando, de modo que possam entendê-las e serem entendidas (HALL, 2016).

O linguista e filósofo russo Mikhail Bakhtin (1990; 2010; FARACO, 2003) considera as interações humanas de maneira dialógica, a partir do entendimento que a consciência individual é construída em relação aos textos presentes na cultura em que a pessoa está inserida. O grupo de pensadores que ficou conhecido como círculo de Bakhtin<sup>28</sup>, por desenvolver críticas em conjunto com o filósofo, baseava-se numa concepção semiótica da realidade, para a qual as interações sociais seriam parte do diálogo da individualidade com os textos sociais (já que nesta perspectiva o signo, em si, já é um fenômeno social) (FARACO, 2003 p.47). Desse modo, a compreensão não seria um ato passivo de recepção de mensagens e textos, mas uma resposta dialógica, uma tomada de posição perante a mensagem, o que construiria novas relações e possibilidades de interações, possuindo algumas similaridades com as concepções de Stuart Hall.

Faraco ressalta que, para o Círculo de Bakhtin, os textos, considerados criações ideológicas e com base semiótica, também possuem materialidade, sendo parte objetiva e concreta da realidade cotidiana das pessoas, e que por isso deve

---

<sup>28</sup> O círculo de Bakhtin foi um grupo de intelectuais de diversas áreas que se reunia regularmente e promovia discussões. Seus membros eram O filósofo Matvei I. Kagan, o biólogo Ivan I. Kanaev, a pianista Maria V. Yudina, o Professor e estudioso da literatura Lev V. Pumpiansi, Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Voloshinov e Pavel N. Medvedev. Mais informações podem ser consultadas em FARACO (2003).

ser estudada levando esta realidade em consideração, não sendo desconectado dela (FARACO, 2003, P. 48).

Mesmo valorizando a realidade concreta e objetiva do cotidiano, assumimos que os significados e sentidos não são encontrados nas coisas, mas sim produzidos e construídos pelas pessoas nas relações. Tal posicionamento é conhecido como 'Abordagem social construtivista', ou construtivismo social (HALL, 2006 p. 25). Este posicionamento encara a cultura como um elemento constitutivo das coisas, assim como a economia e a política, configurando as vivências historicamente situadas dos diferentes grupos sociais.

Para Bakhtin (1990), ao utilizarmos os signos não descrevemos o mundo como uma reflexão perfeita, mas sim refratada (utilizando a terminologia utilizada pelo Círculo de Bakhtin). Refratar, nesse sentido, significa que não somente descrevemos o mundo, mas o construímos ativamente através da descrição, adicionando camadas de significados. Como os signos estão abertos a múltiplas interpretações, as descrições também estão, devido à característica plural e heterogênea que estas múltiplas interpretações possuem.

Para a pesquisadora estadunidense Kathryn Woodward, a representação também "inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito" (WOODWARD, 2003, p. 16). Utilizando as representações como referência, organizamos nossa vida diária, bem como noções sobre quem somos e quem podemos ser.

Estas noções de identidade acontecem de maneira relacional, com base na delimitação das diferenças. As relações entre identidade e diferença são demarcadas através de símbolos que identificam (ou representam) determinados grupos, e pela negação de outros símbolos, que identificam os grupos tidos como diferentes. Sem essa divisão e demarcação de domínios, as dinâmicas das identidades não podem acontecer. Segundo Woodward (2003, p.8), "a diferença é sustentada pela exclusão". Aqui a representação adquire um caráter fundamental na construção dessas noções de identificação, já que ela é uma das maneiras pelas quais os símbolos circulam pela sociedade, interpelando sujeitos nos posicionamentos por elas sugeridos.

O periódico *O Babado* dialoga com algumas relações de identidade e diferença presentes na sociedade. O movimento homossexual surgiu como reação a

opressões de cunho homofóbico que visavam a manutenção da posição normativa da heterossexualidade nas sociedades ocidentais, com muito mais direitos e garantias.

Esta divisão entre a identidade e a diferença se dá através de disputas e conflitos, nos quais o poder se distribui de maneira assimétrica. Algumas identidades mais normativas possuem o poder de definir símbolos e significados de sua própria identidade, bem como definir símbolos e significados das outras. No caso do periódico *O Babado*, o acesso a tecnologias e meios de produção gráfica contribuíram para que o Grupo *Expressão* produzisse representações mais positivas sobre a homossexualidade, em contraste àquelas produzidas por jornais e revistas mais populares, que contribuíam para percepções sensacionalistas de homossexuais como pessoas perigosas, doentes e marginais.

Se, por um lado, os sentidos e os significados são produzidos e circulam pela cultura através da linguagem, por outro, são organizados no que Hall chama de formações discursivas, definindo “o que é ou não adequado em nosso enunciado sobre um determinado tema ou área de atividade social, bem como nossas práticas associadas a tal área ou tema” (HALL, 2016, P. 26). Através de tais enunciações se constituem identidades mais desejadas, e as menos desejadas são consideradas estranhas, desviantes e abjetas.

Para Hall (2016, p.83), as enunciações sobre os assuntos nos dão certo conhecimento sobre as coisas, seguindo regras que prescrevem formas de falar sobre determinados temas em determinadas épocas, governando o que é possível falar ou pensar sobre eles. Tais discursos acabam sendo personificados por alguns sujeitos, por meio de características definidas pelas enunciações, dado o modo pelo qual o conhecimento foi construído naquele momento histórico. Baseando-se nos estudos de Michel Foucault, Hall cita alguns exemplos, como a figura do homossexual, do louco, da jovem virginal, entre diversas outras posições de sujeito.

Kathryn Woodward afirma que, “Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2003, p. 17). Ao estruturar os significados em hierarquias, também ordenam o modo como as identificações são utilizadas pelas pessoas nas suas vivências cotidianas e, a partir delas, as maneiras como se relacionam e estruturam seus atos e suas interações sociais e culturais. Segundo a autora:

Quaisquer que sejam os conjuntos de significados construídos pelos discursos, eles só podem ser eficazes se eles nos recrutam como sujeitos. Os sujeitos são, assim, sujeitados ao discurso e devem, eles próprios, assumi-lo como indivíduos que, dessa forma, se posicionam a si próprios. As posições que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades. (WOODWARD, 2003, p.56)

Woodward sugere que são estes sistemas simbólicos que estruturam as noções que fazemos de nós mesmos, bem como as identificações futuras que podemos ter. Contudo, estes sistemas estão em constante mudança, em que disputas por significados dominantes e dissidentes acontecem nas diferentes instâncias da vida social, como a economia, a política, a tecnologia, e a cultura, por exemplo.

Conforme Stuart Hall (2006), diversos processos resultantes de mudanças institucionais e estruturais acabaram por desestabilizar elementos do cenário social que serviam como âncora para os processos de identificação e construção das identidades. A transformação continuada que as identidades adquirem passou a acontecer de acordo com as maneiras com que as pessoas são interpeladas pelos sistemas culturais que as rodeiam, sendo a representação fundamental em tais processos.

Entre outros fatores para essas transformações e deslocamentos, Stuart Hall (2006) destaca cinco: o materialismo histórico disseminado pelas correntes marxistas; os estudos sobre o inconsciente, iniciados por Freud; as teorias da semiologia propostas por Saussure; os estudos de Michel Foucault sobre saber/poder; e os movimentos sociais, em especial o feminismo. Assim, todos estes fatores, à sua maneira, acabam por desestabilizar e descentralizar noções fixas e rígidas de identidade, contestando concepções essencialistas e deterministas, abrindo espaço para noções fluidas, em construção, muitas vezes contraditórias, entre as identificações que as pessoas podem ter e seu papel de relevância na construção de sua “narrativa de si” (HALL, 2006).

O caráter político envolvido nas práticas de significação e representação se torna mais evidente se atentarmos em como, nestas práticas, relações de poder presentes envolvem a oportunidade de definir quais identidades são mais desejáveis e quais ocupam os lugares de abjeção. (WOODWARD, 2003). As disputas envolvidas nestas definições geram contestações sobre as identidades hegemônicas, bem como sobre os posicionamentos desiguais dentro destes sistemas simbólicos de significação e representação.

Para Bakhtin (1990), as significações constituem e são constituídas por visões de mundo dos diversos grupos sociais, com julgamentos de valor que criam hierarquizações e disputas de poder. Nesse processo, as visões de mundo participam das práticas diárias das pessoas, permitindo que um mesmo material possa, em seu conteúdo semiótico, sustentar diversas leituras, condição que Faraco diz ser nomeada nos estudos do círculo de Bakhtin, como multissemiose. Conceber a semiose humana como polissêmica é encará-la como uma realidade aberta e infinita em suas significações (FARACO, 2003, P. 56).

Os diferentes grupos se organizam no que Bakhtin (1990) explica ser chamado de vozes sociais, algo como as maneiras que determinados grupos dizem o mundo. O diálogo entre essas diferentes vozes, expresso nos diferentes textos, é nomeado no Círculo de Bakhtin como heteroglossia, ou plurilingüismo. É nesse diálogo que as diferentes vozes “vão se apoiar mutuamente, se interluminar, se contrapor parcial ou radicalmente, se diluir em outras, se parodiar, se arremedar, polemizar velada ou explicitamente e assim por diante” (FARACO, 2003, p.57).

A partir da década de 1960, surgiram várias iniciativas que ficaram conhecidas como “novos movimentos sociais” (WOODWARD, 2003, p.36). Eram mobilizações que apelavam diretamente para algumas das identidades da população: o movimento negro para as identidades de raça; o movimento feminista para as identidades de mulheres; o movimento gay para pessoas dissidentes do gênero e sexualidade, por exemplo. Estas movimentações foram chamadas de políticas de identidade, já que a identidade aqui assumia papel central, e as pessoas envolvidas investigavam como elas eram construídas, mantidas, disputadas e utilizadas nos processos de diferenciação social para reforçar opressões, segregações e violências. A celebração da diferença comum ao grupo era o que mobilizava as pessoas a se unirem, compartilhando opressões e vivências sociais parecidas (WOODWARD, 2003, p.36).

Ao apelar para as identidades, estes movimentos sociais valorizavam as identidades que não possuíam tanto reconhecimento, que não figuravam nas narrativas históricas e que ocupavam lugares deslegitimados e marginais (WOODWARD, 2003). Questionavam os essencialismos das identidades hegemônicas, vistas como naturais e normais nas vivências em sociedade, desestabilizando categorias deterministas e oposições binárias, além de



complexificar e valorizar as diferentes opressões que as diferentes identidades sofrem, atravessadas por diversas instâncias da vida social.

No Brasil, como visto anteriormente, o movimento homossexual organizado surgiu em meados da década de 1970, alinhado com discussões internacionais sobre as opressões que homossexuais vivenciavam, bem como em trocas com outros movimentos sociais, como o movimento feminista e o movimento negro (FACCHINI, 2002; TREVISAN, 2018). Questionando posicionamentos de identidades hegemônicas, bem como padrões de cunho heterossexual, o recém-articulado movimento gay também se desenvolveu com o passar dos anos, abrangendo (algumas vezes com tendências assimilacionistas, o que não excluiu discordâncias internas) a participação de outras identidades, como as lésbicas, transexuais e travestis, bissexuais, que mesmo dentro do movimento homossexual, são afetadas diferentemente pelas opressões, possuindo necessidades e pautas próprias.

As mediações, acentuadas pelo mercado global, pelo consumismo e pela grande circulação de imagens e representações pela mídia, acabam por contribuir para a percepção de identidades múltiplas, marcadas por seus contextos históricos, produzindo novas interações entre o local e global (HALL, 2006). Isso não se dá de forma tranquila e equilibrada, mas através de disputas, enfrentamentos e resistências, em processos interculturais que não são igualmente distribuídos pelo globo, sendo mais intensos nos centros que possuem um maior trânsito de pessoas, de informação, de comunicação e, por consequência, de posições de identidade, do que nas periferias.

Esse maior fluxo também intensifica a disponibilidade de posições de sujeitos que indivíduos podem engajar em suas vivências diárias: “A etnia e a 'raça', o gênero, a sexualidade, a idade, a incapacidade física, a justiça social e as preocupações ecológicas produzem novas formas de identificação” (WOODWARD, 2003, p. 32). Em vez de uma única identidade central, acessa-se uma pluralidade de investimentos que podem ser feitos em diversas identidades diferentes. Estas mudanças pedem novas lealdades e novos posicionamentos dos sujeitos. Estes diferentes posicionamentos podem estar em tensão, alguns deles sendo até contraditórios entre si, em que expectativas sociais e sistemas dominantes de representação podem restringir ou facilitar algumas vivências diárias, exigindo negociações e investimentos estratégicos.

Assim, mesmo dentro do movimento homossexual, as diversas identidades também são posicionadas de maneiras diferentes, e alguns investimentos se aproximam de valores normativos, ou sofrem opressões de outras instâncias, como a raça, a classe, o gênero, a idade, o tipo físico, entre outras. Na edição n.º 15 — ano 2 de *O Babado*, na coluna “Falando Sério”, Regina Bottari relata como sua experiência como mulher e lésbica no meio de um grupo majoritariamente masculino e gay possuía implicações em seu trabalho. Tendo como título “Femme Fatale, Os homens e eu”, Regina revela que, no início, teve diversas respostas negativas de seus textos para as primeiras edições do periódico. As desculpas variavam desde “a edição já fechou” até “o texto não combina com o perfil do jornal”. Desabafando sobre a necessidade de se impor sempre, a autora afirma: “descobri que o mundo é masculino até que a gente prove o contrário. Aprendi que gay é tão machista quanto qualquer bofe, a essência masculina é imutável, homens... bah!” (BABADO, 1998, p.11). Foi através de panfletagens com amigas e com o reconhecimento externo por meio de cartas e elogios que a coluna de Regina Bottari conseguiu se tornar fixa no editorial do periódico, a partir do n.º 9. Comentando sobre as dificuldades, explica que, às vezes, ocorriam discussões que chegavam a xingamentos onde se apelavam a “frases feitas ‘é coisa de viado, de bicha’, e eles devolvem ‘só podia ser racha’, e no fim a gente ri do nosso próprio preconceito, do nosso próprio machismo enrustido” (BABADO, 1998, p.11).

Figura 10 - Coluna Falando sério - Regina Bottari (Ano 2, nº 15 - março de 1998, p.11 ).

FALANDO SÉRIO ESPECIAL - REGINA BOTTARI

# femme fatale

## os homens e eu

Há pouco mais de um ano comecei a escrever esta coluna, e, prá comemorar, resolvi no mês das mulheres falar sobre a minha convivência com os homens.

Foi engraçado quando comecei, só eu de mulher no meio de todos aqueles homens, entreguei um artigo e fiquei esperando... "A edição já fechou, fica prá próxima!". Na próxima não teve espaço, ficou prá próxima da próxima... Entreguei um texto poético para o "Dia Internacional das mulheres" do ano passado, mas o editor recusou, era brega, não combinava com o perfil do jornal, fiquei P. da vida, entreguei outro, não desisti. E outro, e outro... e acabou virando coluna fixa do Babado.

Fui aprendendo, convivendo, observando, afinal são anos de janela tendo que me impor prá pai, irmão, sobrinhos, namoradas, marido, e então descobri que o mundo é masculino até que a gente prove o contrário. Aprendi que gay é tão machista quando qualquer bofe, a essência masculina é imutável, homens...Bah!

A coluna foi se firmando, chegaram os elogios, os comentários, as cartas, mostrei prá todas as minhas amigas, entreguei o jornal de mão em mão e então vinha aquele comentário pior que o machismo preconceituoso:

"Mas o jornal é gay, só tem homens!"

- Claro!!! É feito por homens, e homem é homem, só muda o nome. Que venham as mulheres! Chamei todas, discursi, expliquei, panfletei, fui até chata de tanto que

infernizei amigas chamando prá participarem, escreverem, opinarem e nada... sozinha com esse monte de homens, que historicamente saíram na frente em tudo, até na "ferveção, escancararam armários e foram a luta, sobrando prá nós mulheres mais uma vez a carga social, emocional e familiar. Mais uma vez eles se aventuraram e nós ficamos em casa enrustidas, endeusadas, mistificadas, sim porque, todo mundo tem um amigo bichinha que é uma graça, mas da amiga sapatão ninguém fala porque não é legal. "vão pensar que eu tenho um caso com ela."

O que para os homens está sendo liberação, fashion, prá nós mulheres, é matar um leão por dia, é vencer uma briga constante pelo direito de sermos o que somos, é dar a cara a tapa, é mexer nas raízes e nas feridas da sociedade.

Minha convivência com os homens tem sido da paixão incondicional à raiva mortal em segundos. Tem sido gratificante, enriquecedora, o que não me impede de querer esganá-los algumas vezes. Já fui tida como uma lésbica com consciência gay, o que é ridículo pois minha orientação é homossexual.

O que defendo para minhas amigas é que foi muito mais fácil me aproximar dos gays do que das lésbicas, quando precisei de um amigo prá falar de homossexualidade, no meio da confusão dos meus pensamentos, quem veio me ajudar foi um grande amigo, querido gay!

As mulheres, amigas e lésbicas demorei muito mais pra achar.

Às vezes, no meio das nossas conversas, saem

paus homérico e a gente se xinga, apela com aquelas frases feitas "é coisa de viado, de bichã e eles devolvem, só podia ser rachã e no fim a gente ri do nosso próprio preconceito, do nosso próprio machismo enrustido, porque eles são eles mesmos e nós temos um pezinho lá no estribo, um resquício de educação machista que precisamos sanar, tirar de vez esse ranço.

Ser mulher é tão bom, eu gosto tanto e gosto de outras mulheres também e foi uma longa jornada chegar até aqui, trazer isso a público, rodeada de homens de todos os tipos. Há mais de um ano, convivendo quase diariamente com os meninos do grupo, me sinto muito à vontade, muito respeitada e até muito mimada por eles. Há alguns meses, a Lena caiu do céu e vem trabalhando conosco. Maria Helena tem dividido comigo a dor e a delícia de sermos mulheres do Expressão, e juntas temos conseguido mais uma grande conquista que é sermos lésbicas num mundo gay.

Hoje, quando meu editor me liga e diz: "perua, você está atrasada com sua matéria, preciso fechar a sua coluna!" Eu faço charme, atraso mais um dia e me sinto docemente vingada.



Fonte: Centro de documentação Prof. Dr. Luiz Mott

No texto de Regina Bottari ficam claras as divisões entre a autora (a identidade feminina e lésbica, o eu da colunista) e os outros homens gays (a diferença, o outro), que detinham um poder maior na organização, algumas vezes

utilizando deste poder para definir o que era publicado e o que ficava de fora. Mas, as duas identidades são marcadas ainda em relação a sua dissidência sexual aos padrões da heterossexualidade. Bottari está em uma posição onde a negociação é fundamental para conseguir publicar seus textos e ter acesso ao aparato do periódico, ocupando o espaço editorial com questões relevantes ao movimento lésbico, e afirma que nesta negociação a paciência e a insistência são fundamentais.

A ilustração da coluna pode contribuir para a associação de mais alguns significados ao texto. O grande contraste entre a figura feminina, toda de rosa e em pose delicada, com uma arma em suas mãos, pode ser uma tentativa de expressar que para as negociações é preciso “estar armada”, preparada para a briga, pronta para se defender e atacar. Mesmo de costas, a modelo nos encara com olhar de cumplicidade, com um leve sorriso no rosto. Os sapatos, possuindo a mesma cor preta da arma, também podem ser considerados símbolos de poder nas mulheres. Em uma leitura mais ampla, as mulheres devem estar armadas e preparadas para lutas diárias contra o machismo e as opressões que atravessam suas vivências diárias. A delicadeza, considerada uma característica feminina e que é reforçada pelas roupas rosas, pelo leve sorriso e pela sua postura, não deve ser subestimada. Ao aproximar a modelo aos padrões de feminilidade normativos, também se valoriza a representação de lésbicas que se adequam a esse padrão. Por exclusão, lésbicas que negam esta feminilidade, possuindo posturas distintas e mais masculinizadas acabam não sendo contempladas na representação construída.

É interessante notar que, mesmo sendo pessoas que participam destas identidades dissidentes, na hora dos xingamentos são acionadas frases que visam deslegitimar o outro justamente pela sua dissidência sexual, utilizando frases feitas que reforçam posicionamentos que reafirmam a heterossexualidade como norma, o que é percebido e gera risos devido ao caráter contraditório das ações e pelo reconhecimento destes valores enrustidos, como afirma a autora.

A filósofa e pesquisadora estadunidense Judith Butler, dialogando com as discussões de diversas vertentes do feminismo, criticando noções essencialistas e deterministas sobre o gênero e a sexualidade, ajuda-nos a refletir sobre alguns posicionamentos de gênero presentes no periódico. Problematizando a construção das identidades sexuais e de gênero, Butler se pergunta se a identidade acaba sendo o efeito das normas e regras seguidas pelas pessoas, ou uma característica descritiva da experiência de alguém. Para responder, a autora afirma que certas

normas de inteligibilidade acabam por criar noções de sujeito, sendo algumas delas o sexo, o gênero e a sexualidade (BUTLER, 2017, p.43). A organização destas normas estabiliza noções nas quais, para a pessoa ser considerada na vida social, uma correspondência direta deve existir entre seu sexo, seu gênero, seu desejo e sua prática sexual, sendo essa correspondência de caráter heterossexual.

Essa instituição da heterossexualidade acaba sendo compulsória ao se naturalizar a partir de relações binárias, em que as diferenças se dão entre homens e mulheres, e o objetivo desta diferenciação é a relação entre os dois polos, que se concretiza nas práticas de desejo heterossexual. (BUTLER, 2017, p.53). Homens devem ser masculinos e se relacionar com mulheres, que devem ser femininas.

As descontinuidades e dissidências deste sistema sexo-gênero só existem se consideradas à luz destas normatizações. Assim, regulações, vigilâncias e proibições são instituídas para a legitimação da própria norma. Em outras palavras, ao surgir a heterossexualidade, a homossexualidade surge ao mesmo tempo, como seu desvio e falha. A existência das dissidências cria oportunidade de expor o caráter construído e não natural da heterossexualidade, ameaçando esta organização e suas relações de poder imbricadas. Daí o papel das regulações e vigilâncias que visam manter essa coerência entre sexo, gênero e desejo.

Em seus estudos, Butler (2000) propõe que essa regulação acontece desde antes do nascimento e acompanha toda a vida da pessoa. Maneiras de se comportar, roupas para se vestir, brinquedos e brincadeiras, expectativas sociais sobre relacionamentos, violências, inclusões e exclusões de vivências sociais, representações nas mídias e produtos culturais são alguns elementos pelos quais essas normatizações se manifestam através do tempo. O objetivo destas regulações é produzir corpos diferentemente posicionados e entendidos como masculinos e femininos, e o sexo biológico corresponda com o gênero, visando a manutenção de uma estrutura que privilegie as interações e desejos heterossexuais em detrimento a toda diversidade sexual e de gênero.

Com a definição destes domínios também se estabelecem fronteiras e divisões entre os grupos, através de relações de poder assimétricas, que privilegiam as identidades normativas:

O 'sexo' é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o "alguém" simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural (BUTLER, 2000, p. 111).

Em outras palavras, ao serem interpelados pelas identificações de sexo e gênero é que os corpos têm reconhecimento dentro da vida social, sendo categorizados e lidos segundo os sistemas conceituais em voga na sociedade em que estão inseridos. Tais categorizações acabam designando os corpos que têm seus direitos garantidos ou negados nas diversas vivências sociais, bem como prescrevendo domínios que não são desejáveis que os sujeitos ocupem. Muitas vezes, a definição desses domínios se faz através de violências simbólicas, verbais e físicas, podendo ter forte cunho homofóbico<sup>29</sup>.

Estas categorizações acontecem discursivamente, mas, as divisões e designações possuem efeitos materiais sobre os corpos, definindo modos aceitáveis e questionáveis de ser e agir no mundo. Para a autora:

o "sexo" não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir — demarcar, fazer, circular, diferenciar — os corpos que ela controla (BUTLER, 2000, p. 110).

A materialização dessas normas simbólicas nos corpos é, segundo Butler (2000, p.121), a citação e reiteração de convenções, regras e práticas através do tempo, produzindo os próprios efeitos que nomeiam, em um processo que chama de performatividade. Esta citacionalidade (ou referência a regulações em circulação na sociedade) de normas prévias acaba por, ao ser executada como ato presente, ocultar ou dissimular as próprias convenções que cita e repete. Isso causa um efeito de naturalização destas leis e normas que são percebidas como inevitáveis e naturais, ocultando o aspecto histórico que possuem. Segundo a autora: “certas configurações culturais do gênero assumem o lugar do ‘real’ e consolidam e incrementam sua hegemonia por meio de uma auto naturalização apta e bem sucedida” (BUTLER, 2017, p.69). A performatividade, assim entendida, seria a própria produção dos efeitos de gênero através das práticas que as normas regulam, sendo a identidade fruto destas práticas produtoras, e não sua origem.

É preciso situar historicamente tais citações e referências a normas prévias, evidenciando-as como um processo discursivo que produz diversos efeitos reais nos

---

<sup>29</sup> Cabe destacar que utilizamos o termo homofóbico, mas devemos atentar para outros tipos de fobias ligadas a condições específicas, como a lesbofobia, a transfobia, a bifobia, entre outras, cada uma com suas características próprias, mas todas com a violência voltada a diversidade sexual e de gênero como cerne.

diferentes períodos históricos, sendo atualizados e reafirmados para a manutenção de estruturas normativas de organização dos corpos e suas subjetividades.

Desse modo, encaramos que o posicionamento das diferentes identidades sexuais e de gênero acontecem por meio de tensões e disputas, nas quais valores heteronormativos assumem posição hegemônica dentro dos sistemas que organizam a vida social. Os posicionamentos desviantes, diferentes e não conformes com normatizações heterossexuais e cisgêneras: gays, travestis, lésbicas, transsexuais, hermafroditas, assexuais, entre outras identidades sexuais e de gênero, formam o exterior constitutivo das identidades hegemônicas. Em resumo, estas diferenças são indispensáveis para o reconhecimento das identidades heterossexuais nos sistemas simbólicos que organizam, de maneira polarizada, a sociedade.

Nesse sentido, são fundamentais os estudos feitos pela pesquisadora italiana Teresa de Lauretis (1994). Ela propõe que o gênero pode ser entendido como efeito de diversas técnicas e linguagens que produzem representações. A partir de trabalhos de Michel Foucault sobre tecnologias do sexo, bem como de discussões feministas, a autora propôs o conceito de tecnologias de gênero, o qual foi desenvolvido através da análise de tecnologias do cinema, que produzem representações de gênero que acabam por interpelar expectadores e expectadoras.

Lauretis (1994) demonstra que a concepção de gênero com base nas diferenças sexuais (homem e mulher) pode, de certa maneira, se tornar limitadora. A centralidade desta diferença e a consideração de que homem e mulher são categorias universais da diferença sexual são noções que podem dificultar a articulação da diferença entre homens e homens, e entre mulheres e mulheres.

Com isso em mente, Lauretis (1994, p.211) define o gênero como uma categoria classificatória, que ordena relações sociais, na qual a definição de uma posição nesse sistema acontece em relação a outras posições. Assim, forma-se um sistema simbólico que relaciona conteúdos culturais ao sexo biológico, seguindo valores e hierarquias sociais, posicionando o homem heterossexual cisgênero como norma e, de maneira relacional, outros tipos de masculinidades e feminilidades são estabelecidos, definindo como são posicionados e valorados. Lauretis encara o sistema sexo-gênero também como um aparato semiótico, ou um sistema de representação que designa significados (identidade, valor, prestígio, parentesco e/ou

status nas hierarquias sociais...) às pessoas na sociedade, designação esta que possui efeitos concretos em suas vivências diárias.

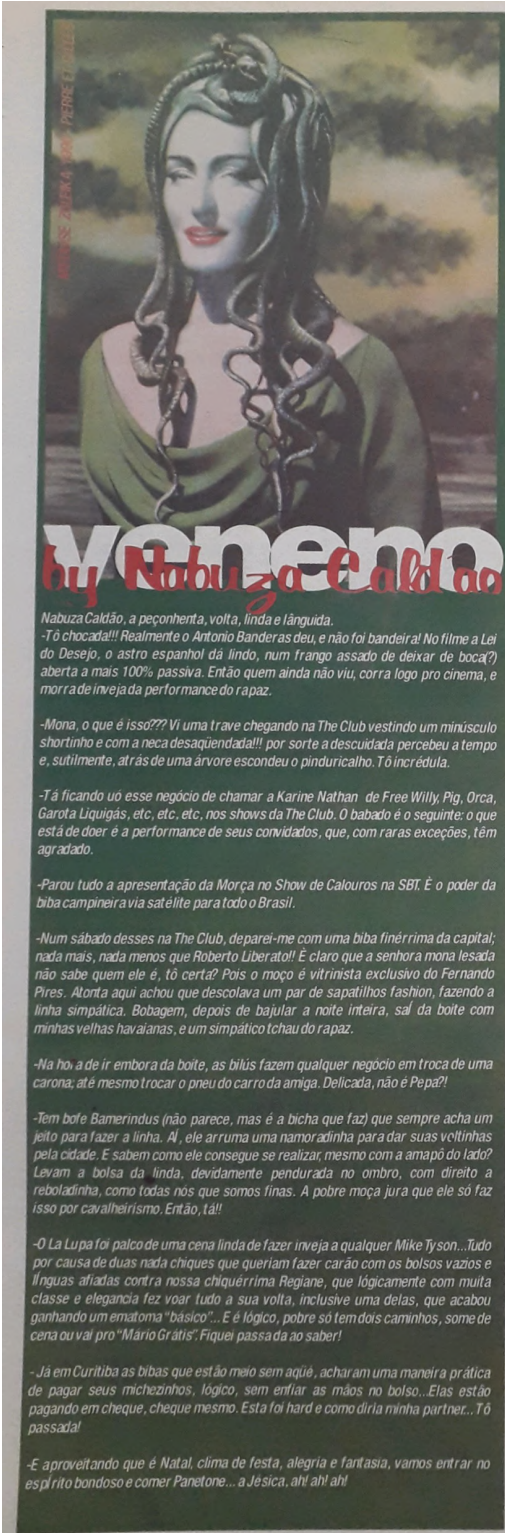
Teresa de Lauretis (1994, p.208) afirma que o gênero está ligado aos processos de representação e auto representação, produzida através de diversas tecnologias, discursos, epistemologias, instituições e práticas presentes no dia a dia. A autora considera que a representação do gênero é tanto o produto quanto o processo de sua criação. Propõe que a representação social do gênero influencia em sua construção subjetiva, e de maneira recíproca, a autorrepresentação (representação subjetiva do gênero) também afeta sua construção social. Tal proposição ressalta a agência e autodeterminação das pessoas em suas práticas cotidianas nas dinâmicas das identidades sexuais e de gênero.

As pessoas, em seu cotidiano, seriam interpeladas a se engajar com as identidades, podendo aceitar as representações e tomá-las como próprias (autorrepresentação), encará-las como reais, embora sejam, na verdade, imaginadas (LAURETIS, 1994, p.220). Nesse processo, alguns comportamentos e práticas terão maior investimento: modos de se vestir, de se comportar, desejar e interagir com outras pessoas acabam fazendo parte de suas vivências, sendo algo como “um comprometimento emocional e um interesse investido no poder relativo (satisfação, recompensa, vantagem, crítica) que tal posição promete (mas não relativamente garante)” (LAURETIS, 1994, p.228).

No periódico *O Babado* o comportamento aparece como um dos temas centrais, sendo um assunto abordado desde os roteiros, guias de cultura, bem como em algumas colunas de opinião. Utilizando o humor e a sátira, algumas colunistas ora dão sugestões e dicas de como se comportar e quais produtos consumir (como é o caso da coluna Lulu Lurex Acontece), ora comentam fatos e fofocas do momento (como as colunas “Veneno” by Matahary e “Neide Basfond Responde cartas”, por exemplo).



Figura 11 - Coluna veneno by Nabuza Caldão (Ano 1, nº. 4 - dez 96, Página 17).



*VENENO: ZULEIKA SILVA / PRÉSTIGE*

## veneno by Nabuza Caldão

*Nabuza Caldão, a peçonhenta, volta, linda e lânguida.*

*-Tô chocada!!! Realmente o Antonio Banderas deu, e não foi bandeira! No filme a Lei do Desejo, o astro espanhol dá lindo, num frango assado de deixar de boca(?) aberta a mais 100% passiva. Então quem ainda não viu, corra logo pro cinema, e morra de invejada da performance do rapaz.*

*-Mona, o que é isso??? Vi uma trave chegando na The Club vestindo um minúsculo shortinho e com a neca desaqueidada!!! por sorte a descuidada percebeu a tempo e, sutilmente, atrás de uma árvore escondeu o pinduricalho. Tô incrívelula.*

*-Tá ficando uó esse negócio de chamar a Karine Nathan de Free Willy, Pig, Orca, Garota Liguás, etc, etc, etc, nos shows da The Club. O babado é o seguinte: o que está de doer é a performance de seus convidados, que, com raras exceções, têm agralado.*

*-Parou tudo a apresentação da Morça no Show de Calouros na SBT. É o poder da biba campineira via satélite para todo o Brasil.*

*-Num sábado desses na The Club, deparei-me com uma biba finérrima da capital; nada mais, nada menos que Roberto Liberato!! É claro que a senhora mona lesada não sabe quem ele é, tô certa? Pois o moço é vitrinista exclusivo do Fernando Pires. Alorta aqui achou que descolava um par de sapatilhas fashion, fazendo a linha simpática. Bobagem, depois de bajular a noite inteira, sai da boite com minhas velhas havaianas, e um simpático tchau do rapaz.*

*-Na hora de ir embora da boite, as bilús fazem qualquer negócio em troca de uma carona; até mesmo trocar o pneu do carro da amiga. Delicada, não é Pepa?!*

*-Tem bofe Bamerindus (não parece, mas é a bicha que faz) que sempre acha um jeito para fazer a linha. Ah, ele arruma uma namoradinha para dar suas velhinhas pela cidade. E sabem como ele consegue se realizar, mesmo com a amapô do lado? Levam a bolsa da linda, devidamente pendurada no ombro, com direito a rebofadinha, como todas nos que somos finas. A pobre moça jura que ele só faz isso por cavalheirismo. Então, tá!!*

*-O La Lupa foi palco de uma cena linda de fazer inveja a qualquer Mike Tyson. ...Tudo por causa de duas nada chiques que queriam fazer carão com os bolsos vazios e línguas afiadas contra nossa chiquérrima Regiane, que logicamente com muita classe e elegancia fez voar tudo a sua volta, inclusive uma delas, que acabou ganhando um ematoma "básico"... E é lógico, pobre só tem dois caminhos, some de cena ou vai pro "Mário Grátis". Fiquei passa da ao saber!*

*- Já em Curitiba as bibas que estão meio sem agüé, acharam uma maneira prática de pagar seus michezinhos, lógico, sem enfiar as mãos no bolso...Elas estão pagando em cheque, cheque mesmo. Esta foi hard e como diria minha partner... Tô passada!*

*-E aproveitando que é Natal, clima de festa, alegria e fantasia, vamos entrar no espírito bondoso e comer Panetone... a Jessica, ah! ah! ah!*

Fonte: Centro de documentação Prof. Dr. Luiz Mott.

Na coluna de autoria de Nabuza Caldão<sup>30</sup> (figura 11), são contados episódios inusitados, onde a colunista, ao narrar, também dá algumas alfinetadas em pessoas que estão envolvidas em comportamentos que julga inadequados, como a falta de cuidado com o sexo anal, pessoas que possuem comportamentos forçados, que dispõem de violência e que se aproveitam de outras pessoas para tirar vantagem. Ao comentar os acontecimentos, utiliza interjeições como "Tô passada!", "Tô incrédula!", "Então tá!" para demonstrar seu espanto com tais ocorrências, como se fossem extraordinárias e completamente fora de sua realidade, deixando-a chocada e surpreendida pela capacidade das pessoas em estarem naquelas situações, em uma postura que pode simbolizar superioridade. Faz isso com ares de brincadeira e para estimular o riso, o que não a exime de reforçar posicionamentos normativos. No diálogo com leitores, estabelece certa relação de conivência, intimidade. A partir desta superioridade compartilhada, imaginada, constrói-se uma posição de sujeito em que julga as outras pessoas e pode ser valorizada, com a vantagem de não sofrer com o "veneno" da coluna.

Assim, de modo irônico e bem humorado, a coluna "Veneno" cria representações do que é considerado interessante e do que poderia ser motivo de repúdio nos círculos que frequentam. Mesmo participando de grupos deslegitimados dentro de padrões heterossexuais, ainda reforçam alguns valores do sistema sexo/gênero, no qual pessoas que destoam dos padrões normativos de masculinidade e feminilidade acabam sendo alvo de maior vigilância. Segundo Judith Butler (2017), estas prescrições e normas atualizadas acabariam por criar as posições onde quem discrimina e quem é discriminado podem adquirir inteligibilidade. Leitores, ao se engajarem com tais posições, poderiam investir nos comportamentos propostos, bem como perpetuar os valores expressados.

Outra maneira de perceber algumas questões da coluna "Veneno" é atentando para os diálogos possíveis. O diálogo, como entendido por Bakhtin (1990), é encarado como um espaço de disputa e confronto das diferentes vozes sociais. Para caracterizar essa disputa, o autor nomeia dois movimentos ou tendências: as **forças centrípetas**, que são centralizadoras e tendem a fixar seus enunciados sobre as outras vozes sociais, e as **forças centrífugas**, desestabilizadoras e corrosivas às forças centrípetas, envolvendo ações como "a

---

<sup>30</sup> Infelizmente, devido às poucas informações disponíveis sobre o periódico, não temos condições de definir a quem pertenceria o pseudônimo Nabuza Caldão.

paródia e o riso de qualquer natureza, a ironia, a polêmica explícita ou velada, a hibridização ou a reavaliação, a sobreposição de vozes, etc.” (FARACO, 2003, P.67).

Na coluna “Veneno”, estas forças se mantêm em grande tensão, já que alguns posicionamentos hegemônicos são questionados, enquanto outros são reforçados, atravessados pelo humor e pela ironia. A utilização de elogios com tom irônico para comentar algumas situações, bem como a maior vigilância com pessoas que não seguem posicionamentos da expressão de gênero mais alinhados com padrões normativos são momentos em que algumas normas e prescrições se tornam mais evidentes.

A proposta de Lauretis (1994) sobre os investimentos coloca os processos subjetivos em posição central, levando-nos a perceber como diferentes pessoas escolhem fazer diferentes investimentos mesmo em posições similares. É interessante observar como diferentes tipos de masculinidades e feminilidades são representadas, e como os indivíduos interagem com estas representações. Lauretis nos instiga a investigar quais normas estão sendo reiteradas, e como estas normas produzem os efeitos que visam nomear e controlar.

Para Teresa de Lauretis (1994), técnicas e códigos funcionam como tecnologias sociais de construção das representações de gênero. Utilizando o cinema como exemplo, a autora explica que tanto técnicas cinematográficas, como o enquadramento, a iluminação, a edição, e os códigos, como os sistemas de olhares, constituem o corpo feminino como um objeto do olhar voyeur do espectador, gerando representações de gênero alinhadas com valores e normatizações que constroem o corpo da mulher como objeto do olhar masculino (LAURETIS, 1994, p 221).

Não apenas as escolhas técnicas de produção do texto podem ser analisadas, mas as escolhas de design gráfico são de extrema relevância para a coluna “Veneno”. A seleção de elementos técnicos, como fontes, paleta de cores, fotografias, grids e ilustrações contribuem para associar conteúdos simbólicos ao texto da coluna de Nabuza Caldão, como superioridade (a expressão e pose representados na fotografia), sensualidade (a ligação entre o tom vermelho dos lábios e o nome da coluna), personalidade (a fonte script, assemelhando-se a letras cursivas) e poder (o tema da medusa, que possui um olhar com poderes devastadores). Todos somados, contribuem para a representação que a coluna constrói.

Para a teórica, artista e professora holandesa Mieke Bal, “[...] a visão estabelece uma relação subjetiva com a realidade, na qual o espectro visual de um objeto se considera propriedade do próprio objeto<sup>31</sup>” (BAL, 2016. p. 37). Desnaturalizar essas visualidades, situando-as em contextos históricos e culturais das sociedades onde circulam, e não como características inatas às pessoas, é fundamental para uma análise crítica, entendendo que estas visualidades participam de práticas diárias, contribuindo para o que a autora chama de “táticas do ver” (BAL, 2016. p.55), olhares que constroem o que é visto, muitas vezes, confabulando com poderes estabelecidos.

Contudo, mesmo que a cultura transmita estes poderes estabelecidos e valores dominantes, também é arena de disputas, onde os significados, códigos e interpretações podem ser deslocados ou interrompidos, reapropriados em códigos sociotécnicos (FEENBERG, 2010) alternativos que considerem valores, significados e demandas das parcelas deslegitimadas da população, questionando os posicionamentos hegemônicos (BAL, 2016, p.52) que atravessam as vivências diárias nos grupos sociais.

Nestes processos de representação e autorrepresentação, a visão é um fator de grande relevância: “grande parte de nossa vida social está influenciada pelo que vemos. E isso inclui ver os outros, programados para serem vistos em sua ‘outridade’, que se apresenta como natural, mas nada mais é do que cultural<sup>32</sup>” (BAL, 2016. p. 24).

Bal (2016) também critica concepções que consideram a visão pura como exclusiva dos olhos, seccionando e dividindo o corpo entre partes visuais e não visuais, num movimento parecido com os que dividem o corpo da mente. Propõe uma perspectiva na qual a visão é recontextualizada com a totalidade do corpo, não sendo um fenômeno que acontece apenas nos olhos e no cérebro, mas que mobiliza todo o funcionamento do corpo, gerando efeitos que são sentidos em várias partes do organismo. A visão é parte de um processo corporal em que o ato de ver articula desejos, prazeres e afetos que são vivenciados pelas pessoas, mobilizando o corpo em sua totalidade. O exercício do olhar é uma das maneiras pela qual o poder opera

---

<sup>31</sup> Tradução livre do original “[...] la vista establece una relación subjetiva con la realidad en la que el aspecto visual de un objeto se considera propiedad del propio objeto” (BAL, 2016.p.27).

<sup>32</sup> Tradução livre do original “Gran parte de nuestra vida social está influida por lo que vemos. Y eso incluye ver a otros, preprogramados para ser vistos en su otredad, que se nos presenta como natural, pero no es más que cultural”. (BAL, 2016. p.24)

(BAL, 2016, p.34), não estimulando apenas um sentido, mas engajando o corpo todo. Um exemplo muito presente nas páginas do periódico é a utilização de imagens sensuais, principalmente com homens musculosos nus. Estas imagens podem promover excitação, mobilizando muito mais do que o prazer do olhar, mas um prazer que circule pelo corpo todo, despertando memórias de atos sexuais e de desejo. Estas representações não são neutras e envolvem padrões e códigos visuais para serem entendidas como excitantes e eróticas. Associações podem ser feitas entre alguns tipos de corpos e estes lugares de desejo, ainda mais com a repetição de determinados padrões de corpos, privilegiando homens de cabelos curtos, musculosos e viris, de pele de tom claro e bronzeada.

Visualidades, representações, normas, significados, sentidos e categorizações se relacionam de maneira complexa na vida das pessoas, participando de dinâmicas nas quais as identidades são construídas, disputadas, reafirmadas e deslegitimadas nas vivências em sociedade. Para considerar tais elementos de maneira mais abrangente, é importante considerar a crítica aos vieses teóricos utilizados. As pesquisadoras Caterina Alessandra Rea e Izzie Madalena Santos Amancio chamam a atenção para apropriações das Teorias Queer, em especial as norte-americanas. Suas preocupações, com forte crítica à colonialidade, questionam: "como pensar essa recepção sem repetir a oposição entre um norte central produtor, e um sul periférico e receptor?" (REA; AMANCIO, 2018, p.1), e utilizam os estudos da vertente *Queer of Colour Critique* para embasar seus argumentos.

Rea e Amancio (2018) afirmam que os cruzamentos teóricos entre a produção de identidades sexuais e de gênero desviantes, a colonialidade e as opressões de raça e etnia não são tão desenvolvidas em alguns estudos e análises, contribuindo para produções teóricas que privilegiam apenas alguns aspectos da construção dos sujeitos, o que acaba reiterando, de certa maneira, posicionamentos ligados à reprodução de padrões do Norte global.

A atenção a estes posicionamentos é um processo ativo de questionamento às forças reguladoras e normatizadoras que atravessam todo o trabalho da pessoa que pesquisa. Nas palavras das autoras:

contar a história das minorias sexuais e de seu enfrentamento ao poder das normas sociais estabelecidas implica, ao mesmo tempo, enfrentar outras histórias, como a da assimilação à sociedade capitalista neoliberal e seus padrões, como a dos 'homossexuais burgueses', das famílias e dos casais

homossexuais, dos homossexuais decentes e cristãos, das hierarquias raciais e dos homossexuais brancos (REA; AMANCIO, 2018, p.9).

As teorias *Queer of Color Critique* possuem grande potencial crítico por acionar uma leitura complexa do gênero e das sexualidades "articulando-os com a crítica aos fenômenos da expansão capitalista neoliberal, dos novos imperialismos e da produção de hierarquias e privilégios em termos de raça, nacionalidade e classe no seio das comunidades LGBT" (REA; AMANCIO, 2018, p.18). É importante partir de um lugar questionador epistêmico da homonormatividade eurocêntrica e neoliberal, e não de uma identidade fixa que define o posicionamento étnico / social de quem pesquisa.

O termo Queer não é simplesmente um sinônimo para homossexual, mas sua raiz vem de dinâmicas construídas de comportamentos e práticas normativas e dissidentes. Ao levar em consideração as implicações entre raça, classe, gênero, percebe-se melhor os grupos e hierarquias que desafiam oposições dicotômicas, como a hétero / homossexual. As Teorias Queer, assim posicionadas, possuem o potencial de se opor a formações homonormativas. (REA; AMANCIO, 2018)

Posicionamentos estes que, segundo Teresa de Lauretis, possuem um potencial epistêmico radical, conforme discutido por teóricas feministas desde a década de 1980, justamente por considerarem os sujeitos como engendrados linguisticamente e através das representações culturais não só pelo gênero, mas por várias outras instâncias, como a raça e a classe. "Um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido". (LAURETIS, 1994, p.208).

Um exemplo de tal formação seria a figura do gay branco de classe média, muitas vezes utilizado como modelo de referência para o desenvolvimento de políticas, produtos, e serviços, para toda a comunidade LGBTQIA+. A utilização de um único modelo acaba invisibilizando outras pautas e necessidades, não só para lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, como também para outros gays diferentemente posicionados nestas hierarquias sociais.

Portanto, criticar estes diferentes posicionamentos é fundamental para resistir a forças normatizadoras e de cooptação das diferenças, atualizando-as e criando novos tipos de invisibilidade e exclusão. Sem as devidas críticas e questionamentos, a entrada de gays e lésbicas na sociedade de consumo normativa e burguesa "acaba rejeitando outras vidas e outros corpos, julgados menos viáveis e

aceitáveis aos olhos da sociedade conformista e branca do capitalismo liberal" (REA; AMANCIO, 2018, p.24) O que possui impactos para todo o movimento LGBTQIA+.

Assim, entendendo que as pessoas fazem diferentes investimentos em diferentes posições de identidades similares, como explicado por Teresa de Lauretis, alguns destes investimentos podem, em vez de questionar normatizações, reforçá-las, em busca de garantias que estes posicionamentos podem trazer. Vale lembrar, como explica Judith Butler (2017), que com a criação de espaços de normatização, criam-se espaços de deslegitimação e dissidência. Homossexuais, mesmo sendo um grupo deslegitimado, não estão impunes de reforçar normatizações, algumas até contraditórias com os locais que ocupam, atualizando opressões e reproduzindo desigualdades no próprio movimento LGBTQIA+.

## 2.1 SE MONTA NO DESIGN, FRIENDÍSSIMA!

As preocupações sobre gênero e sexualidade também são expressas pela designer e pesquisadora turca Ece Canli, que afirma só ser possível questionar o papel do design em tais discussões, considerando aspectos maiores das dinâmicas presentes na sociedade, estruturas maiores de poder como raça, classe, faixa etária, entre outras, que precisam ser pensadas de maneira combinada. Segundo Ece Canli, deve-se manter “em mente que design é uma forma material do poder normativo, deve sempre considerar suas intenções e questionar seus resultados, desconstruindo seus aspectos excludentes e opressivos, de modo a incessantemente repolitizá-lo”. (CANLI, 2016, p. 206)<sup>33</sup>

O design se torna, então, uma ferramenta que pode “contra-atacar a si mesmo” (CANLI, 2016, p. 207), permitindo práticas projetuais mais igualitárias e que não reforcem valores e posicionamentos opressores. Podemos entender este movimento proposto pela autora em consonância com o movimento proposto por Andrew Feenberg (2010), ao nos advertir sobre as apropriações do código técnico e a racionalização subversiva, explorados anteriormente.

Feenberg chama esse exercício de “prática reflexiva meta-técnica” (FEENBERG, 2010, p.268), em que os objetos técnicos e a própria relação técnica

---

<sup>33</sup> Tradução livre do original: “bearing in mind that design is a material form of dominant power, they must constantly call design’s intentions and outcomes into question, deconstruct its exclusionary and oppressive modes and unceasingly re-politicize it.” (CANLI, 2016, p.206)

com a matéria prima contribuem para formas mais complexas da ação técnica. Profissionais, ao entenderem melhor os impactos técnicos, sociais e culturais de suas ações, estarão cada vez mais aptos a agir com mais responsabilidade, buscando outros objetivos além da mera eficiência e lucro, base da racionalidade capitalista.

Para a autora, o design tem um papel ativo na construção dos gêneros, participando de dinâmicas onde corpos são designados como masculinos ou femininos, e categorizados/segregados de acordo com tais concepções binárias e estereotipadas (CANLI, 2016, p. 192). Aliando críticas feministas e *Queer* sobre tais concepções polarizadas com o papel de responsabilidade social do design enquanto ferramenta que, entre outras coisas, faz circular artefatos, representações e significados, Ece Canli propõe uma perspectiva politicamente engajada do design, mais expandida e subversiva, “de modo que possa desafiar o *modus operandi* existente do design, suas normas e privilégios mal utilizados” (CANLI, 2016, p. 197).

Mais do que produzir artefatos para pessoas *Queer*, definindo uma nova fatia de mercado, um design voltado para as questões *Queer* tem que, segundo a autora, preocupar-se em como a prática projetual produz e reforça divisões e segregações nas vivências em sociedade, e como os artefatos, serviços e representações geradas por estes processos interferem na vida cotidiana de diferentes parcelas da população.

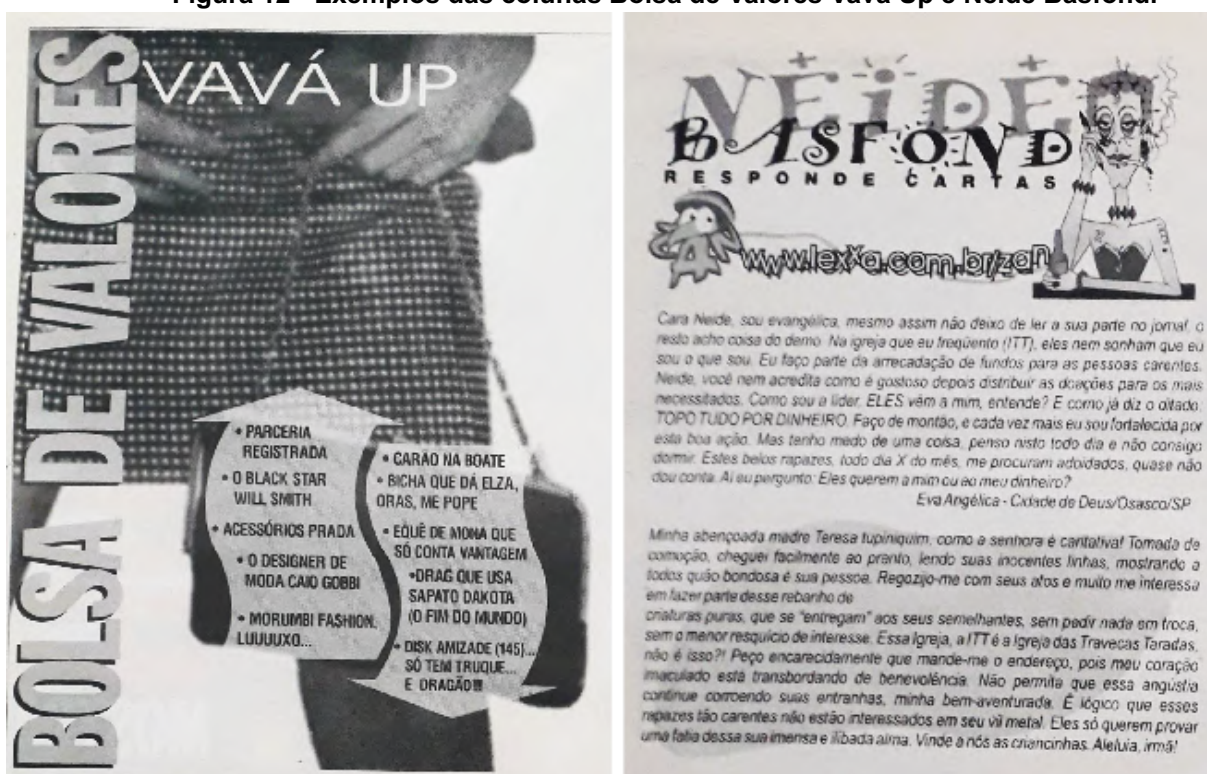
Podemos olhar para o periódico *O Babado* com estas preocupações de Canli em mente. O periódico se posicionou como voltado para o público LGBTQIA+, sendo editado pelo Grupo Expressão, que mantinha contato com diversos outros grupos da época, participando de encontros e promovendo atividades e ações sociais para a população LGBTQIA+. Em suas páginas eram divulgados encontros e eventos, comentadas discussões e tramitações no governo sobre projetos que possuíam impacto direto nas vivências destas parcelas da população. Eram publicados textos que refletiam sobre a questão homossexual na sociedade, promovendo uma imagem mais positiva e de responsabilidade para as pessoas.

Contudo, e algumas vezes de maneira paradoxal, também eram reforçados posicionamentos alinhados a valores normativos que oprimiam as próprias pessoas LGBTQIA+, desvalorizando as que possuíam pouco poder aquisitivo, mantendo certa vigilância com pessoas que destoavam demais de alguns padrões hegemônicos de gênero, de classe, de tipo físico, como lésbicas muito “machonas”,



travestis desaqueendadas, *drag queens* que não seguiam padrões de feminilidade, gays muito “fervidas”. Algumas colunas, como a já citada coluna “Veneno”, a coluna “Neide Basfond Responde cartas”, “A bolsa de Valores Vavá”, utilizavam o humor e a ironia para comentar estas situações, exercendo certa vigilância e prescrevendo alguns comportamentos mais aceitáveis e outros que eram alvo de repúdio e comentários maldosos (figura 12). As colunas de Lulu Lurex, os guias de turismo e roteiros *Cult* incentivavam um maior consumismo, indicando viagens, roupas de marca, grifes e locais para se frequentar que também acabavam por segregar as vivências entre quem tem condições de acesso a tais produtos e serviços, e quem não consegue manter tais padrões.

Figura 12 - Exemplos das colunas Bolsa de Valores Vavá Up e Neide Basfond.



Fonte: Centro de documentação Prof. Dr. Luiz Mott.

Pensar o design enquanto disciplina que interfere no nível da cultura, materializando valores e práticas, capacita-nos a entender a prática projetual como participante de dinâmicas complexas da sociedade, e também como índice de tais dinâmicas. Segundo o designer e pesquisador Randy Nakamura (2006), a disciplina de design se baseia não só na resolução de problemas e proposição de soluções viáveis, mas seu “impacto fundamental no mundo (seja bom ou ruim) está implicado

nos artefatos e formas que produz<sup>34</sup>” (NAKAMURA, 2006, p. 6). Para o autor, o design tem um caráter interdisciplinar e possui uma capacidade única de produzir artefatos, sistemas e serviços que incorporam uma enorme gama de processos, tanto internos (cognitivos, criativos, de auto regulação, de habilidade) e externos (técnicos, culturais, de organizações sociais hierárquicas, auto organizadas). Profissionais de design estão imersos em dinâmicas maiores e, ainda assim, interferem nessas dinâmicas através de seu trabalho, produzindo e sendo produzidos pela cultura e pelas relações sociais que engajam. Tais produções permanecem ao longo do tempo, refletindo organizações que participaram de dinâmicas culturais da época e do local onde foram produzidas. Por permanecerem, acabam se tornando índice de momentos sociais e culturais específicos.

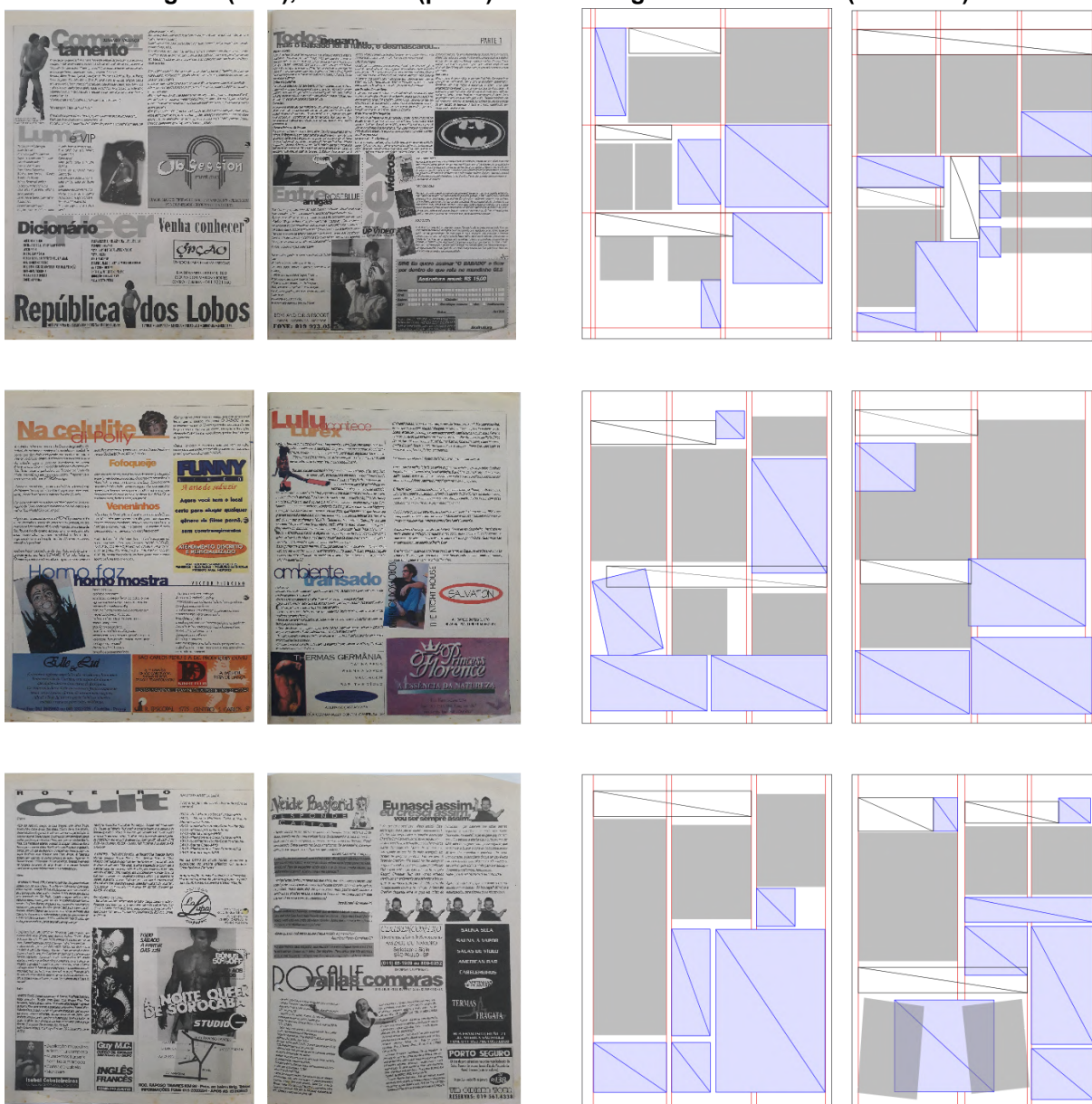
O periódico, tendo seu projeto gráfico produzido durante a metade da década de 1990, dialoga com as possibilidades técnicas da época, mas também com tendências da própria profissão e com os contextos sociais que existiam, como comentado durante o item 1.2. Tentaremos aprofundar a discussão aqui, atentando para alguns elementos presentes no periódico.

A diagramação do periódico possui um *grid* que varia bastante entre as páginas, funcionando de maneira bem flexível para a disposição de títulos, colunas e manchas de texto. As experimentações com o *grid* através das páginas tornam a leitura mais dinâmica. As diversas sessões chamam a atenção dos leitores e leitoras, utilizando a quebra das colunas, entrelinhas, alinhamentos dos parágrafos, escolhas de tipografia, bem como interações entre imagem e texto. Contudo, estas experimentações também podem, devido à grande variação de elementos, gerar certa confusão visual. Na figura 13 podemos perceber a organização de algumas páginas da edição n.º 2 do informativo.

---

<sup>34</sup> Tradução livre do original: “Yes, design is about analysis and problem solving, but its fundamental impact on the world (for better or worse) is in the artifacts and forms it produces.” (NAKAMURA, 2006, p.06)

Figura 13 - A esquerda temos as páginas do número 2 do informativo, e a esquerda um modelo esquemático da composição delas, evidenciando as manchas de texto (cinza) as imagens (azul), os títulos (preto) e as linhas guias das colunas (vermelho).



Fonte: O Autor (2021)

O *grid* passou por alterações durante as várias edições, organizando visualmente a página a partir de uma divisão em 6 colunas, porém, ainda mantendo espaço para experimentações e utilizações mais livres dos elementos da página, como os títulos, as manchas de texto e as imagens (figura 14).

Figura 14 - A esquerda temos as páginas do número 15 do informativo, e a esquerda um modelo esquemático da composição delas, evidenciando as manchas de texto (cinza) as imagens (azul), os títulos (preto) e as linhas guias das colunas (vermelho).



Fonte: O Autor (2021)

O *grid* é um dos elementos da composição visual que organiza a página em relação às dimensões do suporte onde o projeto gráfico será impresso, definindo as margens, espaços de título, colunas de texto, localização das imagens, entre outros elementos que possam ser inseridos na diagramação. Com as possibilidades de experimentação que a utilização de computadores na editoração permitiu, aliado a algumas tendências que visavam contestar *grids* e diagramações mais rígidas, bem como o caráter mais dinâmico e fluido do periódico, o *grid* deixa de ser tão rígido, alterando-se conforme as páginas, e trazendo maior expressividade para a leitura.

A utilização expressiva de fontes também é uma característica que atravessa a diagramação do periódico. Mudando drasticamente entre os diferentes títulos e o corpo de texto das colunas, as fontes são utilizadas para expressar visualmente diferentes qualidades, contribuindo para a construção da identidade visual de cada coluna, que se repetem no decorrer das edições. As novas possibilidades também permitiam explorar novas técnicas, como a utilização de fontes estilizadas, com efeitos 3d, distorcidas e pixelizadas. O acesso a uma maior variedade de fontes foi possível também devido à popularização de *softwares* de editoração, e pacotes de fontes que eram compartilhados e vendidos em disquetes e CDs, algumas vezes através da pirataria.

**Figura 15 - Títulos com diferentes fontes utilizadas durante a edição nº 3 (novembro de 1996) do periódico *O Babado*.**



**Fonte: Centro de documentação Prof. Dr. Luiz Mott.**

Outra característica é a grande utilização de imagens, bem como de fotomontagens, além de *renders* de modelos 3D, recursos que foram possíveis com o desenvolvimento da computação gráfica, acesso a bancos de imagens, compartilhamento e venda de imagens, *renders* e *clip arts* da internet. No periódico, as imagens ilustravam as colunas, contribuía para a construção da identidade visual das colunistas, davam o tom de leitura de alguns artigos, bem como mostravam pessoas importantes e influentes nas redes LGBTQIA+ da época.

**Figura 16 - Exemplo de foto montagem utilizada na coluna Lulu Lurex Acontece (Ano 1, nº3 - novembro de 1996, p. 04).**

**acontece**

O verão chegou para ficar, e as barbies estão cada vez mais peladas, aqui na redação não estamos aguentando de tanto calor. Imagine você que o único ar condicionado que ficou, foi o da minha sala. Será coincidência? ou será outras daquelas deliciações discretas da minha super amiga "Anjo Azul". E o meu make-up, que no final da tarde está todo no pé. Deixa pra lá, um dia "Memi" vai voltar para "Thara", e aí vão me perguntar: O que aconteceu com ela? Onde ela está? E eu vou ter que responder... "E o Vento Levou..."

Para esta temporada está escalada a força do amor, e para os momentos a dois, para a ousadia e a irreverência. Nada daquela confusão de foundie na casa da amiga, carregando panela de óleo fervente para lá e para cá. Relaxe!!...descanse... Neste verão não esqueça das filtras solares e dos bonés. O must mesmo é pegar aquele sol e sair para circular pelos parques e feiras da cidade. Sair de casa e tire aquele verde-escritório da cara, millitar somente no modelão.

O que você está esperando, passe a mão na sua cara metade, e não importa se ele ou ela tem mais de quarenta, deixe os filhos com a sogra e se esbalde nesta temporada do amor.

Vá ao cinema assistir a colega La Banderas em "A lei do desejo", ela está ótima. Nicole Kidman e Matt Dillon dão um banho de sensualidade em "Um sonho sem limites". As loiras estão ocupando nossa mídia, Madonna com seu novo baby e o seu diário a la Evita, a nossa musa Claudia Liz, que foi convidada pela Disney, para gravar um novo capítulo da família Adams. Este episódio vai chamar "Vida após a morte".

As coleções estão inspiradas na década de 70 e os brechôs estão fazendo o maior sucesso. A mistura de motivos está permitida, mas seja coerente na hora da escolha, misture desenhos distintos de cada peça a ser vestida, têm de ser miúdos. Misturar xadrez com florzinhas, listrinhas, amebinhas ou qualquer outro traço é bárbaro. Mas só se algum de seus tons for comum nas estampas eleitas, ou totalmente destoante. Meu termo não vale. Nunca misture tons pastéis, ou aquela camisa de bolinha com uma calça florida. As camisetas estão de volta, desde as hering's básicas às de novas tendências em tecidos como suedini, cotton-lycra, jersey, ball, malha, tela, e as clássicas Hannes que são super fresquinhas.

Shorts ou bermudas? Nada melhor que uma bela bermudinha neste verão, se você pode, mostre as pernas. Aproveite. Se está na dúvida, consulte o seu espelho, ele sempre vai ser o seu melhor conselheiro. Que comprimento usar? Qual você gosta? Longa, curta, as clássicas na altura do joelho. Não importa a altura delas, o que importa é você se sentir bem. Já se imaginou em uma bela bermuda safari de algodão ou linho, quer coisa mais gostosa? Os acessórios estão seguindo uma linha africana e indiana, procure peças de design do pessoal do Mercado Mundo Mix.

Sandálias de tiras em couro foram ditadas para este verão, mas sucesso mesmo são as novas Raider's com estampadas do calçado de

**SETOR**

**BRECHA**

**OBSEQUIO**  
FONE 019 233.3734

Fonte: Centro de documentação Prof. Dr. Luiz Mott.

Estes elementos não são selecionados aleatoriamente, mas configuram opções feitas pelos profissionais de design, em diálogo com outros profissionais que trabalham para o lançamento das edições do periódico. Para Feenberg (2017, p. 8), é através de escolhas técnicas que os valores podem ser inseridos nos projetos. É através de escolhas de *grid*, tipografia, enquadramento, iluminação, harmonia

cromática, que os valores alinhados à valorização de experiências de vida dissidentes da sexualidade e do gênero podem ser impressos em um informativo e circularem por diversos locais.

Para Teresa de Lauretis (1994), representações também são construídas com base em diversas tecnologias, a partir de escolhas técnicas como também semióticas, que são utilizadas pelas pessoas na construção de sua autorrepresentação.

Através das disputas dos códigos técnicos presentes nos projetos de design, valores são traduzidos em linguagem técnica e inseridos nos projetos, como explicado por Feenberg (2010). Teresa de Lauretis nos mostra como estas escolhas técnicas podem criar noções de gênero, construindo representações alinhadas ao sistema sexo gênero, que prioriza interações heterossexuais, desvalorizando toda a diversidade sexual e de gênero. Portanto, não apenas discursivamente, mas tecnicamente, identidades sexuais e de gênero são reafirmadas e contestadas, às vezes em movimentos contraditórios, nos materiais analisados.

Ao produzir objetos, visualidades, sistemas e serviços, é comum que profissionais idealizem quem utilizará tais artefatos. A designer e pesquisadora Ellen Van Oost explora a maneira como essa idealização acaba por materializar visões e valores de como as pessoas devem agir, baseadas em noções de gênero binário. Utilizando a noção de '*Scripts* de gênero' (OOST, 2006, p.195), chama atenção para este processo em que tais idealizações de usuários e usuárias moldam escolhas técnicas durante os projetos de design, o que cria representações idealizadas de consumidores e consumidoras. Tais representações não abrangem somente o gênero, mas incluem diversas instâncias da vida social como raça, classe, faixa etária, altura, peso, entre diversas outras variáveis, refletindo a complexidade das vivências sociais de cada localidade.

Assim, estes artefatos acabam influenciando comportamentos e práticas em que usuários e usuárias reais têm que se adequar (ou não) aos artefatos. Artefatos estes que, através dos *scripts*, definem certos modos de usos e reconhecimentos que tendem a produzir o ideal de usuário e usuária que guiou as escolhas técnicas de seu desenvolvimento (OOST, 2006).

Contudo, deve-se tomar cuidado para não superestimar a capacidade dos designers e dos projetos que executam em influenciar usuários e usuárias, enxergando estas parcelas da população como passivas. A agência de usuárias e

usuários deve ser considerada tanto quanto a agência dos e das designers, evitando posicionamentos que sejam deterministas. Como nos explica Oost, *scripts* acabam atuando de forma convidativa para certos comportamentos e práticas, e de forma inibitória para outros. Entretanto, não podem determinar completamente o comportamento das pessoas, as maneiras como dispõem os artefatos na construção de suas identidades, e em suas atribuições de significados (Oost, 2006, p.191).

Nesse sentido, Stuart Hall aborda um modelo de comunicação conhecido como 'encoding/decoding' (HALL, 1980), conectando as instâncias de produção e consumo, valorizando cada etapa deste processo. Por um lado, entende como as mídias possuem um papel estruturante de propor categorias que podem organizar posicionamentos presentes na sociedade. Por outro lado, reitera a noção de leitores e leitoras ativos, que produzem significados a partir dos signos e símbolos que a mídia circula.

Stuart Hall também deixa claro que o processo de interpretação nunca está completo, chegando a um significante final, conclusivo e fechado. Os sentidos criados durante a interpretação não são exatamente os mesmos que foram codificados na mensagem pelos criadores, e podem não ser os mesmos que outras leitoras e leitores interpretaram. O autor afirma que existe um 'deslizamento de sentido' (HALL, 2016 p. 61), no qual, outras associações são possíveis, graças à interferência de significados existentes em nosso repertório e nos contextos de leitura. Sendo o processo de significação assim entendido, como uma criação de leitoras e leitores e não apenas dos profissionais que codificam as mensagens, ambos (quem cria e quem lê) são essenciais e possuem a mesma importância na produção de sentidos.

Estas relações dialógicas também envolvem tensões entre os enunciados das diferentes vozes sociais e as leituras feitas a partir delas. Para Bakhtin (2010), as relações dialógicas não acontecem sem que as materialidades semióticas entrem na esfera dos discursos, configurando-se como enunciados que tendem a fixar "posições de um sujeito social" (FARACO, 2003, P. 64). Os enunciados, nessa perspectiva, são vistos não apenas como unidades semióticas, mas como unidades de interação social, que tendem a organizar a vida social a partir de posições avaliativas proferidas pelas vozes sociais.

As pesquisadoras dos estudos em cultura visual, Marita Sturken e Lisa Cartwright (2001), a partir de uma leitura da teoria da codificação/decodificação



proposta por Stuart Hall, informam ser possíveis 3 posicionamentos que os leitores e leitoras podem ter como decodificadores: uma posição **dominante-hegemônica** de leitura, onde se identificam com os sentidos hegemônicos e recebem a leitura dominante da mensagem com grande aceitação; uma posição de **negociação**, onde uma interpretação é negociada entre os sentidos dominantes e as interpretações pessoais; e uma posição de **oposição**, que não concorda com os significados hegemônicos, ou que simplesmente ignora a mensagem como um todo.

Negociação, nessa perspectiva, diz respeito a um processo que ocorre entre a mensagem, o contexto e quem lê, este permitindo que suas referências internas e memórias transformem os significados prescritos pelos criadores nas obras, bem como lidando com forças sociais e culturais maiores (STURKEN; CARTWRIGHT. 2001, p.57). Desse modo, as negociações se mostram como uma importante dinâmica, na qual diferentes mensagens e significados são produzidos em diferentes instâncias da sociedade e circulam pela cultura, contribuindo para seu caráter fluido e em constante mudança e reinvenção.

Em tais dinâmicas, ideologias entram em tensão nas vivências diárias, quando leituras nos três níveis propostos geram práticas que ora reforçam, ora desestabilizam posicionamentos hegemônicos na sociedade. Imagens, textos, significados, artefatos, valores e práticas são apropriados em movimentos de resistência, gerando novas mensagens potencialmente subversivas. Estas mensagens subversivas podem ser cooptadas por movimentos de apropriação hegemônicos, participando do *mainstream* de determinadas culturas em determinados períodos históricos, esvaziados de seus sentidos de luta (STURKEN; CARTWRIGHT, 2001). Vale lembrar que tais disputas não são simetricamente posicionadas, mas sim atravessadas por relações de poder que definem acessos a bens culturais, conhecimentos técnicos e aparatos tecnológicos, meios de comunicação e cadeia produtiva.

Ativistas LGBTQIA+ no Brasil, ao produzir e utilizar materiais gráficos para sua comunicação, divulgando informações de sexo seguro, HIV, AIDS, outras IST's, comportamento e bem-estar, além de militância e luta por direitos civis, ajudaram a construir subjetividades, modelos e padrões que tiraram da invisibilidade as vivências de algumas parcelas da população. Ao criar representações que se articulam com imagens menos caricaturescas e mais alinhadas com suas próprias experiências cotidianas, contribuíram para um olhar plural sobre identidades

específicas, interpelando seus espectadores e espectadoras. Ao veicular essas representações em projetos gráficos de periódicos, participam de redes (FACCINI, 2002) sociotécnicas (FEENBERG, 2010) de maneira mais democrática, reafirmando poderes já estabelecidos, ou questionando e denunciando esses poderes. Tais materiais possuem também forte influência na articulação e luta por direitos humanos, fortalecendo o contato de coletivos e grupos com a população, além de comunicar suas pautas, ações e lutas coletivas.

Desse modo, entendemos que, com uma intervenção projetual a partir do design gráfico, algumas parcelas do movimento LGBTQIA+ brasileiro conseguiram abranger novas perspectivas, gerando visualidades que interferiram em aspectos simbólicos, sociais e culturais, mas com efeitos reais nas vivências das pessoas. O *Babado* (Campinas, 1996 – 1998), informativo do ‘Expressão — Grupo de defesa dos direitos humanos de homossexuais’ se insere dentro dessa dinâmica, sendo um rico material de estudo.

## 4 ESSE CORPO É DO BABADO!

Este capítulo volta sua atenção para as capas do periódico, percebendo-as como um elemento de importância na lógica organizacional do informativo, bem como uma instância privilegiada na interação com os leitores e leitoras. Nestas capas, analisamos as representações presentes nas imagens utilizadas, de modo a verificar como são produzidas, utilizando elementos técnicos do design gráfico como fotografias, paletas de cores, tipografias e organização dos elementos na composição. Consideramos que as representações possuem grande relevância nas dinâmicas ligadas a identidades sexuais e de gênero, contribuindo para a definição de modelos mais normativos, possuindo efeitos nas vivências diárias de seus leitores e leitoras.

Também fizemos um levantamento com as representações presentes dentro do periódico, de modo a perceber como estas representações se relacionam com a representação de corpo construída na capa, ora reafirmando, ora questionando-a.

### 3.1 “COVERGIRL, PUT A BASE IN YOUR WALK...” - QUAL É O CORPO DA CAPA?

No projeto gráfico d’O Babado, a capa pode ser considerada um dos elementos que demanda maior atenção de quem a projetou, devido a sua importância no início do processo de leitura, transmitindo a identidade visual do periódico, algumas chamadas sobre conteúdos internos, bem como incentivando que a leitura do material continue. Com a venda do periódico, a partir do n.º 06 (março/1997)<sup>35</sup> surgiu a necessidade de criar um destaque entre os outros periódicos, atraindo a atenção e persuadindo para a compra.

Desse modo, o projeto da capa está envolto em diversas tensões, tanto ligadas ao corpo editorial, com designers e diretores de arte que desenvolvem *layouts*, como com apoiadores e vendedores. Estas tensões envolvem a decisão de quais informações devem estar presentes na capa, quem é o público-alvo com quem o jornal deve dialogar mais intensamente, prendendo sua atenção. Também é

---

<sup>35</sup> Como não temos acesso a maiores informações sobre a circulação do periódico, utilizamos como indício de que o início da venda das edições aconteceu nesta edição pois foi a primeira a levar o valor impresso na capa. Tanto o editorial quanto o conteúdo interno não fazem referência sobre o início das vendas.

preciso conhecer os outros periódicos que dividem a concorrência do mesmo nicho de mercado, para definir a função de destaque e comunicação da identidade visual.

As capas do informativo *O Babado* se destacam pela grande importância dada para as imagens, principalmente fotografias, que são utilizadas como plano de fundo, sobre a qual as outras informações são dispostas de modo a gerar uma composição que atraia os leitores e as leitoras. Em praticamente todas as edições são utilizadas fotos de modelos masculinos, com corpos definidos, muitos em posições sensuais, exibindo corpos seminus e, algumas vezes, completamente nus. A exceção é a edição de n.º 15, que traz duas mulheres representadas, em edição especial ao dia das mulheres. É também a última edição veiculada.

Aqui podemos dividir as capas em dois grandes grupos, um deles que envolve a versão de marca que possui uma elipse vermelha, utilizando fotos nas quais os corpos dos modelos possuem maior destaque, e o outro após o n.º 10 - ano 1 (setembro de 1997), quando diversas mudanças acontecem, tanto no *layout* da capa quanto na marca do periódico, e as fotos focam mais nos rostos dos modelos.

Figura 17 - Linha do tempo contendo as capas das Edições n.º 2 ano 1 (outubro de 1996), n.º 3 ano 1 (novembro de 1996), n.º 4 ano 1 (dezembro de 1996), n.º 5 ano 1 (janeiro/fevereiro de 1996), n.º 6 ano 1 (março de 1996), n.º 7 ano 1 (abril de 1997), n.º 8 ano 1 (maio de 1997), n.º 9 ano 1 (junho de 1997) do periódico *O Babado*.

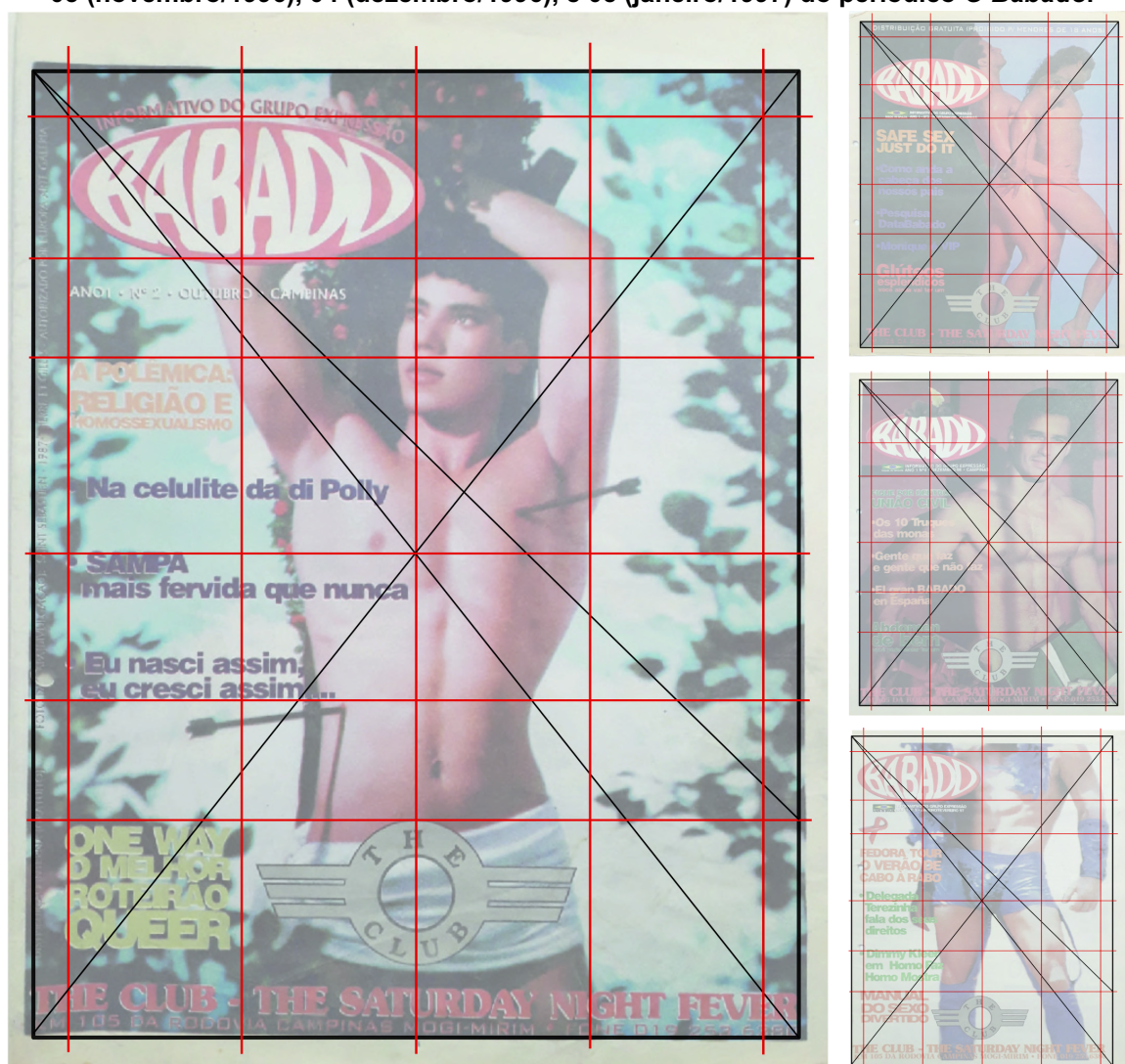


Fonte: Centro e Documentação Prof. Luiz Mott - Grupo Dignidade.

Este primeiro grupo (figura 17) conta com oito capas, que possuem o mesmo *grid* para disposição de elementos, no qual a marca se posiciona no canto

superior esquerdo e, logo abaixo, as informações referentes à edição, como mês de publicação, número da edição e outros detalhes técnicos (figura 17). As chamadas também se posicionam à esquerda, utilizando uma fonte sem serifa, e com os blocos de texto diferenciados por cor, que podem também definir certa hierarquia de leitura, onde as chamadas mais importantes podem utilizar cores mais contrastantes para o destaque, bem como fontes com corpo maior. Os textos das chamadas são os títulos das colunas dentro do periódico, não informando nada mais sobre seu conteúdo. No rodapé da composição temos a marca da boate *The Club*, importante apoiador do periódico, bem como seu endereço em Campinas.

**Figura 18 - Exemplos com um grid de organização do layout das capas n.º 02 (outubro/1996), 03 (novembro/1996), 04 (dezembro/1996), e 05 (janeiro/1997) do periódico *O Babado*.**



Fonte: O Autor (2021).

Nestas capas, a escolha das imagens prioriza modelos que aparecem em fotos nas quais o enquadramento valoriza seus corpos, utilizando planos abertos, planos americanos e planos médios<sup>36</sup>, sendo, geralmente, a região do peito ou da virilha que aparece centralizada na composição. Aqui os corpos seguem determinado padrão: modelos jovens, com músculos bem definidos, pele clara e bronzeada, magros e praticamente sem pelos, características que podem simbolizar jovialidade e força. A objetificação dos corpos é uma das estratégias de atrair a atenção, em uma tentativa de seduzir e atrair os espectadores, idealmente pensados como homens que possuem outros homens como objeto de desejo e afeto.

Como estratégia para dialogar com leitores e leitoras, utiliza-se a construção de narrativas, relacionadas a colunas de destaque no informativo naquela edição, ou ao contexto do mês em que são lançados. Por exemplo, o n.º 2 (outubro/1996) (figura 19), que possui a manchete “A polêmica: religião e homossexualismo” traz impressa a imagem que remete à iconografia de São Sebastião, santo da igreja católica que foi executado a flechadas por não renunciar sua crença em Jesus Cristo no período romano, segundo a página do portal da comunidade Canção Nova, fundada em 1978 (NOVA, 2019). O santo também é considerado padroeiro dos homossexuais, devido a sua história de vida em assumir-se (no caso do santo, cristão) e ser punido por isso (LADO A, 2017).

A imagem escolhida é uma obra de Pierre & Gilles, casal de artistas franceses que possuem em suas obras fortes referências ao homoerotismo, ao kitsch, e a pinturas barrocas e renascentistas, algumas vezes com temáticas católicas (GOLDMAN, 2015). Ao representar essa imagem, também existe a escolha de evidenciar a sensualidade do corpo do modelo, emoldurando-o em um cenário com folhas e flores, produzindo-se uma capa que reafirma visualmente a tensão que a reportagem busca discutir.

---

<sup>36</sup> Na fotografia e no cinema, os planos são distribuídos em relação ao objeto focado. Planos abertos geram fotografias onde o cenário é valorizado. Planos médios focam na figura retratada, enquadrando a figura humana em sua totalidade. Já planos americanos focam na região acima da linha dos joelhos até a cabeça da figura retratada. Meio primeiro plano é quando a câmera captura a figura a partir da linha da cintura, e primeiro plano a figura é capturada a partir da linha do peito. O primeiríssimo plano foca apenas no rosto da pessoa retratada. Para mais informações sobre os planos consultar (MARTIN, 1990).

Figura 19 - Capas n.º 02 (outubro/1996) e 03 (novembro/1996)



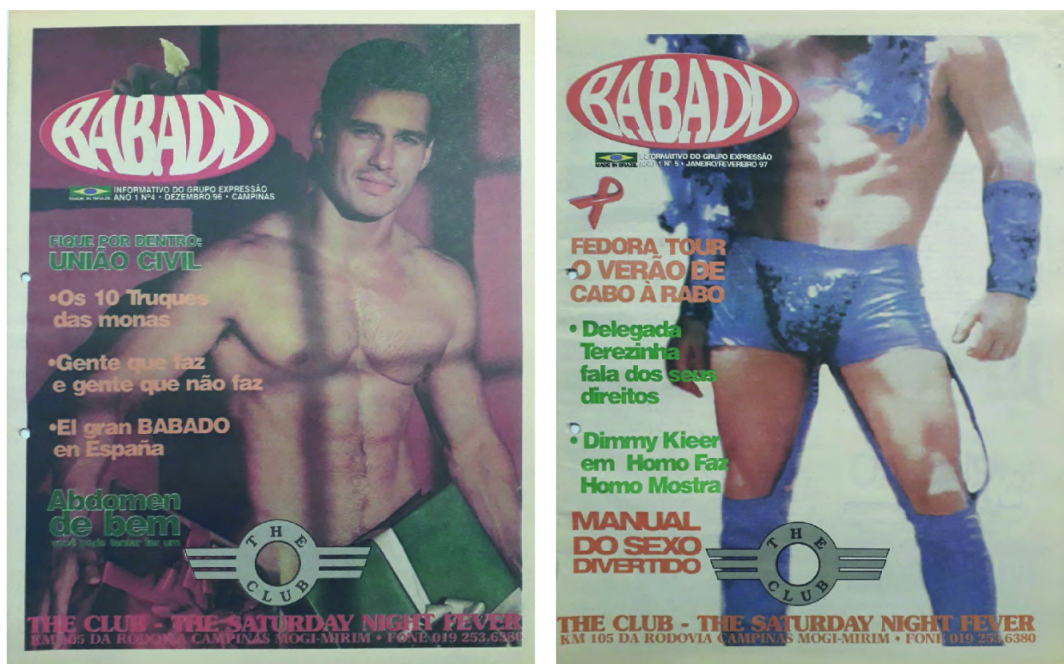
Fonte: Centro e Documentação Prof. Luiz Mott - Grupo Dignidade

Na Figura 19, o n.º 3 (novembro/1996) possui a chamada principal “*Safe sex, just do it*”, cuja capa mostra dois homens em pé, relacionando-se sexualmente. Podemos interpretar que eles, virados para a direita, avançam (seguindo o sentido de leitura ocidental, da esquerda para a direita) da área escura e mal iluminada, para a área azul e clara, fazendo sexo seguro. Aqui podem ser acionadas diversas dicotomias que lidam com o escuro como mal, e o claro como bom, e o sexo seguro como ponte para essa passagem.

Já as capas dos números 4 (dezembro/1996) e 5 (janeiro/1997), recorrem a outra estratégia, fazendo referência à sazonalidade na qual os periódicos foram lançados. O n.º 4 (figura 20), lançado em dezembro de 1994, utiliza elementos característicos do natal, como a paleta de cores verde, vermelha e branca, bem como as caixas de presentes embrulhadas com laços de fita para ambientar a composição. A sombra projetada contribui para identificar o cenário como um espaço interno, provavelmente o cômodo de uma casa. O modelo segura dois presentes, que ocultam a região da sua virilha. Ao mesmo tempo, encara diretamente o espectador, definindo certa cumplicidade na troca de olhares. Na fantasia construída, ao receber os presentes, também será revelada a nudez do modelo.



Figura 20 - Capas n.º 04 (dezembro/1996) e 05 (janeiro/1997).



Fonte: Centro e Documentação Prof. Luiz Mott - Grupo Dignidade

Esta é a única das edições em que a marca possui um bebê com asas de anjo deitado sobre ela. A temática do natal pode ter inspirado esta intervenção, em referência a querubins e anjos natalinos, comuns à tradição cristã. Contudo, a escolha de um bebê de pele negra tensiona a representação tradicional, pois os querubins costumam ser representados com pele clara, olhos azuis e cabelos loiros. Uma das leituras possíveis seria a referência ao ditado popular “ser a ovelha negra”, para se referir a pessoas diferentes, que não seguem os padrões normativos da sociedade.

Já a capa do n.º 5 (figura 20), veiculada nos meses de janeiro e fevereiro, nos remete à época do carnaval. A fantasia utilizada pelo modelo valoriza seu corpo, deixando a mostra seu abdômen, braço e coxas. As calças que cobrem sua virilha e canelas não possuem um corte convencional, e valorizam o volume entre as pernas do modelo, com a utilização de textura como de suas munhequeiras. Possui um boá no pescoço, peça muito utilizada em bailes de carnaval. O enquadramento não mostra o rosto do modelo, o que reforça a objetificação de seu corpo, bem como pode acionar fantasias no espectador, já que o anonimato do modelo pode fornecer uma chance de encontrá-lo pelas festas da cidade, já que cabe ao espectador completar as feições que esse modelo terá. Associações também podem ser feitas com o título das chamadas, como a “manual do sexo divertido”, “verão de cabo a

rabos”, que estão destacadas utilizando cores quentes. A diversão pode ser encontrada com a irreverência da fantasia do modelo, que permite brincadeiras, bem como é propícia para o calor do verão e para as festas de carnaval, induzindo o desejo e a imaginação de quem lê.

Figura 21 - Capas n.º 06 (março/1996) e 07 (abril/1996).



Fonte: Centro e Documentação Prof. Luiz Mott - Grupo Dignidade

A capa n.º 6 (figura 21) aproveita a temática do verão, retratando um modelo no mar. Ajoelhado, ele leva as mãos na cabeça, como se brincasse com a água do mar ou molhasse os cabelos. Esta posição deixa tensionados os músculos do braço e ombros, bem como do peito e abdômen. A pele bronzeada parece estar untada com algum óleo, ou mesmo suor, que reflete a luz do sol de maneira a destacar a definição dos músculos. As cores da capa se organizam em uma harmonia complementar, onde os tons quentes (castanhos) da pele do modelo contrastam com o azul de sua sunga e do mar atrás do modelo. As chamadas das reportagens também utilizam de tal esquema de cor para se destacar na capa, contribuindo para produzir uma composição contrastante.

As demais capas deste grupo não parecem seguir a mesma estratégia temática, focando mais em mostrar o corpo dos modelos, seja em *closes* mais fechados (n.º 7 - Abril/1997), onde o modelo é mostrado com os cabelos molhados, e a câmera se posiciona acima dele ocultando seus olhos, mas mostrando parte de

seu peito, com os músculos dos ombros tensionados, ou em *closes* mais abertos (n.º 8 - Maio/1997), onde o modelo aparece deitado, formando uma perspectiva onde seus pés e pernas estão mais próximos de quem lê, como se a câmera avançasse por entre as pernas do modelo, e a cabeça mais distante, quase fora da fotografia na margem superior. Em uma pose relaxada e descontraída, oculta seu pênis com uma mão, deixando parte dos testículos à mostra. A utilização da luz e sombra nesta fotografia é expressiva, e contribui também para a definição dos volumes que os músculos do corpo do modelo possuem.

Figura 22 - Capas n.º 08 (maio/1996) e 09 (junho/1996).



Fonte: Centro e Documentação Prof. Luiz Mott - Grupo Dignidade

Por fim, a última capa deste grupo (n.º 9 - Julho/1997) representa um modelo em pé, apoiado e com a cabeça levemente levantada, e com os olhos fechados. Suas duas mãos vão em direção a sua virilha, que saem do enquadramento no rodapé da capa. Dois lenços brancos estão envoltos em seus braços caindo pela parte posterior do corpo. Um pequeno galho de hera cruza seu peito, caindo até sua virilha, onde suas duas mãos estão unidas. O fundo da imagem é todo azul-celeste, como se estivesse ao ar livre em um dia sem nuvens. A utilização de plantas, do fundo azul e dos tecidos brancos também são similares à capa do n.º 2, onde temos

a imagem de São Sebastião. Associações podem ser feitas entre as duas capas, como retratando figuras divinas, em lugares paradisíacos.

O segundo grupo de capas (figura 23) engloba os n.ºs 10 (setembro/1997) até o 15 (março/1998). Após o n.º 9 (julho/1997), alterações no projeto gráfico foram feitas. A marca passou por mudanças, assumindo todo o topo, com cores cambiantes que variam de acordo com a edição, e a disposição das chamadas também mudou, ficando alinhada à direita. Estas modificações colocam o nome do periódico e as fotografias em maior evidência e as chamadas acabam sendo os últimos elementos a serem percebidos na composição, ficando mais discretos.

**Figura 23 - Linha do tempo contendo as capas das Edições n.º 10 ano 1 (setembro de 1997), n.º 11 ano 2 (outubro de 1997), n.º 12 ano 2 (novembro de 1997), n.º 13 ano 2 (dezembro de 1997), e n.º 14 ano 2 (janeiro de 1998) do periódico *O Babado*.**



Fonte: Centro e Documentação Prof. Luiz Mott - Grupo Dignidade.

As fotografias também mudam de perfil, e passam a focar somente o rosto dos modelos, em vez de todo seu corpo. A estratégia parece transitar da

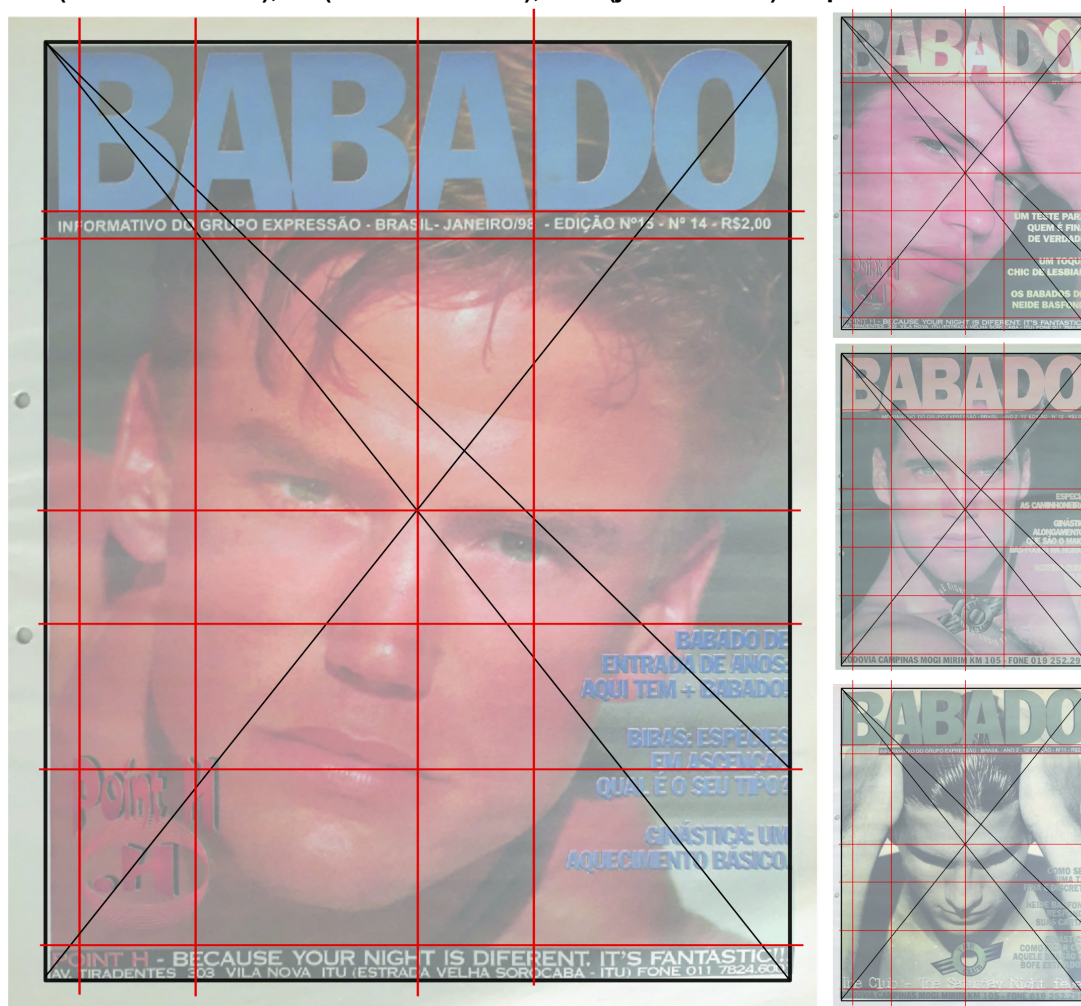
objetificação e apelo erótico dos corpos de modelos para a identificação com a masculinidade representada. Após diversas edições utilizando fotos com o mesmo tipo físico, podemos inferir que, mesmo focando nos rostos, estes modelos mantêm o padrão, e cabe aos leitores imaginá-lo.

A utilização de fotos menos explícitas e polêmicas também pôde ser um dos elementos que contribuiu para ajudar o periódico em sua circulação. Estas imagens que focavam apenas no rosto dos modelos poderiam ser expostas nas prateleiras e balcões sem maiores problemas, em comparação às fotos mais explícitas, que eram indicadas para serem consumidas por maiores de idade, devido ao seu teor erótico, e portanto, possuíam uma regulação maior. O periódico passa a trazer valor de venda a partir do n.º 6, o que pode ser um índice do início de sua circulação em bancas e comercialização, deixando de aparecer na edição de n.º 8 (uma das capas com a fotografia mais explícita), voltando a aparecer nas edições seguintes. Com a mudança do projeto da capa, o valor agora aparece padronizado, logo abaixo da marca na linha com as informações técnicas.

Outra característica que chama atenção, especialmente ao observarmos todas as capas do grupo reunidas, é a expressão dos rostos, que aparentam mostrar certa seriedade, provocação e sedução com quem olha. Nos números 12 (novembro/1997), 13 (dezembro/1997) e 14 (janeiro/1998) (figura 23), os modelos representados olham diretamente para quem lê o jornal, retribuindo o olhar. A troca fixa e intensa de olhares pode ser um dos primeiros passos de um flerte, onde quem olha e quem é olhado adquire reconhecimento mútuo do contato, estabelecendo também certa cumplicidade. Sentir-se olhado por modelos dentro de um padrão de beleza mais normativo pode acionar certas fantasias, também suscitando o desejo e a auto estima de quem é olhado.

A marca passa a ocupar todo o topo da página, o que é comum em outros periódicos, principalmente jornais e revistas. Utiliza uma fonte sem serifa, o que traz um ar mais moderno e de seriedade para a marca, em comparação à versão antiga, que utilizava uma estilização do nome, com uma fonte *slab serif* dentro de uma elipse vermelha. O esquema de cores da capa também é padronizado, com o título do periódico e as chamadas da edição compartilhando a mesma cor, o que contribui para a percepção de um projeto gráfico mais conciso e profissional, valores estes que, por associação, podem ser transmitidos para a percepção da atuação do grupo expressão.

Figura 24 - Exemplos com um grid de organização do layout das capas n.º 02 (outubro/1996), 03 (novembro/1996), 04 (dezembro/1996), e 05 (janeiro/1997) do periódico *O Babado*.



Fonte: O Autor (2021)

A hierarquia de distribuição dos elementos pela página também mudou (figura 24), sendo a imagem no fundo, e o título do informativo os primeiros a chamarem a atenção, mesmo à distância. As chamadas, agora, seguem o mesmo padrão de diagramação, com a fonte sem serifa similar à do título, possuindo o mesmo tamanho de corpo e cor. A definição da cor dialoga com as cores presentes na própria fotografia de fundo, produzindo harmonias diferentes a cada edição, utilizando cores ora complementares, ora análogas. As Edições de n.º 13 e 14 possuem a marca de um novo apoiador, *Point H*, cuja marca vermelha sai da posição centralizada na página ocupada pelo antigo apoiador, a boate *The Club*, e é posicionada no canto inferior esquerdo.

A capa da edição n.º 15 (maio/1998) foi escolhida para ficar de fora dos dois grandes grupos por diversas especificidades. Em edição comemorativa ao mês das mulheres, a capa escolhe retratar este momento, utilizando uma fotografia de duas

mulheres sentadas, uma delas olhando para a outra, que aparece apenas com metade do rosto no enquadramento, mas, ainda sim, volta-se diretamente para quem lê. O título fica posicionado atrás da cabeça da mulher, estratégia utilizada por algumas publicações que já possuem um número maior de edições, e a perda de legibilidade do nome não interfere tanto em seu reconhecimento, já que a identidade visual da marca é forte e prenante.

A utilização de um filtro roxo sobre toda a imagem também é utilizada pela primeira vez, o que contribui para esta capa destoar de todas as outras. O roxo pode ter sido escolhido também em referência à bandeira do orgulho lésbico, e a cor faz uma harmonia contrastante com o amarelo dos títulos e do texto das chamadas. Estes textos não se organizam mais em uma coluna, mas sim em blocos de texto, que ocupam tanto a direita como à esquerda da composição, o que torna a leitura mais dinâmica. Onde nas outras edições se posicionou a marca do principal patrocinador (centralizada no rodapé da página), nesta edição temos a presença da marca do Grupo expressão.

**Figura 25 - Capa da edição nº 15 ano 2 (março de 1998) do periódico *O Babado*, e grid de composição.**



Fonte: O Autor

Como comentado anteriormente, esta edição envolveu intensas disputas entre o corpo editorial, sendo que um grupo queria valorizar o mês das mulheres, dando

maior visibilidade para a questão lésbica, e outra parcela, considerado mais majoritário, não acatava as decisões do grupo, produzindo a edição sem o enfoque decidido coletivamente. Situação esta, que causou intensas discussões dentro do grupo, fazendo o periódico ser editado às pressas, e culminando na saída de diversas pessoas do Grupo Expressão (ZANOLI, 2015).

Com estes acontecimentos, podemos perceber que a própria edição dos conteúdos do periódico, bem como a definição da capa envolvia tensões dentro do Grupo *Expressão*, sendo uma arena de disputas onde diferentes visões podiam ser valorizadas ou excluídas para compor cada nova edição. Provavelmente esta disputa também ocorria na escolha das imagens das capas, principalmente pela importância e destaque que elas possuem na construção da visualidade do ponto de venda.

Para Mieke Bal (2016), através das imagens podemos ter acesso a visualidades que participam da vida cotidiana das pessoas, nas quais corpos, atos, gestos, interações e aparências contribuem para colocar “em cena” maneiras de ser, possuindo um caráter profundamente formativo. Segundo a autora, “imagens de posturas, rostos, corpos e roupas desejáveis, de luzes coloridas, caras sorridentes e caras nem tão sorridentes assim alimentam nossas fantasias antes que possamos ter alguma”<sup>37</sup> (BAL, 2016, p.28) As imagens das capas do informativo *O Babado*, discutidas até aqui, participavam na construção das fantasias de seus leitores e leitoras. Pelo padrão dos corpos apresentados, podemos supor maior investimento e valorização de determinados tipos físicos, faixa etária, classe, cor de pele e traços físicos, que podem ser entendidos como mais desejáveis, e por exclusão, quais corpos não ocupavam este lugar de desejo.

É importante ressaltar que Bal considera o ato da visão como um exercício que movimenta o corpo todo, e que deve ser recontextualizado em sua corporeidade, o que chama de visão “impura”. As imagens mais provocantes utilizadas nas capas do periódico também devem ser consideradas nesta perspectiva, já que sua intenção é suscitar a sensualidade e excitação de quem lê, efeitos que atravessam todo o corpo. Também podem acionar conhecimentos, memórias e recordações de momentos vividos, além do desejo. A visão pode ser

---

<sup>37</sup> Tradução livre do original: “Imágenes de posturas, rostros, cuerpos y ropas deseables, de luces parpadeantes de colores, caras sonrientes y caras sin sonrisas colman nuestras fantasías antes de que podamos tener alguna” (BAL, 2016, p.28).



uma poderosa fonte de prazer, e o corpo de quem lê está emaranhado nestes atos de visão.

Olhar estes corpos também é uma maneira de conhecê-los, e nesse processo ter articulações entre o ato da visão e o desejo (STURKEN; CARTWRIGHT, 2009). Ver o que não se é visto usualmente, como imagens eróticas e sensuais, pode ser uma das maneiras de adquirir conhecimento sobre tais assuntos, o que também vem associado a uma transgressão, já que estes materiais podem ser considerados tabus, pelo seu teor erótico ou dissidente.

Mediados pelas capas do periódico, leitores e leitoras podem ter acesso a elementos das práticas relacionadas ao desejo de algumas pessoas gays. Mas, as capas, dependendo do contexto onde estão sendo vistas, podem gerar embaraços, vergonha e pudor, justamente por serem imagens transgressoras, e estes sentimentos vem acompanhados de suas intensas reações corporais características.

A construção do objeto de desejo nas capas é um ato que deve ser investigado com maior atenção. As representações utilizadas são constituídas seguindo determinados códigos sociotécnicos, semióticos e comunicacionais que circulam em determinadas culturas, e são reconhecidos e interpretados por quem lê. Segundo Teresa de Lauretis (1994), seriam tecnologias de gênero, justamente por criar representações de relações sociais que ordenam os seres em determinadas posições da sociedade, influenciando em suas autorrepresentações.

O periódico *O Babado*, participando de redes (FACCHINI, 2002) sociotécnicas (FEENBERG, 2010), foi uma das instituições que mobilizou diversas disciplinas técnicas, como o design, a publicidade, o jornalismo, aliando-as com instâncias da vida social da localidade onde estava inserido, como o ativismo, o comércio local, outros grupos e ONGs, disseminando informações, conteúdos, imagens e, conseqüentemente, representações de gênero através de suas publicações, dialogando com as dinâmicas identitárias presentes na sociedade.

Por ser um periódico voltado para a causa LGBTQIA+, possuía certa atuação na luta contra opressões sofridas por esta parcela da população, já que são consideradas pessoas que são dissidentes dos padrões normativos do sistema sexo-gênero: não se adequam às categorias binárias de homem/mulher, não possuem orientação sexual heterocentrada e não possuem práticas sexuais orientadas para a reprodução, por exemplo. A construção de representações mais positivas, afastadas dos discursos médicos e da religião, e que criticavam

posicionamentos ligados à heterossexualidade compulsória e homofobia atravessam todo o periódico. Como nos lembra Lauretis (1994, p. 209), mesmo a desconstrução do gênero é a sua construção. Podemos considerar que *O Babado* contribuiu ativamente para a construção de noções de gênero e sexualidade para seus leitores e leitoras.

O corpo, então, torna-se uma dimensão de grande importância para analisar esta construção de gênero. Segundo Judith Butler (2007), o corpo não é uma superfície passiva na qual os significados culturais dão sentido, mas é uma matéria que resiste às normas e à fixação de significados. Para esta fixação é necessário um processo incessante de reiteração de normas, que iniciam mesmo antes do nascimento, e participam de toda a vida dos sujeitos, presentes nas normas sociais que o designam como homem ou mulher, masculino ou feminino.

Estas normas definem categorias de comportamentos, práticas, maneiras de se portar, utilização de artefatos, constituindo uma diversidade de modos de ser, pensar e agir alinhados com os valores normativos. Para Butler (2007), essa reiteração ocorre de maneira performativa: sempre em citação a normas prévias, que se atualizam como ato presente, produzindo o corpo que visa regular. Essa atualização acaba por dissimular a norma que cita, e por naturalizá-la, justamente por seu caráter de incessante repetição.

Estas noções, sendo naturalizadas, acabam definindo o que é normal, o que pode ser considerado humano, e o abjeto, o diferente. Dentro de normatizações presentes na sociedade, o ideal é a correspondência entre ser homem e masculino ou ser mulher e feminina, ambos com o desejo e a prática sexual orientados para a heterossexualidade, que devido à naturalização e imposição desta “natureza”, adquire caráter compulsório.

Pessoas que não se encaixam dentro deste sistema, desviando de suas regras, podem ter até seu caráter de humanidade contestado, conforme explicado por Butler: “a construção do gênero atua através de meios excludentes, de forma que o humano é não apenas produzido sobre e contra o inumano, mas através de um conjunto de exclusões, de apagamentos radicais” (BUTLER, 2000, p. 117).

O periódico *O Babado*, por estar envolvido com a militância da década de 1990, surge também dessa posição de preocupação com as violências decorrentes dessa dissidência do sexo-gênero, esse conjunto de exclusões e apagamentos radicais citados por Butler. Participando de uma trajetória de outros periódicos

preocupados em informar, discutir e questionar padrões da heterossexualidade compulsória, de papéis de gênero fixos e rígidos, e de violências de cunho homofóbico, *O Babado* produz representações, textos, imagens que questionam o estar na margem, que advocam pelo direito das pessoas que não se encaixam nas regras de viverem suas vidas com orgulho, sem serem vítimas de violência.

As capas podem nos dar dicas de algumas destas representações que são mais valorizadas: homens jovens, de pele clara e bronzeada, com músculos definidos, o que pode simbolizar um corpo saudável, com ótimo condicionamento físico. Podemos supor que estas imagens são utilizadas em contraste a representações ligadas a pessoas vivendo com HIV, principalmente produzidas por veículos de mídia sensacionalistas, onde corpos frágeis, magros e debilitados eram fotografados, reforçando a associação que a AIDS seria uma doença de gays (TREVISAN, 2018). Em uma leitura dialógica, as capas podem também ser entendidas como uma resposta a estes discursos, afirmando algo como: não somos fracos, frágeis e doentes, mas sim fortes, másculos e saudáveis.

Também parece haver um esforço para reafirmar a masculinidade e virilidade dos modelos, definindo certo padrão onde, mesmo com o desejo e prática sexual dissidentes, ainda se seguem prescrições normativas que homens devem ser masculinos, de acordo com normatizações do sistema sexo-gênero.

Como a desconstrução do gênero também é a sua construção (BUTLER, 2000; LAURETIS, 1994), esta operação pode criar novos ideais normativos e novas áreas de abjeção, pela definição dos padrões valorizados e modelos a serem evitados. Assim, corpos gordos ou magros demais, com deficiências, de pele negra, com traços de feminilidade aparente, com traços de envelhecimento, estariam excluídos destas representações, constituindo suas margens, o que Teresa de Lauretis chama de *Space Off* (LAURETIS, 1994, p.237). Por estarem em espaço normativo, estes corpos da capa podem também definir certos ideais de beleza, desejo, comportamento, que poderá ser buscado pelas pessoas interpeladas por tais representações.

Para Teresa de Lauretis (1994), a partir do momento que se tomam as representações como autorrepresentações, investimentos são feitos em condutas, procedimentos e práticas alinhados a elas, como modos de se mostrar, se vestir, se comportar, de desejar e de interagir, bem como vestuários, acessórios e bens. As representações das capas d'*O Babado* podem participar deste processo, em que as

peças criam comprometimentos emocionais e interesses nestas posturas de maior valorização, associadas a uma maior satisfação ou vantagem que tais posições possam ter, mas sem garantias de realmente acessá-las. (LAURETIS,1994, p.228) Esse processo pode ocultar o caráter imaginado ou construído de tais representações, fazendo as pessoas envolvidas nesse processo as interpretarem como reais, naturalizando-as, o que pode dificultar questionamentos e críticas sobre estas representações hegemônicas e as desigualdades pela assimetria que elas podem conter.

### **3.2 “...HEAD TO TOE LET YOUR WHOLE BODY TALK!” - O CORPO DENTRO DO PERIÓDICO.**

Nesse momento, podem surgir algumas perguntas. O periódico, sendo uma rede complexa de elementos como imagens, textos, publicidades, colunas de diversos autores, pode também trazer uma multiplicidade de representações. As representações no periódico dão suporte a esta construção de corpo presentes nas capas, ou questionam, valorizando a diversidade de outras maneiras de representar?

Para responder tais questões, foi feito um levantamento em algumas edições do periódico. Foram escolhidos os 3 primeiros números de cada um dos grupos: n.ºs 2 (outubro/1996), 3 (novembro/1996), 4 (dezembro/1996) e 10 (setembro/1997), 11 (outubro/1997) e 12 (novembro/1997). Neles, foram buscadas imagens que retratam corpos nas mais diferentes colunas, publicidades e momentos. Foram selecionadas 205 imagens. Para melhor entender o teor das imagens, algumas perguntas foram feitas e algumas categorias definidas: O corpo é de homem, mulher, ou não conseguimos determinar? O corpo segue o padrão da capa? Qual o tipo da imagem? Qual a proporção do espaço que ocupa na página? A ficha com o levantamento pode ser consultada no final do trabalho, no apêndice IV.

A utilização de categorias binárias como homem e mulher pode não dar conta de abranger toda a diversidade sexual e de gênero que *O Babado* possui em suas páginas. Por isso, foi inserida a categoria ambíguo, para englobar representações que não se enquadram nos padrões tradicionais ou que não conseguimos identificar visualmente em qual categoria classificar, ou caso se encaixe nas duas simultaneamente. De maneira paradoxal, essas categorias nos ajudam a entender

que tais classificações, mesmo que naturalizadas em diversos momentos da vida cotidiana, como o preenchimento de formulários ou a designação de pessoas apenas com o olhar nas ruas, por exemplo, são muito mais complexas do que aparentam. Como estamos fazendo este levantamento com uma representação mais alinhada a uma masculinidade normativa, tais categorias acabam se mostrando indispensáveis, mas elas não podem eclipsar toda a diversidade sexual e de gênero existente no periódico.

Das 205 imagens levantadas no total, 107 (52,2%) eram imagens de homens, 44 (21,46%) eram imagens de mulheres e 54 (26,34) foram classificadas como ambíguas, justamente por seu tensionamento nas duas outras categorias, ou pela ilegibilidade das imagens.

De todas as imagens categorizadas como de homens, as que seguem o padrão da capa, mostrando homens nus ou seminus, com cabelo curto, pouca barba, cabelos molhados, músculos definidos, são 93, e as que não seguem este padrão são apenas 14. Estas imagens são categorizadas em alguns grupos, para melhor entendermos o tipo delas (Fotografia, publicidade, ilustração, *clipart*), e a proporção do espaço que ocupam na página (Página inteira, meia página,  $\frac{1}{4}$ ,  $\frac{1}{8}$  e  $\frac{1}{16}$  de página). Considerando as 93 imagens que representam homens seguindo o padrão da capa, 44 são categorizadas como fotografias, utilizadas para ilustrar as colunas, 47 são anúncios de publicidade, apenas duas são ilustrações, e nenhuma *clip art*. As quantidades e categorias das imagens consideradas no levantamento podem ser melhor visualizadas no quadro a seguir.

**Tabela 1 - Quantidade de imagens consideradas no levantamento, distribuídas por categoria**

<b>Categorias</b>	<b>Total</b>	<b>Página inteira</b>	<b>Meia página</b>	<b>1/4 de página</b>	<b>1/8 de página</b>	<b>1/16 de página</b>	<b>Ícone pequeno</b>
<b>Homens</b>	108						
Que seguem o padrão da capa	94						
Fotografia	44	16	4	5	2	2	15
Publicidade	48	1	3	11	5	28	0
Ilustração	2	0	1	0	1	0	0
Que não seguem o padrão da capa	14						
Fotografia	10	0	2	1	1	2	4
Publicidade	2	0	0	1	0	0	1
Ilustração	2	0	0	1	0	0	1
<b>Mulheres</b>	43						
Que não seguem o padrão da capa	43						
Fotografia	26	3	3	4	6	7	3
Publicidade	10	0	0	0	6	4	0
Ilustração	7	0	0	0	2	1	4
<b>Ambíguas</b>	54						
Que seguem o padrão da capa	6						
Fotografia	6	0	0	2	2	1	1
Que não seguem o padrão da capa	38						
Fotografia	29	7	0	0	6	7	9
Ilustração	5	0	1	0	1	2	1
Clip art	4	0	0	0	1	0	3
Possuem o padrão indefinido	10						
Fotografia	10	4	2	0	0	2	2

Fonte: O Autor (2021)

As fotografias são utilizadas em grande quantidade no roteiro *One Way*, que as coloca em tamanho de página inteira. Esta coluna centralizava indicações de lugares para se frequentar, como bares, boates, cinemas, motéis, saunas e termas. Primeiramente focava em Campinas, São Paulo e Curitiba e, gradualmente

aumentou o número de cidades, tendo algumas edições especiais, como Salvador, Porto Alegre e Belo Horizonte, por exemplo.

Conforme a figura 26, o uso de fotografias em página inteira era uma característica da coluna, publicada sempre em preto e branco, onde a luz e sombra adquirem um aspecto fundamental para as fotografias. Utilizava-se ora uma luz mais difusa, para produzir sombras mais suaves, valorizando as diferentes texturas e definição da foto, ora luzes mais duras, que produzem sombras mais marcadas, mais expressivas e com maior contraste. As fotografias escolhidas para estarem nas colunas possuem um grande apelo ao erotismo. A referência a diversos elementos ligados ao BDSM<sup>38</sup> pode associar certo caráter transgressor a algumas das imagens. O uso de couro em roupas e acessórios, a utilização de correntes, botas e coturnos, chapéus de policiais, podem contribuir para a fantasia de algumas pessoas, mas também para marcar posições de dominação e submissão.

---

<sup>38</sup> A sigla BDSM significa Bondage, disciplina, dominação e submissão, e geralmente se refere a práticas que podem ou não ter teor sexual, onde os papéis de dominação e submissão são bem divididos e claros. Mais informações podem ser consultadas em (FACCHINI; MACHADO. 2013).

Figura 26 - Páginas do roteiro *One Way*

Fonte: Centro e Documentação Prof. Luiz Mott - Grupo Dignidade.

Das imagens da coluna que aparecem na amostragem, 3 delas mostram corpos femininos, uma delas com o busto de fora, e outras duas com espartilho. Em uma delas a modelo segura um dildo da cor preta em sua virilha, realçado pelo contraste com suas luvas brancas. Das 10 figuras masculinas que aparecem na amostragem, apenas duas possuem a pele negra, e ambos os homens aparecem em segundo plano nas composições, atrás de outro homem de pele clara.

Uma possível leitura para a associação entre a coluna e estas imagens com tom mais transgressor é a franqueza de se buscar o desejo, mesmo ultrapassando, rompendo algumas regras. Uma das mensagens que fica é que, para quem lê, basta ter coragem para buscar o seu próprio desejo, frequentando os lugares indicados no guia.



Outra categoria relevante no levantamento foi a de imagens publicitárias, já que elas ocupam uma parte considerável das páginas do periódico. Das 93 imagens, 47 são de anúncios que possuem homens alinhados com o padrão da capa, divididas entre anúncios que ocupam uma página inteira (1 anúncio), meia página (3 anúncios),  $\frac{1}{4}$  de página (10 anúncios),  $\frac{1}{8}$  de página (5 anúncios) e  $\frac{1}{16}$  de página (28 anúncios).

Um dos motivos para a grande quantidade de anúncios pode ser a venda dos espaços nas páginas para negócios interessados, o que gerava verba para a produção de novas edições do periódico. Nestas propagandas, a maior parte dos anúncios é de saunas, termas, bares e boates, e sua divulgação geralmente utilizava a presença de corpos que dialogavam com o modelo de corpo da capa. A grande amostragem de anúncios de  $\frac{1}{16}$  de página pode simbolizar o poder aquisitivo de tais negócios, que não teriam tanta verba para destinar na compra de espaços maiores.

Entre as imagens que aparecem nos anúncios, é comum a utilização de corpos fotografados com uma luz mais dura, o que produz sombras mais definidas e com bastante contraste. Criando o efeito de valorizar a definição dos músculos do corpo, estas sombras também são um recurso para ocultar os traços dos rostos dos modelos em algumas das fotografias. Outras estratégias para a esconder a fisionomia incluem a utilização de outros expedientes, como toalhas, a posição do modelo na fotografia, de costas, com a cabeça levantada ou com o braço sobre o rosto, além do emprego de elementos compositivos, como caixas de texto, ou até mesmo a retirada dele pelo enquadramento utilizado. Estes modelos-anônimos, com a face ocultada, são valorizados, então, pelo que resta na imagem, seus corpos com músculos definidos.

Esta estratégia pode acionar a projeção de quem lê, justamente por deixar aberta a identidade do modelo fotografado. Pode-se associar a imagem de alguém que goste e deseje, ou até mesmo a autoimagem no corpo do modelo, e essa fantasia pode estar colada à marca do local que anuncia. Assim, ao incorporar a representação dos anúncios como sua autorrepresentação, uma das mensagens que fica para quem lê acaba sendo “encontre sua fantasia conosco”.

Figura 27 - Colagem com alguns dos anúncios presentes no periódico O Babado. A proporção de tamanho entre os anúncios não é a mesma das páginas do periódico.



Fonte: Centro e Documentação Prof. Luiz Mott - Grupo Dignidade.

Outro fator para nos atentarmos é a concorrência das publicidades entre si, já que muitas delas anunciam negócios semelhantes, competindo por um público alvo similar. Aqui várias estratégias de diferenciação são utilizadas, como o destaque das marcas, a utilização de cores (como o amarelo e o vermelho), de fontes diferentes e chamativas, a utilização de *layouts* e diagramação inusitados.

Para a nossa amostragem consideramos apenas as que possuíam imagens de corpos em seus anúncios, porém, estes não são os únicos anúncios que

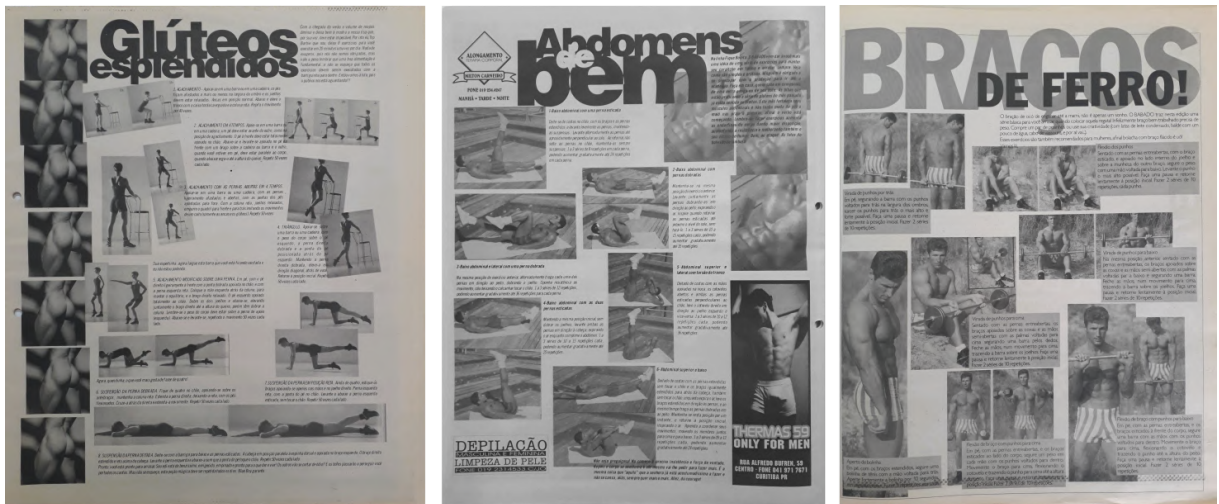
aparecem no periódico. Os anúncios variam entre salões de beleza, bares, matinês, clubes privês, grifes de calças jeans, restaurantes, cafés, lojas de fantasias, cursos de idiomas, agências de encontro e relacionamento, guias turísticos e agentes de viagem, estúdios de tatuagem e *piercing*, brechós, sebos, sex shops, locação de telões para eventos, revendedoras de preservativos, e até sites da internet, como os portais *Mix Brasil* e *Fun News*.

Para Adriana Nunan (2015), a publicidade nos periódicos LGBTQIA+ podem revelar uma lógica interna: alguns negócios por receio de, ao anunciar, também associar sua imagem a homossexuais, acabam não publicando e não destinando sua verba para os periódicos. Os anunciantes, geralmente, são ligados a locais já frequentados por homossexuais. Dependendo do periódico, a utilização mais desinibida de imagens com apelo erótico pode afastar alguns anunciantes, restando os negócios voltados para práticas sexuais, que também não podem ser veiculados em qualquer anúncio, aparecendo em maior quantidade nas páginas. Esse fato poderia ocasionar associações de certas parcelas da população com a promiscuidade, devido à maior frequência de tais anúncios.

Outros espaços que representam as figuras masculinas são as colunas de exercícios. Nestas, mais do que apenas mostrar, são ensinados métodos de como cultivar um corpo semelhante ao padrão da capa, através de séries de exercícios. Dos n.ºs analisados, apenas a edição n.º 2 (outubro/1996) não possui uma coluna voltada para atividades físicas que se preocupam com a forma do corpo.

Acompanhado de frases como “os outros vão se cortar de ódio”, “Os bofes passarão a perseguir você”, as séries simples de exercícios são incentivadas para desenvolver um corpo definido, uma boa aparência, o que seria um atrativo a ser admirado pelas outras pessoas, mais do que seus benefícios de saúde. As fotografias aqui servem tanto como guia dos tutoriais, mostrando o passo a passo, como objeto de desejo, mostrando o padrão específico de corpo da capa, e como certa garantia que os exercícios podem fazer efeito se praticados regularmente.

Figura 28 - Páginas com roteiros e guias de exercícios.



Fonte: Centro e Documentação Prof. Luiz Mott - Grupo Dignidade.

Quanto mais próximo ao corpo da capa, mais garantias são esperadas que a pessoa possa ter, sendo objeto de desejo, de ser procurada por outras pessoas interessadas, bem como acessar e desfrutar dos lugares indicados nos roteiros e anúncios. Assim, associa-se, de certa maneira, determinado padrão de corpo com determinados privilégios e, por exclusão, definem-se quais corpos não são tão valorizados, podendo sofrer com discriminações e exclusões.

Tais normatizações se intensificam, ainda, se considerarmos que elas se alinham com as próprias normatizações do sistema sexo-gênero. As prescrições de masculinidade hegemônica estão refletidas em tal padrão corporal e de comportamento, nas quais são valorizados homens que possuam características masculinas, e não apresentem traços de feminilidade. Homens gays com esse

padrão seriam, dentro dessa lógica, mais aceitos, justamente por não desestabilizarem e subverterem o sistema sexo-gênero com tanta intensidade.

Um local no periódico onde isso pode ser percebido com certa facilidade é na coluna “Contatos Imediatos”, disponível no periódico a partir da edição n.º 7 (abril/1997), onde leitores e leitoras enviavam cartas para estabelecer contato com outros leitores de diversas localidades diferentes. Geralmente o texto da carta envolvia uma breve descrição de si, com nome, idade, algumas vezes altura, peso, cor dos olhos e cor da pele. Também era comum as pessoas utilizarem as expressões “não afeminado”, ou “sem preconceito” para se descrever. As cartas ainda continham uma breve descrição de quem se espera que entre em contato. Aqui, repetem-se expressões como “Dispensso afeminados, drogados e viciados em sexo”, bem como a definição de um limite de idade para a correspondência, geralmente de no máximo de 30 a 40 anos. A efeminação acabava sendo percebida por algumas pessoas como algo negativo, tanto para ser quanto para se relacionar, o que acaba, mesmo no movimento LGBTQIA+, reproduzindo dinâmicas de repúdio e discriminação ao desvio das normas do sistema sexo-gênero, em que homens deveriam performar masculinidade.

Mesmo sendo um padrão normativo, aparecendo em diversos momentos pelas páginas, o corpo da capa não é o único que se mostra no periódico. Homens que não seguem este padrão aparecem dando entrevistas sobre suas habilidades com maquiagem, *Drag Queens* montadas aparecem em festas e paradas, lésbicas aparecem interagindo entre si, e diversas pessoas aparecem em fotos tiradas nas festas e baladas da cidade.

Da amostragem analisada, 44 dos corpos presentes nas imagens são definidos como mulheres. Estas imagens se dividem em dois grupos: as fotos que retratam lésbicas, geralmente nas colunas *Entre Amigas*, de Roseblue, e nas colunas *Falando sério*, de Regina Bottari, e as fotos que ilustram colunas como as *Veneno by matahari*, *Lulu Lurex Acontece*, *Neide Basfond*, e *Mandinga*, por *Nabila Kashogui*. As fotos destas colunas são utilizadas para retratar certos traços de identidade de quem escreve, associando feminilidade com a representação da persona construída nas colunas, conforme explorado no capítulo anterior.

Figura 29 - Algumas fotografias onde aparecem mulheres no periódico *O Babado*.

**Entre amigas**

As vezes é difícil entender o que a maioria das pessoas transforma nesta época de natal. Seriam as estratégias de marketing aliadas aos fortes apelos psicológicos em prol do consumismo sem arrependimentos, as responsáveis pelo aparecimento sazonal da fraternidade? Ou seria a tradição dos "amigos" do clube de gol que torna tudo isso possível? Mas não importa, o importante é fazer com que você seja feliz. Então, vamos esquecer as distâncias, os tempos e os limites do mundo que nos cerca e nos aproximamos.

Vamos também nos deitar e receber em certos momentos a visita de quem nos ama, mas que a ignorância dos "amigos", que constroem fortificações para se protegerem dos irmãos, nos impede de fazer a tentativa de aprisionar sentimentos.

Queridas amigas, vamos engravar nossos sapatos, as sandálias (ou um sapato e uma sandália) para entrarmos de pé direito em 1997.

Um delicioso beijo onde vocês desejarem.

**Entre amigas**

**ROSEBLUE**

Queridas amigas, mais uma vez, sigo solitária as trilhas entrecruzadas do homossexualismo feminino, em punhando a bandeira que é de todas nós. As vezes, esse silêncio e o conformismo de vocês me preocupam, mas logo me lembro: "Alegre-se Rose Blue, elas são "super" passivas... Talvez estejam sonhando em ganhar um lindo avental de cozinha". Colocando esta minha teoria em prática (que é sempre a melhor parte), escolhi entre mil assuntos de nosso interesse (previamente selecionados por mim, é claro) o grupo das "caçadoras", que vão de boite em boite a procura de algo especial, que amenize por algumas horas, a presença da nossa velha e conhecida solidão.

À vocês, a minha singela homenagem:

"Na manhã seguinte, procure seu cheiro na minha roupa...  
 Me lembrei dos seus olhos, do seu toque,  
 das suas mãos suaves e quentes segurando as minhas...  
 Lembrei dos seus cabelos longos, lindos...  
 do seu corpo solo, aparentemente livre,  
 vibrando ao som de um ritmo forte e grave,  
 bem parecido com o pulsar do meu coração...  
 Por alguns segundos, senti o seu gosto novamente em minha boca,  
 que desejava a quase em vão,  
 ser novamente marcada pelo seu batom."

**BOYS AND GIRLS ESCORT**  
**LOIROS - MORENOS - NEGROS**  
**FONE: 019 973.05**

**Entre amigas**

**ROSEBLUE**

Queridas amigas, estas feministas em receber cartas que me foram enviadas este mês. Não duvido que a mesma coisa é coisa de mulher e não melhor do que uma carta após a outra. Daí vem uma pessoa nasce traz consigo uma série de possibilidades que devem ser estimuladas no decorrer da vida. Porém, nada disso está definido e acabado. A definição virá no decorrer de sua vida, seja ela envolvendo uma infinidade de fatores, como herança genética, cirmica e influências do ambiente. Desde estas possibilidades de caminho, está toda sexualidade e uma dessas portas pode ser o caminho para o futuro.

O tempo constrói os rumos, impondo decisões, podendo como se o futuro representasse a continuidade da família e deturpando a individualidade.

A maioria dos psicanalistas temerosos as mudanças promovidas pelo feminismo e muitos deles refletem as problemáticas asserções de Freud sobre as mulheres. Outros, porém, continuam a tolerar e até defender a possibilidade da homossexualidade e da dança.

O livro "A Prática do Amor" (A Prática do Amor) de Teresa de Lambris, professora de História da Consciência na Universidade da Califórnia, constrói uma ponte entre a psicanálise freudiana e o pensamento feminista radical. Em lugar de rejeitar a ideia de perversão de Freud, de Lambris se reapropria dela, para que "perversão" signifique não o patológico, mas sim, o não, o heterossexual, para descobrir os componentes da fantasia libélica. Para de Lambris, o verdadeiro objeto do desejo libélico é outra mulher e não a figura materna. Ela também perdeu do que não encontra um componente do feticheísmo das mãos e gestos masculinizados, porque roupas masculinas representam a falta, mas porque em nossa tradição cultural a masculinidade da sabinha conota o desejo pelo corpo feminino. De Lambris contesta a ideia de que as libélicas admitem de um "Complexo de Masculinidade" devido a um possível sentimento de "castração" pela ausência de pênis.

A iluminação das fantasias que tornam o desejo libélico característico não necessariamente requer o conhecimento de toda a sexualidade.

**PRA VOCÊ QUE ENTENDE DE AMOR**

TRIPLEX COM TETO SOLAR ELETRÔNICO  
 HIDROMASSAGEM E SAUNA  
 TV E VIDEO  
 AR CONDICIONADO QUENTE E FRIO  
 SOM AMBIENTE  
 COMPLETO SERVIÇO DE BAR  
 COZINHA A LA CARTE

**Styllus**  
**MOTEL**

**BÔNUS 20% OFF**

RODOVIA CAMPINAS MOGI-MIRIM KM 5 - PRÓXIMO AO THE CLUB FONE 019 2543279

Existem lésbicas com AIDS?

Fonte: Centro e Documentação Prof. Luiz Mott - Grupo Dignidade.

Nas Colunas de Regina Bottari e Roseblue são abordadas questões relacionadas a vivências de mulheres lésbicas, como as de conquista, romance, fim de relacionamento, convivência com outras mulheres, com o machismo e a homofobia presentes na sociedade. As fotografias que ilustram tais colunas visam

retratar estes momentos, mostrando mulheres se relacionando entre si, ora de maneira mais carinhosa e romântica, ora de maneira mais explícita e erótica.

As mulheres representadas possuem, em sua maioria, pele clara, corpos magros, esguios, e são jovens. Quando aparecem, os peitos são pequenos. O corpo feminino não ganha tanto destaque nas páginas da publicação, já que a ênfase maior é dos corpos masculinos, geralmente seminus. Mas quando aparecem, causam certo impacto, devido ao contraste com os corpos masculinos. Parecem também reforçar determinado padrão de revistas eróticas, construindo visualidades pautadas no prazer masculino.

Já nas colunas *Veneno by mata hari*, *Lulu Lurex Acontece*, *Neide Basfond*, e *Mandinga*, por *Nabila Kashogui*, o registro das fotografias parece ser outro, utilizando fotografias de personagens femininas, como a medusa, a hera venenosa e mulher gato, ou pela utilização de fotos de modelos de desfile de moda, vestidas com roupas elegantes e modernas. A feminilidade aqui é valorizada pelas imagens que evocam características associadas à fantasia, ao uso do poder, à vingança, ao mistério, à elegância e ao requinte, e espera-se que estes atributos contribuam para a definição do tom da coluna, juntamente com outros recursos gráficos de design, como as paletas de cores, utilização de tipografias mais expressivas, formatação do texto e posição na página. Todos estes elementos acabam criando noções sobre a identidade de quem escreve.

As *Drag queens* podem ser consideradas homens que utilizam de maquiagem, vestuário e acessórios para se vestir de mulher, com finalidades performáticas, algumas vezes artísticas e profissionais, o que não limita a sua atuação em outros lugares e com outras finalidades, como a ludicidade, por exemplo (SANTOS, 2014). São conhecidas por possuir habilidades em diversas áreas, como a comédia, a dança e o canto, o trato com o público e a atuação artística e performática. O equivalente masculino de *Drag queen* seria *Drag king*, onde mulheres se vestem como homens, adotando características de masculinidade no seu agir.

Na amostragem analisada, aparecem em 20 imagens, principalmente em 3 momentos: na coluna “Homo faz homo mostra”, onde são entrevistadas com perguntas e respostas rápidas, no intuito de quem lê conhecer um pouco mais sobre a performer; na coluna “Na celulite di polly / Kaká rolando”, assinada pela *drag queen* paulista Kaká di polly ;, e na sessão *The best night queer entertainment /*

Ferveção queer by Blueboy, onde são comentados os acontecimentos nas boates e festas, com algumas fotos publicadas.

Figura 30 - Páginas da coluna *The best night queer entertainment / ferveção queer*.



Fonte: Centro e Documentação Prof. Luiz Mott - Grupo Dignidade.

A imagem das *drag queens* no periódico parece estar associada ao entretenimento e às festas, sendo reconhecidas por suas habilidades de fazer shows, produzir bons acessórios e vestimentas, bem como possuir habilidades técnicas apuradas na maquiagem. Assim, acabam sendo atrações para as boates, podendo ser convidadas para performar, apenas interagir com outras pessoas, ou



até mesmo recepcionar os clientes de uma noite mais movimentada. Algumas, como a própria Kaká di Polly, Silvetty Montilla, Dimmy Kieer, Marcia Pantera, entre outras, acabam sendo conhecidas em diversas cidades do país, recebendo maior destaque e participando de eventos maiores, algumas vezes, participando até de programas de auditório na televisão, sendo valorizadas como celebridades locais.

Para Judith Butler (2017), a performance de uma *drag* queen pode, através das paródias às normas do sistema sexo-gênero, possuir um grande potencial subversivo, justamente por expor o caráter construído das identidades de gênero. “Ao imitar o gênero, a *drag* revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero - assim como sua contingência” (BUTLER, 2017, p.237). Através das performances, a própria naturalidade de tais categorias é dramatizada, colocando em questão os essencialismos ligados à própria construção das categorias hegemônicas. Sendo paródias, embora não utilizem um original para a imitação, parecem satirizar a própria certeza de uma originalidade nestas posições hegemônicas.

O periódico, sendo uma rede complexa de produção de significados, também possui uma grande pluralidade de representações. Mesmo algumas delas possuindo uma centralidade maior dentro das páginas do periódico, coexiste uma diversidade de outras que, consideradas na totalidade do periódico, ora reforçam, ora questionam normatizações de gênero. Considerando que a desconstrução do gênero também é sua criação, é através do investimento em determinados padrões que outras possibilidades de corpos e de maneiras de ser acabam sendo desvalorizadas, algumas vezes, atualizando opressões e discriminações.

Uma das problemáticas é quando este padrão se torna a única maneira valorizada, em detrimento de toda uma diversidade de identidades e investimentos possíveis. O que Butler chama de “unidade do gênero” (2017, p.67) é uma prática regulatória, que funciona através da exclusão de identidades e posicionamentos que não se adéquam às normatizações de determinado padrão.

Para a pesquisadora Catarina Rea (2017), utilizando os estudos *queer of colour critique*, ao considerar a figura do gay branco de classe médica como modelo universal de homossexualidade, acaba-se apagando uma miríade de experiências de vida, diferentemente posicionadas justamente pelos cruzamentos de outras vivências de opressões e diversos sistemas de violência presentes na sociedade. Essa suposta unidade universal de experiência da homossexualidade é chamada

pela pesquisadora de homonormatividade, e deve ser criticada por perspectivas que não foquem apenas no gênero e na sexualidade, mas pela variedade de diferentes instâncias que regula as vivências em sociedade.

As representações da capa d'*O Babado* dialogam com esta unidade de gênero, buscando se afastar de representações consideradas pejorativas, preconceituosas e homofóbicas, contrapondo-se ao estereótipo de que pessoas gays são marginais, doentes, promíscuas, pecadoras, escandalosas e afeminadas (ou masculinizadas no caso de lésbicas). Contudo, o fazem pela reprodução de outro padrão normatizante, em que homens têm de ser masculinos, desenvolvendo força física, e terem por objeto de desejo homens igualmente masculinos. Espaços de subversão e liberdade eram possíveis, mas, apenas na vida noturnas das festas e boates.

Assim, foram excluídos gays e lésbicas negros, amarelos, pessoas com deficiência, corpos gordos, gays afeminados demais ou lésbicas masculinas demais, travestis e pessoas que não se enquadrassem nos binarismos de gênero. São estas identidades posicionadas nas margens que, segundo Butler, podem oferecer uma possibilidade de ruptura de postulações unívocas (2017, p.68), valorizando a pluralidade e as diferenças, não só da sexualidade, mas de raça, classe, capacidade física, faixa etária, padrão corporal, entre outras características.

Para Rea e Amâncio, essa universalidade da experiência acaba sendo prejudicial, principalmente se for a única considerada na definição de políticas públicas, já que é uma universalidade excludente. Segundo as autoras:

Direitos LGBT como o casamento gay, a homoparentalidade ou a visibilidade são, sem dúvida, direitos muito importantes, mas é preciso ter em conta a multiplicidade interligada das relações de poder que existem, também, no seio da própria comunidade LGBT. (REA, AMANCIO, 2018, p.22)

A própria sigla da comunidade LGBTQIA+ é um reflexo da busca para contemplar, ao máximo, toda uma diversidade de experiências diferentemente posicionadas na dissidência sexual e de gênero, que devem ser igualmente consideradas não só no desenvolvimento de políticas públicas, mas, também, nos espaços de visibilidade e no acesso aos conhecimentos técnicos e aparatos que permitam exercer esse potencial democrático de modo mais abrangente.

O periódico *O Babado*, mesmo de maneira indireta, também fez parte destas redes, estabelecendo diálogo com diversos grupos do movimento LGBTQIA+ da

época, promovendo e participando de eventos, encontros, noticiando conquistas e lutas nas instâncias governamentais dos direitos das minorias sexuais e de gênero. Por ser um periódico informativo do Grupo *Expressão*, fez a mediação entre tais notícias e debates com seus leitores e leitoras, e essa mediação também foi influenciada pelos valores e práticas inseridos no periódico através das escolhas técnicas de sua produção.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, após todo o percurso da pesquisa, podemos entender melhor como o periódico *O Babado*, informativo do *Grupo Expressão*, participa das redes de sociabilidade LGBTQIA+, sendo um importante veículo para notícias, conquistas do movimento, ações dos diversos grupos e ONGs, contribuindo para a sociabilidade de pessoas destas parcelas da população na época. Em suas páginas, em meio a fotografias sobre os acontecimentos da noite, a colunas de opinião e de comportamento, a anúncios publicitários, são construídas representações que contribuíram para as identificações que suas leitoras e leitores poderiam ter.

Analisando, nas capas do periódico *O Babado* (Campinas, 1996-1998), como o design gráfico é utilizado como tecnologia de gênero que influencia na construção de noções sobre o corpo em seus leitores, percebemos que o design não é uma profissão neutra, mas que através de escolhas técnicas valores são traduzidos em códigos técnicos: harmonias cromáticas, sistemas de impressão, tipos de fotografias, enquadramentos, iluminação, tipografias, *grids* de composição, dimensões e tipo de papel. Estes elementos comuns no dia a dia da profissão, combinados nas páginas do periódico segundo o projeto gráfico, fazem parte dos complexos processos de construção de sentidos em seus leitores e leitoras sobre suas identificações, suas subjetividades, sobre seus corpos, e sobre suas práticas cotidianas, valorizando algumas delas em detrimento de outras. Essa valorização pode, de maneira complexa e até contraditória e conflituosa, ora reafirmar posicionamentos normativos, aproximando-se dos impostos pela heterossexualidade compulsória, ora desafiá-los e questioná-los, produzindo representações em que outras formas de ser e agir são possíveis, e comportamentos normativos acabam sendo alvo de sátiras, ironias e crítica.

Situado em um contexto de florescimento do movimento homossexual e emergência de diversos grupos e iniciativas para pessoas LGBTQIA+, o periódico acaba se tornando também o testemunho de algumas destas iniciativas, registrando em suas páginas através de notícias, comunicados, colunas e fotografias, acontecimentos relevantes para o momento, contribuindo para a construção de visões de mundo das pessoas destes grupos. Dialoga também com instâncias mais amplas das vivências em sociedade, veiculando propostas de novas maneiras de

ser e agir, alinhadas com este momento histórico, relacionando-se com normatizações presentes na sociedade, não só das identidades sexuais e de gênero, mas também das identidades ligadas à classe, raça e etnia, religião, idade, tipo físico, entre outras identificações possíveis.

De maneira complexa, e até mesmo paradoxal, o periódico mobilizou, através de elementos do design gráfico, representações que influenciavam nas vivências diárias de suas leitoras e leitores. Também contribuiu na circulação de informações sobre comportamento, bem-estar, conscientizando sobre os perigos do HIV e de outras IST's. Sendo editado por um dos grupos do movimento LGBTQIA+, compartilhou informações sobre a atuação de diversos grupos da militância na busca por direitos civis.

O *Babado* também colocou em circulação novas imagens e narrativas sobre a homossexualidade, destoando de visões estereotipadas e caricaturescas, propondo representações mais positivas. Em suas páginas, memórias, sonhos, desejos, utopias foram nutridos, principalmente por pessoas que puderam se reconhecer em suas narrativas, percebendo-se parte de uma rede mais ampla, que envolvia homossexuais mobilizados por causas em comum em diversos lugares do país, dando acesso a possibilidades plurais de vivências, lutas e conquistas.

Os estudos ligados à memória do movimento LGBTQIA+ são uma área em crescimento e, portanto, possuem diversas lacunas, em especial ligadas à história dos impressos publicados pelos grupos e organizações. Assim, a dificuldade de encontrar fontes e informações sobre o periódico, seus colunistas e editores foi constante durante todo o decorrer da pesquisa. Espera-se que essa dissertação colabore, à sua maneira, para preencher algumas lacunas dessa história. A dificuldade de conhecer e acessar os acervos que guardam estes materiais também foi uma limitação, tanto por sua pouca divulgação, pelas dificuldades operacionais, financeiras e logísticas de preservar e manter os acervos disponíveis para o público, como, no caso específico do ano de 2020, pela pandemia de COVID-19 que dificultou ainda mais a consulta aos acervos devido às regras de distanciamento social.

Podemos considerar, então, que as explorações e pesquisas relacionadas à história do movimento LGBTQIA+, em especial aos materiais gráficos produzidos pelos grupos e organizações, devido a seu desconhecimento e dificuldade de acesso, são também oportunidades ricas de pesquisa. No centro de Documentação

Prof. Dr. Luiz Mott, do *Grupo Dignidade* podem ser consultados outros periódicos, como o *Folha de Parreira*, informativo do *Grupo Dignidade*, que possui suas edições preservadas desde seu lançamento, em 1992, bem como o periódico *Nós por Exemplo*, com edições de 1991 a 1994, também disponíveis para a consulta, possuindo poucas pesquisas a seu respeito. Estes materiais podem ser alguns exemplos de pesquisas a serem desenvolvidas.

Quanto ao informativo *O Babado*, essa dissertação deixou algumas perguntas em aberto: quem escrevia as colunas, muitas vezes utilizando pseudônimos? Onde podemos encontrar as primeiras edições, que não temos disponíveis no acervo do *CEDOC Prof. Dr. Luiz Mott*? Que outros tipos de representações suas colunas veiculam? Que histórias as fotografias e relatos das colunas que mostravam as festas do mês contam? Quem são as *drags* que aparecem nas fotografias? Como o periódico se inseriu nas vivências das pessoas, em especial das parcelas LGBTQIA+ que residiam em Campinas na época? Como o periódico pode ter participado de dinâmicas homonormativas, mostrando maneiras ideais de ser homossexual?

Quanto a articulações teóricas, fruto das discussões que esta dissertação propõe, podemos nos perguntar: Como podemos sistematizar metodologias que deem conta de analisar estes materiais, sem fixar categorias deterministas, ou sem negar o caráter político que as escolhas de design possuem na elaboração de tais materiais? Como as teorias do design podem valorizar estes materiais em suas complexidades e especificidades de criação e circulação? Como os estudos *Queer* podem nos ajudar a compreender a riqueza e a complexidade de tais materiais? Como abordagens interdisciplinares podem contribuir para gerar novas metodologias de análise e novas discussões que abarquem as especificidades dos estudos voltados para a história LGBTQIA+? A utilização de referências norte americanas tanto na fala e na escrita, com termos em inglês, ou a valorização de marcas, lojas, localidades, além de pessoas famosas do cinema e da música é bastante presente através das edições do periódico. podemos entender essa utilização como colonialista? Como podemos entender esse fenômeno dentro das vivências LGBTQIA+ da época?

Estes periódicos podem ser considerados como parte da história do design brasileiro? Não considerá-los como tal seria perder uma parte rica da história, onde parcelas da população utilizaram de experimentações gráficas para comunicar suas

visões de mundo, pautas de luta, sonhos e angústias. Através de projetos de design produzidos pelas populações LGBTQIA+, podemos conhecer como elementos do design e técnicas de construção de visualidades são utilizadas, ora questionando posicionamentos opressores e excludentes, ora reafirmando algumas posições mais alinhadas com valores normativos. Os estudos relacionados a esse questionamento são recentes, o que sinaliza um campo rico e cheio de oportunidade de pesquisas, ainda mais com o desenvolvimento e criação de acervos especializados em tais materiais.

São inúmeras perguntas, e cada uma delas pode direcionar para outras mais. Espera-se que esta dissertação possa contribuir para que algumas delas comecem a ser respondidas, e que estes campos de estudo possam se aproximar, valorizando e dando relevância para a história destas parcelas da população.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAL, Mieke. Análisis - Introducción: puntos de partida. In: BAL, Mieke. **Tiempos transtornados: análisis, historias y políticas de la mirada**. Madrid: Ediciones Akal, 2016, p. 19-55.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo : UNESP/Hucitec , 1990.

\_\_\_\_\_. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Forense Universitária; 5ª edição, 2010

BARROSO, Renato Régis. **Pajubá : o código linguístico da comunidade LGBT**. Dissertação - PPGLA Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras e Artes. Universidade do Estado do Amazonas, 2017. Disponível em <<http://repositorioinstitucional.uea.edu.br//handle/riuea/1945>>. Acesso em 20/03/2021

BUTLER, Judith. **Corpos que Pesam. sobre os limites discursivos do sexo**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p.

CAMPOS, Gisela Belluzzo de; LEDESMA, Maria. **Novas Fronteiras do Design gráfico**. São Paulo, Estação das letras e cores, 2011.

CANLI, Ece. **Design History Interrupted: A Queer-Feminist Perspective** In: HELVERT, Marjanne van. **The Responsive Object: A History of Design Ideology for the Future**. Amsterdam:Valiz. 2016. p. 187-208.

CARDOSO, Rafael. **Impresso no Brasil, 1808-1930: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora. 2009.



COLAÇO, Rita. **Os acervos históricos e a parca cultura de sua preservação.** 2011. Disponível em <https://memoriamhb.blogspot.com/2011/01/os-acervos-historicos-e-parca-cultura.html?view=timeslide>> Acesso em 26/08/2020.

DIGNIDADE, Grupo. **Sobre o grupo Dignidade - Grupo Dignidade.** Disponível em <<http://www.grupodignidade.org.br/o-grupo/>> Acesso em 25/09/2019

DU GAY, Paul. **Doing Cultural studies: The story of Sony Walkman.** London: Sage Publication, 1997.

FACCHINI, Regina. **"sopa de letrinhas"? - Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90: um estudo a partir da cidade de São paulo.** Capinas: Unicamp. 2002 Dissertação. Disponível em <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/282012>> Acesso em 09/03/2020

FACCHINI, Regina; MACHADO, Sarah Rossetti. **"Praticamos SM, repudiamos agressão": classificações, redes e organização comunitária em torno do BDSM no contexto brasileiro.** Sex., Salud Soc. (Rio J.) no.14 Rio de Janeiro. 2013. disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872013000200014&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1984-64872013000200014&script=sci_arttext&tlng=pt)> Acesso em 17/03/2021

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo - As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin.** Curitiba, PR : Criar edições, 2003.

FEENBERG, Andrew. **Racionalização Subversiva: Tecnologia, Poder e Democracia.** In: NEDER, Ricardo T. (org.) A teoria crítica de Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina / CDS / UnB / Capes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Technosystem: the social life of reason.** Cambridge, Massachusetts : Harvard University Press, 2017.

FORTY, Adrian. **Objetos de Desejo: design e sociedade desde 1750**. São Paulo, Cosac Naify. 2013

GREEN, James. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do Sec. XX**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GOLDMAN, Roger. **Pierre et Gilles**. GLBTQ Archives, 2015. Disponível em <[http://www.glbqtarchive.com/arts/pierre\\_gilles\\_A.pdf](http://www.glbqtarchive.com/arts/pierre_gilles_A.pdf)>. Acesso em 20/03/2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. p. 31-228.

\_\_\_\_\_. **Encoding/Decoding. Culture, Media, Language**. Working Papers in Cultural Studies, 1972-1979. London: Hutchinson, 1980.

LADO A. **Padre consultor do Vaticano afirma: alguns santos provavelmente eram homossexuais**. Disponível em <<https://revistaladoa.com.br/2017/09/noticias/padre-consultor-vaticano-afirma-alguns-santos-provavelmente-eram-homossexuais/>> Acesso em 23/02/2021

LAURETIS, Teresa De. **A tecnologia do gênero**. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242

LIMA, Andréa moreira. **Política Sexual: os direitos humanos lgbt entre o universal e o particular**. Belo Horizonte, MG: Relicário Edições, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LUPTON, Ellen. PHILLIPS, Jennifer Cole. **Novos fundamentos do Design**. São Paulo, Cosac Naify. 2008.

MARTIN, Marcel. **A linguagem Cinematográfica**. São Paulo: Brasiliense, 1990

MAUAD, Ana Maria. **Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX**, Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v. 13. n.1.p. 133-174.

NAKAMURA, Randy. **The grand unified theory of nothing: design, the cult of science, and the lure of big ideas**. in: HELLER, Steven; MICHAEL, Bierut; DRENTTEL, William. Looking closer. 5, Critical writings on graphic design. New York: Allworth Press. 2006. p. 03-08.

NOVA, Canção. **Santo do dia: São Sebastião**. Disponível em <<https://santo.cancaonova.com/santo/sao-sebastiao-defensor-da-igreja/>> Acesso em 12/03/2021

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2015.

OOST, Ellen Van. **Materialized Gender: How Shavers Configure the Users' Femininity and Masculinity**. In: OUDSHOORN, Nelly; PINCH, Trevor. How users matter: the co-construction of users and technologies. Massachusetts, 2003. The MIT Press. p. 193-208

PERÉT, Flavia. **Imprensa Gay no Brasil: entre a militância e o consumo**. São paulo, SP: Publifolha, 2011.

RAMOS, Jeferson. **A norma, os corpos e os prazeres: Moral sexual, tra(ns)vestilidades e "homossexualismo" no paraná dos anos 1970**.

Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências humanas, programa de pós graduação em história, Florianópolis, 2019. Dissertação.

REA, Caterina Alessandra; AMANCIO, Izzie Madalena Santos. **Descolonizar a sexualidade: Teoria Queer of Colour e trânsitos para o Sul**. Cad. Pagu, Campinas, n. 53, e185315, 2018. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332018000200507&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000200507&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 19/09/2020.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário**. Cadernos Pagu, n. 28, p. 19-54, jan.-jun. 2007.

SEFFNER, Fernando. **Derivas da masculinidade: representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: vozes, 2000.

SANTOS, Joseylson Fagner dos. **"Tupiniqueens": a invenção drag na cultura brasileira**. História Agora. São Paulo, n. 26, v. 1, p. 186-203, 2014

SOUSA, Rainer Gonçalves. **"Mata Hari"**; Brasil Escola, 2020. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/mata-hari.htm>. Acesso em 19 de setembro de 2020.

STURKEN, Marita; CARTWRIGHT, Lisa. **Practices of Looking: An Introduction to Visual Culture**. New York: Oxford University Press, 2001.

TEMIM, Roberto. **A transformação da tecnologia do design gráfico**. FAU USP, São Paulo, 2015. Dissertação. disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-18092015-160232/publico/FiNAL.pdf>> Acesso em 15/10/2019

TOITIO, Rafael Dias. **Cores e contradições: a luta pela diversidade sexual e de gênero sob o neoliberalismo brasileiro**. 2016. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/321973>>. Acesso em: 15/10/2019.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil da Colônia à Atualidade**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

WOODWARD, Katryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. in: SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: vozes, 2000. p.7-68

ZANOLI, Vinícius Pedro Correia, **Fronteiras da política : relações e disputas no campo do movimento LGBT em Campinas (1995-2013)**. 2015. Tese (doutorado) Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/279734/1/Zanoli\\_ViniciusPedroCorreia\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/279734/1/Zanoli_ViniciusPedroCorreia_M.pdf)>. Acesso em: 15/10/2019.

## **APÊNDICE I**

Lista de colaboradores *d'O Babado*. Na localização, A significa o ano, N o número da edição, e P a página onde aparece a coluna de tal colaborador ou colaboradora.

**Lista de colaboradores d'O Babado. Na localização, A significa o ano, N o número da edição, e P a página onde aparece a coluna de tal colaborador ou colaboradora.**

Colaborador (nome)	Coluna	localização				
Jairo Silva	editor chefe					
Mica	direção de arte					
Selma Padula	jornalista responsável (Mtb 24020)	a1 n2				
Eduardo gregory	jornalista especial					
Marcelo Barrocal	jornalista responsável	a2 n10				
ruy		a2 n10				
Paulo giacomini		a2 n10				
André Fischer		a2 n10				
Kaka Di Polly		a2 n11				
Elias lilikā		a2 n11				
Valdeck Junior	jornalista responsável (Mtb 616-SP)	a2 n15				
Nando Toscki	ferendo em sampa	a1 n2 p3				
Jurandi valença	Comportamento	a1 n2 p10				
Luiz Antonio Vadico	essa tal de religião	a1 n2 p16				
Regina Bottari	Falando sério	a1 n4 p13	a1 n5 p10	a2 n11 p3	a1 n11 p18	a2 n15 p9
Dj Marcio M.M.	music news	a1 n4 p16	a1 n5 p10			
virginia wolf	one way - roteiro queer					
Nabila Kashogui	Mandinga	a2 n11 p5				
andré fisher	cibermix	a2 n11 p17	a1 n11 p19			
Eduardo gregory	espaço Cult	a2 n11 p18	a1 n11	a2 n15 p6		
Glenio Braga	papo zen	a2 n11 p5				
Du Gregori	versace	a2 n11 p14				
kaka Di Polly	kaka rolando	a2 n11 p18	a2 n15 p14			
Marcelo Vaugrard	A queda do muro	a2 n11 p19				
Marta Supicly	8 de março de transição	a2 n15 p3				
Paulo mariante	tricôt básico - vange leonel	a2 n15 p6				
Claudia prashanti, iaci kellerman	papo zen	a2 n15 p9				
Luma Monteiro	travellons	a2 n15 p14				

## APÊNDICE II

Quadro com as colunas e reportagens presentes no periódico *O Babado*, organizadas por frequência de aparição.



**Colunas e reportagens presentes no periódico *O Babado*, organizadas por frequência de aparição.**

Coluna	Quantidade total durante as edições	Porcentagem	Observações
Editorial	14	100,0%	
Veneno	14	100,0%	Seção de fofocas, que durante as edições muda a colunista, alternando entre Matahari, Nabuza Caldas e Jaluza Vertigo.
The best night (Blueboy)	14	100,0%	Fotos e comentários das festas que aconteceram no mês.
Sex vídeos	14	100,0%	Indicações de filmes e vídeos pornográficos
Neide Basfond	14	100,0%	Seção humorística de resposta de cartas
Roteiro one way	13	92,9%	Roteiro com indicações de bares, boates, termas, cafés, de diversas localidades do Brasil
Homo faz, homo mostra (titã)	13	92,9%	Coluna apresentando as atrações da noite, com entrevistas de artistas da cena.
Lulu lurex acontece	13	92,9%	Coluna de moda
Bolsa de valores vavá up	11	78,6%	Comenta os comportamentos e acontecimentos valorizados (em alta) e os desvalorizados (em baixa)
Qual é o babado do leitor?	10	71,4%	Resposta de cartas enviadas para o editorial do periódico.
Contatos imediatos	9	64,3%	Seção de contatos para correspondência entre os leitores e leitoras, para amizades, encontros
Drops	8	57,1%	Pequenas curiosidades e notícias do mês
Falando Sério... (Regina Bottari)	8	57,1%	Coluna abordando diversos assuntos com maior seriedade
Cybermix (André Fisher)	7	50,0%	Atrações culturais de destaque na mídia
Espaço cult - eduardo gregori	7	50,0%	Indicações de livros, filmes, cafés, peças de teatro, entre outras atrações culturais
Kaka rolando	7	50,0%	Seção de fofocas
Guia de exercícios	6	42,9%	
Dicionário queer	6	42,9%	Seção com alguns significados de termos do

			Pajubá
Na celulite di polly	6	42,9%	Seção de fofocas
Roteiro cult	6	42,9%	Roteiro de atrações culturais
Acorda Alice (dicas segurança)	6	42,9%	Dicas de segurança
Guia de viagem (fedora tour)	5	35,7%	
Rosale vai às compras	5	35,7%	Seção de anúncios de lojas e brechós
Entre amigas	4	28,6%	Coluna Lésbica.
Mandinga (nabila kashogui)	4	28,6%	Coluna humorística de dicas esotéricas
Informativo ABGLT	3	21,4%	Informativo da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis.
É vip	3	21,4%	Coluna Social
Como anda a cabeça dos nossos pais?	3	21,4%	Série de artigos sobre a relação de mães e pais com seus filhos e filhas homossexuais
Em ebulição - sauna é diversão	3	21,4%	
Papo zen	3	21,4%	Dicas Esotéricas
Datababado	2	14,3%	Reportagens e pesquisas organizadas pelo periódico
Musical news	2	14,3%	Coluna Musical
Kraftwerk, os dinossauros da dance music	2	14,3%	Coluna Musical
Fique por dentro: parceria registrada	2	14,3%	Coluna com informações sobre a legalização da parceria civil entre pessoas homossexuais
tricot básico - vange leonel	2	14,3%	Coluna com informações sobre a legalização da parceria civil entre pessoas homossexuais
Homossexualismo e direitos humanos	1	7,1%	Direitos humanos
Como anda o movimento homossexual brasileiro	1	7,1%	Crítica a desarticulação do movimento homossexual brasileiro
Luiz Mott fala de gente que não faz	1	7,1%	Crítica a desarticulação do movimento homossexual brasileiro
Direito à diferença e cidadania	1	7,1%	Direitos humanos

Os franceses - el homossexualité	1	7,1%	
Parada lembra stonewall 25	1	7,1%	Memória LGBT+
Carta resposta a coluna gente que não faz	1	7,1%	
Camisinha com prazer	1	7,1%	Conscientização
Comportamento homossexual no Brasil	1	7,1%	Direitos humanos
Fique por dentro: direitos humanos das lésbicas	1	7,1%	
Você já fez seu teste anti-hiv	1	7,1%	
Mulheres no Corsa	1	7,1%	Referente a um dos grupos lésbicos de SP
De leste a oeste de norte a sul a onde agora é organizar o mu-mu	1	7,1%	Reportagem incitando a mobilização e engajamento no movimento homossexual brasileiro.
Comportamento	1	7,1%	
Todos negam	1	7,1%	
Ambiente transado	1	7,1%	
Eu nasci assim, eu cresci assim	1	7,1%	Reportagem de posituação da homossexualidade
E essa tal de religião? (da capa)	1	7,1%	
Chega mais...	1	7,1%	
Mix brasil para SP	1	7,1%	
Coisas de laurinha	1	7,1%	
Evolua!	1	7,1%	
I want your sex (da capa)	1	7,1%	
O guia sexo divertido	1	7,1%	Conscientização
Antes de assumir... saiba que (da capa)	1	7,1%	Direitos Humanos
Gente que nao faz / gente que faz	1	7,1%	

Como viver positivamente (HIV)	1	7,1%	Reportagem de conscientização
Os 10 truques das monas	1	7,1%	
União civil	1	7,1%	
Boy george: uma drag vencedora	1	7,1%	
Minutos de sabedoria	1	7,1%	
Babado no quartel	1	7,1%	
Agenda	1	7,1%	
Vai procurar sua turma	1	7,1%	Indicação dos grupos e ongs homossexuais da época
Estranhos companheiros de cama	1	7,1%	
Gay pride 97	1	7,1%	Movimento LGBT+ no Brasil
10 truques para não cair do salto	1	7,1%	
Versace	1	7,1%	
A queda do muro	1	7,1%	
As tias	1	7,1%	
8 de março de transição	1	7,1%	
Ex ex ex (Regina Botari e Maria Helena Freitas)	1	7,1%	
Mamma madonna	1	7,1%	Colunismo Social
Travellons (Luma Montenegro)	1	7,1%	
Ccomo matar uma bicha de ódio?	1	7,1%	Humor
Homoroscopo	1	7,1%	
Trans sexual - nascer homem, ser mulher	1	7,1%	

The Club - o ponto de encontro dos descolados de sampa e do interior	1	7,1%	Roteiro
A ferveção gay na internet	1	7,1%	Roteiro
O que você precisa saber para aquendar uma boquete?	1	7,1%	
Tattoo e piercing	1	7,1%	
Um espaço para todos	1	7,1%	Direitos humanos
U.D. foi uó	1	7,1%	
Como evitar ser assassinado (GGB)	1	7,1%	
Manhê!!! (Depoimento)	1	7,1%	
Negro gay	1	7,1%	
Guia prático da vida gay	1	7,1%	
Diário de um drogado	1	7,1%	
24 maneiras de amarrar seu bofe	1	7,1%	
Dia do orgulho gay - Gay Pride	1	7,1%	
Excluídas dos excluídos (Lesbica)	1	7,1%	
Sexo entre mulheres	1	7,1%	Conscientização de Saúde Para Lésbicas
As comunidades cristãs e os homossexuais	1	7,1%	
As várias minorias	1	7,1%	Direitos humanos
Você é fina?	1	7,1%	
Sex power men	1	7,1%	
Um mago chamado michelangelo	1	7,1%	
Dj's about	1	7,1%	
Mulheres de expressão	1	7,1%	

Que mona é essa?	1	7,1%	
------------------	---	------	--

### **APÊNDICE III**

Quadro com a quantidade e categorias das imagens consideradas no levantamento dos números 2 (outubro/1996), 3 (novembro/1996), 4 (dezembro/1996) e 10 (setembro/1997), 11 (outubro/1997), 12 (novembro/1997) do periódico O Babado.

Quantidade e categorias das imagens consideradas no levantamento dos números 2 (outubro/1996), 3 (novembro/1996), 4 (dezembro/1996) e 10 (setembro/1997),11 (outubro/1997),12 (novembro/1997) do periódico O Babado.

<b>Categorias</b>	<b>total</b>	<b>página inteira</b>	<b>meia página</b>	<b>1/4 de página</b>	<b>1/8 de página</b>	<b>1/16 de página</b>	<b>ícone pequeno</b>
<b>Homens</b>	108						
Que seguem o padrão da capa	94						
Fotografia	44	16	4	5	2	2	15
Publicidade	48	1	3	11	5	28	0
Ilustração	2	0	1	0	1	0	0
Que não seguem o padrão da capa	14						
Fotografia	10	0	2	1	1	2	4
Publicidade	2	0	0	1	0	0	1
Ilustração	2	0	0	1	0	0	1
<b>Mulheres</b>	43						
Que não seguem o padrão da capa	43						
Fotografia	26	3	3	4	6	7	3
Publicidade	10	0	0	0	6	4	0
Ilustração	7	0	0	0	2	1	4
<b>Ambíguas</b>	54						
Que seguem o padrão da capa	6						
Fotografia	6	0	0	2	2	1	1
Que não seguem o padrão da capa	38						
Fotografia	29	7	0	0	6	7	9
Ilustração	5	0	1	0	1	2	1
Clip art	4	0	0	0	1	0	3
Possuem o padrão indefinido	10						
Fotografia	10	4	2	0	0	2	2



#### **APÊNDICE IV**

Quadro com o levantamento realizado nos números 2 (outubro/1996), 3 (novembro/1996), 4 (dezembro/1996) e 10 (setembro/1997),11 (outubro/1997),12 (novembro/1997) do periódico O Babado.

Quadro com o levantamento realizado nos números 2 (outubro/1996), 3 (novembro/1996), 4 (dezembro/1996) e 10 (setembro/1997), 11 (outubro/1997), 12 (novembro/1997) do periódico *O Babado*, onde as imagens são identificadas com um código (construído seguindo a estrutura ano (a), número (n), página (p) e imagem (i)), bem como sua categorização nas perguntas relevantes para o levantamento, e uma breve descrição.

ano, número, página, imagem	onde aparece	homem, mulher, Ambíguo	segue o corpo padrão da capa?	tenciona normas de gênero?	tipo da imagem	espaço que ocupa na página	breve descrição
a1n2p1 i1	topo da coluna Lésbicas e AIDS	mulher	não		fotografia	ícone pequeno	duas mulheres se abraçando, co a em primeiro plano de costas
a1n2p2 i2	título da coluna de viagens, no lugar do M de amsterdam	homem	sim		fotografia	ícone pequeno	homem de costas, sentado sobre um apoio em formato fálico. a forma da figura lembra a letra M
a1n2p i3	coluna eleições 96	mulher	não		fotografia	ícone pequeno	fotografia de teresinha - PFL
a1n2p3 i4	coluna eleições 96	homem	não		fotografia	ícone pequeno	fotografia de elias lilikã - SP
a1n2p3 i5	coluna eleições 96	mulher	não		fotografia	meia página	Fotografia da mulher maravilha
a1n2p3 i6	título da coluna fervendo em sampa	ambíguo	não	drag	fotografia	ícone pequeno	drag vestida de estátua da liberdade
a1n2p4 i7	título da coluna fervendo em sampa	ambíguo	não	drag	fotografia	ícone pequeno	drag com peruca e boá
a1n2p4 i8	coluna veneno by matahari	mulher	não	bdsf	fotografia	1/16 de página	mulher com fantasia BDSM de mulher gato
a1n2p4 i9	publicidade stylus motel	homem	sim		publicidade	1/4 de página	dois homens deitados, abraçados, dormindo
a1n2p5 i10	roteiro one way	homem	sim		fotografia	meia página	homem em posição de submissão, de joelhos e com os braços presos por correntes
a1n2p6 i11	roteiro one way	homem	sim		fotografia	página inteira	homem com botas de latex até as coxas, luvas, cueca de couro e asas como as de morcego

a1n2p7 i12	the best night queer entertainment	ambíguo	inconclusivo		fotografia	página inteira	fotos de pessoas nas festas, coluna social
a1n2p7 i13	double face nightclub	homem	sim		publicidade	1/16 de página	foto focando no quadril e pernas de vários homens com shorts curtos e cuecas
a1n2p9 i14	coluna comportamento jurandy valença	ambíguo	não		fotografia	ícone pequeno	"henrique e cláudia campinas especialmente para república dos lobos"
a1n2p9 i15	luma é VIP	ambíguo	não	drag	fotografia	1/16 de página	foto, provavelmente de LUMA, em drag queen
a1n2p9 i16	rodapé, república dos lobos	mulher	não		publicidade	1/8 de página	mulher posando, no meio do nome da república dos lobos
a1n2p10 i17	chamado para anunciar no babado	mulher	não		publicidade	1/16 de página	mulher gata deitada, com balão de fala chamando para anunciar no periódico
a1n2p10 i18	Entre Amigas - rose blue	mulher	não	lésbicas	fotografia	1/8 de página	duas mulheres interagindo de maneira romântica
a1n2p11 i19	sex videos	homem	sim	gay	fotografia	ícone pequeno	Capa do filme aime,,, comme minet!
a1n2p11 i20	sex videos	mulher	não	lésbicas	fotografia	ícone pequeno	capa do filme girls girls girls
a1n2p11 i21	sex videos	homem	sim	gay	fotografia	ícone pequeno	capa filme jogos sexuais
a1n2p12 i22	na celule di polly	ambíguo	não	drag	fotografia	ícone pequeno	cabeça da drag kaká di polly
a1n2p12 i23	homo faz homo mostra	homem	não	sim	fotografia	1/16 de página	fotografia de victor piercing maquiado
a1n2p13 i24	lulu lurex acontece	ambíguo	não		fotografia	1/16 de página	fotografia de modelo sentada, com roupas esquisitas
a1n2p13 i25	república dos lobos	homem	não		publicidade	ícone pequeno	homem sentado
a1n2p13 i26	thermas germania	homem	sim		publicidade	1/16 de página	homem musculoso cobrindo o rosto com um braço, mostrando seus músculos.
a1n2p14 i27	roteiro cult	homem	não		fotografia	1/16 de página	3 homens com rostos com expressões de surpresa
a1n2p14 i28	studio G	homem	sim		publicidade	1/4 de página	homem sem camisa
a1n2p15 i29	Neide basfond	mulher	não		ilustração	ícone pequeno	mulher com bobes no cabelo, fumando e com bebidas na

							mão, com olheiras e sorriso no rosto
a1n2p15 i30	eu nasci assim	ambíguo	não		clip art	ícone pequeno	bebe feliz com pulseira e brinco
a1n2p15 i31	Rosale vai às compras	mulher	não		fotografia	1/16 de página	mulher pulando com os braços abertos
a1n2p16 i32	coluna e essa tal de religião	homem	sim		ilustração	1/8 de página	anjos brigando
a1n3p2 i1	glúteos esplêndidos	homem	sim		fotografia	1/8 de página	fotografia com bunda musculosa
a1n3p2 i2	glúteos esplêndidos	homem	não		fotografia	ícone pequeno	varias fotos com o passo a passo de exercícios
a1n3p3 i3	lulu lurex	mulher	não	drag	fotografia	meia página	drag vestida com o carro e com o cachorro
a1n3p4 i4	na celulite di polly	ambíguo	não	drag	fotografia	ícone pequeno	cabeça da drag kaká di polly esma de a1n2p12i22
a1n3p4 i5	a loca	mulher	não		publicidade	1/8 de página	ilustração com a rainha má de alice
a1n3p4 i6	homo faz homo mostra	ambíguo	não	drag	fotografia	1/16 de página	foto de paulete pink
a1n3p4 i7	tattoo e bodypiercing	mulher	não		ilustração	1/8 de página	ilustração de mulher virada de costas, com o anúncio escrito em suas costas
a1n3p5 i8	roteiro one way	homem	sim		fotografia	meia página	dois homens sem camisa se abraçando de forma sensual
a1n3p5 i9	salvation night house	homem	sim		publicidade	1/16 de página	homem negro nu em pose que lembra estatuas gregas
a1n3p5 i10	roteiro one way	homem	sim		fotografia	meia página	3 homens se segurando em pose com conotação sexual, vestidos com roupas de couro
a1n3p6 i11	chega mais - agências de encontro	homem	não		ilustração	1/4 de página	dois homens brindando, se olhando e tocando os pés, dentro da figura de um coração
a1n3p7 i12	reveillon, ferveção em alto mar	homem	sim		ilustração	meia página	dois homens com uniformes se abraçando, um deles com a mão na calça do outro
a1n3p8 i13	the best night queer entertainment	ambíguo	inconclusivo		fotografia	página inteira	fotos de pessoas nas festas, coluna social

a1n3p10 i14	entre amigas - roseblue	mulher	não	lésbicas	fotografia	meia página	duas mulheres nuas , uma com a cabeça no colo da outra
a1n3p10 i15	sex videos	ambíguo	inconclusiv o	bds	fotografia	ícone pequeno	capa do filme cub doma - 15
a1n3p10 i16	sex videos	homem	sim	gay	fotografia	ícone pequeno	capa do filme jack aroos
a1n3p10 i17	sex videos	ambíguo	inconclusiv o		fotografia	ícone pequeno	capa do filme noites paulistas 4
a1n3p10 i18	isabel cabeleireiros	homem	sim		publicidade	1/16 de página	homem levantando a camiseta e abaixando a cueca, mostrando o abdômen
a1n3p11 i19	Tudo a flor da pele	homem	sim		publicidade	1/8 de página	silhueta de homem, com o penis ereto, em uma moldura de buraco de fechadura
a1n3p11 i20	underground double face	homem	sim		publicidade	1/8 de página	homem visto de cima, mostrando os músculos
a1n3p11 i21	coluna como anda a cabeça de nossos pais?	ambíguo	não		fotografia	1/8 de página	casal caricaturizado
a1n3p12 i22	pesquisa data babado	homem	sim		fotografia	1/4 de página	homem musculoso em posição de fisiculturismo
a1n3p13 i23	drops	ambíguo	sim		fotografia	1/8 de página	peessoa mergulhando, com os pés esticados e a pele úmida
a1n3p14 i24	acorda alice	ambíguo	não		ilustração	meia página	personagem alice em um bar com varios homens
a1n3p14 i25	thermas germania	homem	sim		publicidade	1/16 de página	homem musculoso cobrindo o braço com um braço, mostrando seus músculos.
a1n3p15 i26	Evolua	ambíguo	não		ilustração	1/8 de página	linha do tempo com a evolução dos primatas, terminando com uma drag queen
a1n3p15 i27	monique é vip	ambíguo	não		ilustração	1/16 de página	ilustração estilizada de monique evans
a1n3p15 i28	supersex artigos eróticos	ambíguo	sim		fotografia	1/4 de página	itens de sexshop
a1n3p16 i29	roteiro cult	ambíguo	não		ilustração	ícone pequeno	mulher ou drag com expressão de espanto
a1n3p16 i30	la lupa	ambíguo	não		fotografia	ícone pequeno	marcia loureiro e reinaldo moratto

a1n3p17 i31	Neide basfond	mulher	não		ilustração	ícone pequeno	mulher com bobes no cabelo, fumando e com bebidas na mão, com olheiras e sorriso no rosto. a mesma de a1n2p15 i29
a1n3p17 i32	rosale vai às compras	mulher	não		fotografia	1/16 de página	mulher ou drag vestida elegantemente
a1n3p18 i33	safe sex	homem	sim		fotografia	página inteira	dois homens abraçados, um beija o outro, enquanto um deles morde uma maçã
a1n4p1 i1	homossexualismo e direitos humanos	homem	sim	gay	fotografia	1/16 de página	dois homens nus se abraçando e se beijando
a1n4p2 i2	coluna de viagens espanha	homem	sim		fotografia	página inteira	homem vestido de toureiro
a1n4p3 i3	abdomens de bem	homem	sim		fotografia	página inteira	tutorial de exercícios
a1n4p3 i4	thermas 59	homem	sim		publicidade	1/16 de página	homem de cueca com o braço levantado
a1n4p4 i5	drops	homem	sim		fotografia	meia página	homem de cueca branca
a1n4p5 i6	Em ebulição	homem	sim		fotografia	página inteira	homem de costas, nu e segurando uma toalha branca
a1n4p5 i7	thermas germânia	homem	sim		publicidade	1/16 de página	homem musculoso cobrindo o rosto com um braço, mostrando seus músculos. a mesma de a1n2p1i26
a1n4p5 i8	Antares sauna	homem	sim		publicidade	1/16 de página	homem nu, de costas, com asas de anjo
a1n4p6 i9	na celulite di polly	ambíguo	não	drag	fotografia	ícone pequeno	cabeça da drag kaká di polly esma de a1n2p12i22, mas com touca de natal
a1n4p6 i10	a loca	mulher	não		publicidade	1/8 de página	ilustração com a rainha má de alice. a mesma de a1n3p4i5
a1n4p6 i11	tattoo e bodypiercing	mulher	não		ilustração	1/8 de página	ilustração de mulher virada de costas, com o anúncio escrito em suas costas. a mesma de a1n3p4i7
a1n4p7 i12	guia one way	homem	sim		fotografia	página inteira	homem nu, de costas, com acessórios de couro
a1n4p8 i13	guia one way	mulher	não		fotografia	página inteira	mulher nua, com as mãos na cintura

a1n4p9 i14	the best night queer entertainment	ambíguo	inconclusiv o		fotografia	página inteira	fotos de pessoas nas festas, coluna social
a1n4p11 i15	Entre amigas - roseblue	mulher	não	lésbica	fotografia	1/4 de página	duas mulheres sem camisa se abraçando
a1n4p11 i16	r&r preservativos	homem	não		ilustração	ícone pequeno	ilustração de homem colocando a camisinha
a1n4p11 i17	isabel cabeleireiros	homem	sim		publicidade	1/16 de página	foto mostrando o peito e barriga de um homem
a1n4p12 i18	Tudo a flor da pele	homem	sim		publicidade	1/8 de página	silhueta de homem, em uma moldura de buraco de fechadura, mas o penis ereto foi ocultado. mesmo da a1n3p11i19
a1n4p12 i19	supersex artigos eróticos	ambíguo	sim		fotografia	1/4 de página	itens de sexshop
a1n4p12 i20	falando sério - regina botari	mulher	não		fotografia	1/8 de página	mulher sentada e uma banqueta
a1n4p13 i21	lulu lurex	ambíguo	não	drag	fotografia	1/8 de página	série de 4 imagens, uma drag ou modelo, uma pessoa gritando, uma pessoa ajeitando uma calcinha ou cueca transparente, e outra modelo drag
a1n4p14 i22	como anda a cabeça dos nossos pais	ambíguo	não		fotografia	1/8 de página	fotografia em referência a maria, josé e jesus cristo
a1n4p14 i23	underground double face	homem	sim		publicidade	1/8 de página	homem visto de cima, mostrando os músculos. a mesma de a1n3p11 i20
a1n4p15 i24	roteiro cult	ambíguo	não	drag	fotografia	ícone pequeno	duas apresentadoras (drags) performando
a1n4p15 i25	roteiro cult	ambíguo	não		fotografia	ícone pequeno	dois bebês com asa de anjo
a1n4p16 i26	dicionário queer	ambíguo	não	drag	fotografia	1/16 de página	drag sentada, apoiando o rosto na mão
a1n4p16 i27	sex videos	homem	sim	gay	fotografia	ícone pequeno	capa do filme js big time
a1n4p16 i28	sex videos	homem	sim	gay	fotografia	ícone pequeno	capa do filme for you vol. 4
a1n4p16 i29	sex videos	ambíguo	sim		fotografia	ícone pequeno	seventeen vol 23

a1n4p17 i30	veneno by nabuza caldão	mulher	não		ilustração	1/16 de página	pintura de pierre et gilles - medusa zuleika
a1n4p17 i31	10 truques das monas	ambíguo	sim		fotografia	1/16 de página	fila de homens apenas de cueca, e no final uma pessoa vestida de menina, com vestido e boneca
a1n4p17 i32	thermas opinião	homem	sim		publicidade	1/16 de página	três homens interagindo, sem camiseta
a1n4p17 i33	gherows models	homem	sim		publicidade	1/16 de página	homem de cueca, molhado, e olhando o espectador
a1n4p18 i34	Neide basfond	mulher	não		ilustração	ícone pequeno	mulher com bobes no cabelo, fumando e com bebidas na mão, com olheiras e sorriso no rosto. a mesma de a1n2p15 i29
a1n4p18 i35	rosale vai às compras	mulher	não		fotografia	1/16 de página	mulher ou drag vestida elegantemente. a mesma de a1n3p17 i32
a1n4p18 i36	thermas fragata	homem	sim	gay	publicidade	1/16 de página	dois homens vestidos de marinheiro se beijando
a1n4p18 i37	bechó obsequio	ambíguo	não		ilustração	1/16 de página	pessoa de máscara, apenas com olhos a vista
a1n4p19 i38	união civil	homem	sim		fotografia	página inteira	dois homens sorrindo e se abraçando, com aliança no dedo
a1n10p1 i1	carta resposta a coluna gente que não faz	mulher	não	sim - vestuário	fotografia	1/4 de página	mulher fazendo gesto obscuro
a1n10p2 i2	falando sério - regina bottari	mulher	não		fotografia	1/8 de página	duas mulheres gritando uma com a outra
a1n10p2 i3	thermas germania	homem	sim		publicidade	1/16 de página	homem nu secando os cabelos
a1n10p2 i4	maxfly	homem	sim		publicidade	1/8 de página	homem com asas de morcego. a mesma foto utilizada no guia one way
a1n10p3 i5	drops	homem	sim		fotografia	página inteira	homem com calça branca tampando os olhos
a1n10p3 i6	drops	homem	não		fotografia	1/8 de página	homem de costas com camisa branca com os escritos "gay activist since 1943"



a1n10p5 i7	contatos imediatos	homem	sim	gay	fotografia	1/4 de página	dois homens, um abraçando o outro
a1n10p5 i8	thermas 59	homem	sim		publicidade	1/16 de página	homem musculoso, nu, acariciando o próprio corpo
a1n10p5 i9	thermas fragata	homem	sim	gay	publicidade	1/16 de página	dois homens vestidos de marinheiro se beijando. o mesmo de a1n4p18 i36
a1n10p5 i10	cine cairo	homem	sim		publicidade	1/16 de página	homem de costas, nu
a1n10p5 i11	r&r preservativos	homem	sim	gay	publicidade	1/16 de página	dois homem se tocando, como se lutassem, a mesma de a1n5p14 i34
a1n10p5 i12	thermas le rouge 80	homem	sim		publicidade	1/16 de página	ilustração de homem com uma toalha na cintura
a1n10p5 i13	tattoo e bodypiercing	mulher	não		publicidade	1/8 de página	ilustração de mulher virada de costas, com o anúncio escrito em suas costas. a mesma de a1n3p4i7
a1n10p7 i14	veneno by matahari	mulher	não		fotografia	1/8 de página	foto da hera venenosa
a1n10p7 i15	lulu lurex	ambíguo	inconclusivo		fotografia	1/16 de página	série de fotos da coluna lulu lurex com ensaios de moda
a1n10p7 i16	red point	homem	sim		publicidade	1/4 de página	homem musculoso com as mãos na cintura
a1n10p8 i17	vai procurar sua turma	homem	sim		fotografia	1/16 de página	grupo de homens
a1n10p8 i18	estranhos companheiros de cama	ambíguo	sim		fotografia	1/8 de página	homem e mulher nus, frente a frente
a1n10p9 i19	gay pride 97	ambíguo	não	drag	fotografia	página inteira	drag queen e pessoas na parada gls de 97
a1n10p10 i20	lulu lurex acontece	ambíguo	não		fotografia	1/8 de página	fotos da coluna lulu lurex, com ensaios de moda
a1n10p11 i21	ferveção queer	ambíguo	não		fotografia	página inteira	fotos das festas da época
a1n10p12 i22	homo faz homo mostra - hakan	homem	sim		fotografia	1/4 de página	fotos do modelo hakan, em vários looks diferentes
a1n10p12 i23	homo faz homo mostra - rupaul	ambíguo	não	drag	fotografia	1/16 de página	foto da drag queen rupaul
a1n10p13 i24	kraftwerk	ambíguo	inconclusivo	cyborg	fotografia	meia página	foto de boneco, meio robótico

a1n10p14 i25	homo faz homo mostra - veronika	ambíguo	inconclusiv o	drag	fotografia	página inteira	foto de veronika, drag
a1n10p15 i26	bolsa de valores	mulher	não		fotografia	1/4 de página	mulher de costas, segurando uma bolsa
a1n10p15 i27	sex videos	homem	sim	gay	fotografia	ícone pequeno	capa do filme call of the wild
a1n10p15 i28	sex videos	homem	sim	gay	fotografia	ícone pequeno	capa do filme major cock
a1n10p15 i29	sex videos	homem	sim	gay	fotografia	ícone pequeno	capa do filme red hot
a1n10p15 i30	tudo a flor da pele	mulher	não		publicidade	1/16 de página	silhueta em preto de uma mulher agachada
a1n10p16 i31	fique por dentro - parceria registrada	homem	sim		fotografia	1/8 de página	dois homens de calça jeans, sem camisa, sentados no chão
a1n10p16 i32	cybermix	ambíguo	não		clip art	ícone pequeno	montagem com um homem em armadura futurista
a1n10p16 i33	cybermix	ambíguo	não		clip art	1/8 de página	montagem com uma mulher em armadura futurista
a1n10p17 i34	espaço cult	ambíguo	não		fotografia	página inteira	mulher mostrando os pulsos
a1n10p18 i35	espaço cult	homem	não		fotografia	ícone pequeno	metade da cabeça de um homem com chapéu da marinha
a1n10p19 i36	roteiro one way	homem	sim		fotografia	página inteira	homem sem camisa close em seu peito
a1n10p20 i37	roteiro one way	mulher	não	bdsm	fotografia	página inteira	mulher com espartilho, suas duas mãos em torno de um dildo
a1n10p21 i38	ferveção queer	ambíguo	não		fotografia	página inteira	fotos das festas da época
a1n10p22 i39	pernas pra que te quero	homem	sim		fotografia	página inteira	tutorial para ter pernas torneadas
a1n11p2 i1	angels	homem	sim		publicidade	página inteira	homem contra a luz, com asas de anjo
a1n11p3 i2	espaço cult	homem	não		fotografia	meia página	robin
a1n11p4 i3	artigos eróticos super sex	homem	sim		publicidade	1/4 de página	dois modelos de cueca branca

a1n11p5 i4	veneno by matahari	mulher	não		fotografia	1/16 de página	modelo de peruca branca
a1n11p6 i5	sauna 520	homem	sim		publicidade	1/4 de página	homem nu se refrescando com mangueira
a1n11p7 i6	red point	homem	sim		publicidade	1/4 de página	homem musculoso com as mãos na cintura. o mesmo de a1n10p7 i16
a1n11p8 i7	club fenix	homem	sim		publicidade	meia página	homem com camisa entreaberta
a1n11p8 i8	tattoo e bodypiercing	mulher	não		publicidade	1/8 de página	ilustração de mulher virada de costas, com o anúncio escrito em suas costas. a mesma de a1n3p4i7
a1n11p9 i9	contatos imediatos	homem	sim		fotografia	1/4 de página	homem abraçando cachorro
a1n11p9 i10	thermas 59	homem	sim		publicidade	1/16 de página	homem musculoso, nu, acariciando o próprio corpo. a mesma de a1n10p5 i8
a1n11p9 i11	thermas fragata	homem	sim	gay	publicidade	1/16 de página	dois homens vestidos de marinheiro se beijando. o mesmo de a1n4p18 i36
a1n11p10 i12	cine cairo	homem	sim		publicidade	1/16 de página	homem de costas, nu. o mesmo de a1n10p5 i10
a1n11p10 i13	r&r preservativos	homem	sim	gay	publicidade	1/16 de página	dois homem se tocando, como se lutassem, a mesma de a1n5p14 i34
a1n11p11 i14	ferveção queer	ambíguo	não		fotografia	página inteira	fotos das festas da época
a1n11p11 i15	thermas germania	homem	sim		publicidade	1/16 de página	homem com toalha no ombro
a1n11p13 i16	roteiro one way	homem	sim		fotografia	página inteira	homem musculoso lambendo o bíceps
a1n11p14 i17	braços de ferro	homem	sim		fotografia	página inteira	tutorial de exercícios
a1n11p15 i18	versace	homem	não		fotografia	ícone pequeno	foto de versace
a1n11p16 i19	homo faz homo mostra - rupaul	ambíguo	não	drag	fotografia	página inteira	foto de rupaul segurando um bebe
a1n11p17 i20	sex videos	homem	sim	bdsm	fotografia	ícone pequeno	capa do filme a penitência
a1n11p17 i21	sex videos	homem	sim		fotografia	ícone pequeno	capa do filme butt show

a1n11p17 i22	sex videos	homem	sim	gay	fotografia	ícone pequeno	capa do filme hungary for man - kristen bjorn
a1n11p17 i23	tudo a flor da pele	mulher	não		publicidade	1/16 de página	silhueta em preto de uma mulher agachada. a mesma de a1n10p15 i30
a1n11p18 i24	qual é o babado do leitor	homem	sim		fotografia	página inteira	homem nu segurando uma toalha branca
a1n11p19 i25	kaká rolando	ambíguo	não	drag	fotografia	1/16 de página	foto de kaká di polli montada, a mesma de a1n10p9 i19
a1n11p19 i26	falando sério - regina botari	mulher	não		fotografia	1/8 de página	mulher jogando sinuca
a1n11p20 i27	cybermix	mulher	não	cyborg	ilustração	ícone pequeno	cyborg
a1n11p21 i28	As tias	homem	não	drag	fotografia	1/4 de página	três homens velhos vestidos de menina
a2n12p2 i1	copenhagen	homem	sim		fotografia	página inteira	homem vestido de roupão
a2n12p3 i2	qual é o babado do leitor	homem	sim		fotografia	página inteira	homem com jaqueta de couro sem camisa
a2n12p4 i3	nabila kashogui - mandinga	mulher	não		fotografia	1/16 de página	cartomante
a2n12p4 i4	sauna antares	homem	sim		publicidade	1/4 de página	homem nu de costas
a2n12p4 i5	thermas fragata	homem	sim	gay	publicidade	1/16 de página	dois homens vestidos de marinheiro se beijando. o mesmo de a1n4p18 i36
a2n12p4 i6	thermas 59	homem	sim		publicidade	1/16 de página	homem musculoso, nu, acariciando o próprio corpo. a mesma de a1n10p5 i8
a2n12p5 i7	athenas disco club	homem	sim		publicidade	1/4 de página	homem nu cm estátua grega
a2n12p5 i8	feira locka	homem	não		publicidade	1/4 de página	homem negro com o pescoço distorcido
a2n12p5 i9	fenix club	homem	sim		publicidade	meia página	homem agachado, nu
a2n12p6 i10	kaká rolando	ambíguo	não	drag	clip art	ícone pequeno	imagem de kaká di polly
a2n12p6 i11	kaká rolando	ambíguo	inconclusiv o	drag	fotografia	1/16 de página	fotos de um desfile drag

a2n12p6 i12	tattoo e bodypiercing	mulher	não		publicidade	1/8 de página	ilustração de mulher virada de costas, com o anúncio escrito em suas costas. a mesma de a1n3p4i7
a2n12p7 i13	excluídas dos excluídos	mulher	não	lesbica	fotografia	1/16 de página	duas mulheres em momento íntimo
a2n12p7 i14	gold night	homem	sim	gay	publicidade	1/4 de página	dois homens se beijando explicitamente.
a2n12p7 i15	cybermix	ambíguo	não		fotografia	1/8 de página	foto em negativo de um rosto
a2n12p8 i16	lulu lurex acontece	ambíguo	não		fotografia	1/8 de página	fotos da coluna lulu lurex, com ensaios de moda. a mesma de a1n10p10 i20
a2n12p9 i17	ferveção queer	ambíguo	não		fotografia	página inteira	fotos das festas da época. a mesma de a1n10p10 i21
a2n12p10 i18	homo faz homo mostra - hakan	homem	sim		fotografia	1/4 de página	fotos do modelo hakan, em vários looks diferentes. a mesma de a1n10p10 i22
a2n12p10 i19	homo faz homo mostra - rupaul	ambíguo	não	drag	fotografia	1/16 de página	foto da drag queen rupaul. a mesma de a1n10p10 i22
a2n12p11 i20	kraftwerk	ambíguo	inconclusivo	cyborg	fotografia	meia página	foto de boneco, meio robótico. a mesma de a1n10p10 i23
a2n12p13 i21	contatos imediatos	homem	não		fotografia	meia página	homens andando de bicicleta em cena inusitada
a2n12p13 i22	hair fashion	homem	sim		publicidade	1/16 de página	close no peito de um homem
a2n12p13 i23	r&r preservativos	homem	sim	gay	publicidade	1/16 de página	dois homens se tocando, como se lutassem, a mesma de a1n5p14 i34
a2n12p13 i24	Club Encontro	homem	sim	gay	publicidade	1/16 de página	dois homens prestes a se beijar
a2n12p14 i25	veneno by matahari	mulher	não		fotografia	1/8 de página	mulher com algemas, entre chamas
a2n12p14 i26	red point	homem	sim		publicidade	1/4 de página	homem com a cabeça abaixada e sem roupas
a2n12p14 i27	sauna 520	homem	sim		publicidade	1/4 de página	a mesma imagem utilizada na coluna em ebulição (a1n4p5 i6)
a2n12p15 i28	roteiro one way	mulher	não	bdsm	fotografia	página inteira	mulher vestida com roupa de couro
a2n12p16 i29	aeróbica fácil	homem	sim		fotografia	página inteira	tutorial de exercícios

a2n12p17 i30	falando sério - regina botari	mulher	não		fotografia	1/4 de página	mulher sentada nas escadarias de pernas abertas, usando roupa branca
a2n12p17 i31	Angels	homem	sim		publicidade	meia página	homem de anjo, nu
a2n12p18 i32	sex videos	homem	sim	gay	fotografia	ícone pequeno	capa do filme for my eyes
a2n12p18 i33	sex videos	homem	sim		fotografia	ícone pequeno	capa do filme fogo em alto mar - sexxy
a2n12p18 i34	sex videos	homem	sim	gay	fotografia	ícone pequeno	capa do filme upperclassmen
a2n12p14 i35	tudo a flor da pele	mulher	não		publicidade	1/16 de página	silhueta em preto de uma mulher agachada. a mesma de a1n10p15 i30